POESIAS

POR

ANTONIO PINHEIRO CALDAS

NATURAL DA CIDADE DO PORTO.

SEGUNDA EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA.

PORTO
TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Rua do Almada, 641.
1864.

POESIAS.

Ant.º Pinhr.º Caldas

POESIAS

POR

ANTONIO PINHEIRO CALDAS

NATURAL DA CIDADE DO PORTO.

SEGUNDA EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA.

PORTO
TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Rua do Almada, 641.

1864.

Eu nunca fiz soar meus pobres cantos
Nos paços dos senhores;
Eu jámais consagrei hymno mentido
Da terra aos oppressores.
Mal haja o trovador que vae sentar-se
Á porta do abastado,
O qual com ouro paga a propria infamia,
Louvor que foi comprado.
Deshonra áquelle, que ao poder e ao ouro
Prostitue o alaude!
Deus á poesia deu por alvo a patria,
Deu a gloria e a virtude.

A. HERCULANO.

A MINHA MULHER

D. CANDIDA CAROLINA CALDAS.

Minha Candida. O dia 4 de Maio do anno de 1850, é, para mim, como sabes, o dia das mais gratas e saudosas recordações da minha vida. Solemniso sempre o seu anniversario com os mais vehementes jubilos do coração.

Foi n'esse dia que, para sempre, enlaçamos os nossos destinos.

Nascido aos 12 de Novembro de 1824, tinha eu então vinte e cinco annos e meio, e havia apenas seis mezes que eu balbuciava a medo os meus primeiros cantos.

Poeta, pela primeira vez, aos vinte e cinco annos de idade!

Nasci para a poesia quando muitos morrem para ella!

Tornei-me poeta, casando!

E sabes, tu, o que quero dizer com isto, minha Candida?

Quero dizer que são teus, e só teus, todos quantos versos tenho escripto.

« As minhas lagrimas », poesia que sagrei á memoria de minha boa e nunca esquecida Mãe, e que não posso ainda hoje ler com olhos enxutos, compul-a a teu lado; e aquellas estrophes mais intimas, que não pude, então, passar do meu cora-

ção á lyra, deixei-as cahir no teu regaço, desfeitas nas perolas do mais sentido pranto....

Companheira fiel da minha vida, Anjo bom da minha Guarda, tu tens sido sempre a minha unica e verdadeira inspiração: são teus, e só teus, todos quantos versos tenho escripto!

Aqui, pois, t'os offereço; é meu coração que t'os dá: acceita-os; — que é a offerenda mais pura que posso depôr no teu altar de santa.

Porto, 2 de Fevereiro de 1864.

ANTONIO PINHEIRO CALDAS.

Estes os meus primeiros cantos. Dando-os ao prelo, offerecendo-os ao publico, sujeito-me ás legitimas consequencias da minha ousadia.

Defeitos sei que os teem e muitos, — que me não passaram elles desapercebidos; mas com franqueza o digo, uns não pude emendal-os, e outros deixei-os ficar, porque n'esses mesmos defeitos,

n'esse mesmo chão arido e escabroso encontrei, de longe a longe, algumas florinhas silvestres, que não tive forças para destruir.

Ainda assim, á parte a modestia, creio que alguma cousa valem estes meus versos.

Se a critica, rasgando-me o veu d'esta illusão tão cara, me apear do alto pedestal das minhas aspirações de poeta, ha de, tambem « e forçosamente » erguer-me ao nivel da minha provada independencia.

Ahi tendes esse livro: abri-o!

Meditai a sangue frio essas paginas escriptas, pela maior parte, á luz do sentimento e no ardor do enthusiasmo!

Apurai esses versos no crysol da mais rigida altivez!

Apurai-os, que os não vereis manchados com o cunho do servilismo: — não encontrareis n'elles

uma infamia, nem uma adulação, nem uma baixeza sequer.

Esta gloria quero-a, ambiciono-a, é minha!

« Não prostitui a lyra. »

Que me despenhem, se podem, do alto d'este meu orgulho.

A. P. CALDAS.

I.

INVOCAÇÃO.

Celeste inspiração, candida virgem,
Oh numen da poesia! — Tu, que ensinas,
Lá na etherea mansão os sacros hymnos
Aos meigos cherubins, magos archanjos,
Desce á terra, nas azas da harmonia,
E vem poisar teu genio sobre a lyra
Que o inexperto cantor desfere a medo.

Vem dar-lhe animação, vem afagar-lhe
As doces illusões, os bellos sonhos,
Os brincos infantis, longos anhelos,
As crenças no porvir, aureas esp'ranças,
Que lá, no pensamento, se debatem
Como as vagas do mar desencontradas,
Ou, antes, que refervem como a lava
Nos seios do volcão.
Vem tu, oh virgem,
Alindar-lhe as canções, doirar-lhe os vôos!
Em languido requebro, dá-lhe um riso,
Imprime-lhe na fronte um beijo em fogo,
Que lhe faça elevar seu estro ardente,
Que em delirio doudeja e que vagueia
Nos espaços da mente afogueada!
Vai com elle colher, em lêdos brincos,
As florinhas gentis, que, aos pés da serra,
Brando arroio beijou; — depois, com ellas,
Ensina-o a tecer linda grinalda
Com que possa adornar a nivea fronte
Do anjo que sonhara em devaneios.

Celeste inspiração! candida virgem,
Oh numen da poesia — inspira o vate:

Em seus carmes d'amor verte a magia;
Ensina-o a cantar heroicos feitos,
Que as tradições da patria nos revelam!
Vem os hymnos do ceu trazer-lhe á terra,
Modulados na voz do sentimento,
Para, humilde, levar aos pés do Eterno
Em maviosos sons seus cantos d'alma:
E mais audaz então, pulsando a lyra,
Ha de o vate, por ti, virgem celeste,
Magos carmes sagrar á patria cara,
Ao seu Deus, ao amor, e á liberdade.

Porto, 8 de Julho de 1851.

II.

AS MINHAS LAGRIMAS!

Á MEMORIA DE MINHA MÃE.

> Aos anjos que andam na terra
> Dá-lhes Deus bem curta vida.
> L. A. PALMEIRIM.
>
> Que eras do ceo, não da terra
> Bem m'o disse o coração.
> A. F. MOUTINHO.

Com as lagrimas nos olhos,
Com a dôr no coração,
Vou soltar da triste lyra
A minha triste canção.
— É singela, tão sentida
Como os ais da solidão;
Mas ardente, abrazadora,
Como a dôr do coração!

Dentro d'alma foi nascida,
Foi a dôr que m'a inspirou;
Foi a férvida saudade
Que no peito m'a gerou;
Foi a benção derradeira,
Que minha Mãe me lançou!...
Foi a dôr, a — dôr immensa —
Que este canto me inspirou.

Minha Mãe!... primeiro nome
Que a sorrir balbuciei!
Minha Mãe!... doce harmonia
Que jámais olvidarei!
— Eu, por ella, as santas crenças
No meu peito acalentei;
Mãe, e Deus!... foram os nomes
Que a sorrir balbuciei.

Minha Mãe! oh minha amiga!
Meu primeiro e santo amor!
Para mim foste na vida
Mais que um Anjo do Senhor!

Quantas vezes no teu peito
Escondi a minha dôr!...
Mãe! oh Mãe! tu foste sempre
Meu primeiro e santo amor!

Sempre boa e carinhosa
Vi o teu pranto correr....
Meigo pranto que sòltavas
Á voz do meu padecer....
Eras Mãe!... só tu podias
Minhas mágoas compr'ender....
Ah!... mil vezes com meu pranto
Vi o teu pranto correr....

....

Amor de Mãe!... — amor santo —
Ai de mim! já o perdi!
Tão ardente, tão sagrado,
Nunca, nunca o conheci!
Ha muito amor, n'esta vida,
Mas, tão puro, nunca o vi;
«Amor de Mãe!» conheci-o
Só depois.... quando o perdi!

....

E perdi-o!... sim, no mundo
Ao desamparo fiquei....
Foram lagrimas de fogo,
Lagrimas que então chorei....
De joelhos sobre a campa,
«Mãe! oh Mãe!» por ti bradei:
Mas debalde.... não me ouvias....
Ao desamparo fiquei!...

Mãe! oh Mãe!... Adeus... eu calo...
Mais não póde o coração!
Expirou.... morreu nos labios
A minha triste canção!
Só teu nome inda repetem
Os echos da solidão....
Teu nome — que o tenho n'alma
Como a dôr no coração!

Novembro de 1850.

III.

A SUA MAGESTADE EL-REI

O SENHOR D. PEDRO QUINTO.

Este é o ultimo canto, o canto extremo,
Que, espontaneo da lyra rebentando,
A teus pés vou depôr, oh Rei supremo!
Embora, inda meus pulsos algemando,
Venha o mundo affrontar-me. Eu não o temo.
Suas duras cadeias estalando,
Teu nome elevarei por toda a parte,
« Se a tanto me ajudar engenho e arte. »

Grandiosa foi, oh Rei, a tua estrella,
N'essa que o ser te deu Mãe virtuosa;
Tão fina educação, tão pura e bella,
Quem a fruiu de Mãe mais extremosa?
Tambem teu regio Pae, á imagem d'*Ella*,
Ao throno te guiou com mão briosa,
E a patria já teu nome idolatrava,
« Que de tal Pae tal Filho se esperava. »

Que orgulho deves ter, oh Rei potente,
D'este povo, que a herança te concede,
Povo grande e leal, sempre valente!
Se este solo é pequeno, se se mede;
Ao Imperio maior d'um povo ingente,
Em forças mais que humanas muito o excede;
Somos nós, que á India fomos, arrojados,
« Por mares nunca d'antes navegados. »

Folheia, oh grande Rei, o poema grande
D'essa brilhante historia portugueza;
Verás que de prazer a alma se expande,
A tantos feitos d'immortal grandeza!

Depois, alçando a voz, que, ufana, mande
Impôr silencio ao Orbe e á natureza,
Dize, affoito, qual é mais excellente,
« Se ser do mundo rei, se de tal gente! »

Esta é a patria immortal do illustre Gama;
De Castro, o viso-rei, que a India espanta;
Aqui nasceu Camões, que a lusa fama
No Orbe apregoou com gloria tanta!
Garrett, o gran cantor, que Lisia affama,
De cá seu nome pela Europa adianta;
Aqui, nasceu Pombal, Terceira forte,
« E outros em quem poder não teve a morte! »

Esta é a patria gentil dos mil primores,
Lindo jardim *por tantos cubiçado;*
Vegetam sempre, aqui, mimosas flores,
Em tapete de relva aveludado!
Lá canta a viração trovas d'amores....
Que terras! e que ceus! Que solo amado!
E, á noite, é bello ouvir, gemendo esquiva,
« A sonorosa lympha fugitiva.... »

Mas, se um dia ousar o ávido estrangeiro
Este solo invadir, com braço armado,
Ergue-te, Senhor Rei! Sê tu primeiro
A patria a defender, e o sceptro herdado!
Portugal surgirá, audaz guerreiro,
Ao soar teu forte e magestoso brado!
Dirás, oh Rei: «Á guerra!» — que a esperança
«Da liberdade está na vossa lança!»

E, «Á guerra» bradarão villa e cidade!
«Á guerra!» echoará na pobre aldeia!
A nossa independencia e liberdade,
Ha de o fogo inflammar, que o brio ateia!
E, entre mil ferros, e metralhas, ha de
A victoria c'roar-nos! Lusos! Eia!
Já outr'ora a bandeira castelhana
«Foi derribada aos pés da lusitana!»

Mas, não!... — longe essa ideia apavorada,
Longe o terrivel quadro da matança;
Descance na bainha a forte espada,
Surja o astro da paz e da bonança:

Hoje, — ás lides da industria — vem, doirada,
A c'rôa demonstrar alta pujança;
— Feito grande, potente e assignalado,
« D'um rei que temos alto e sublimado! »

Quando, ha pouco, Lisboa se estorcia
Nas angustias da dôr.... o rei prestante,
Descendo aos hospitaes, levava, pia,
Ao desgraçado a voz d'um pae amante!...
O flagello affrontou com sob'rania!
Foi rei! Não desmaiou! Marchou ávante!
Victorias d'estas cante-as o Universo,
« Se tão sublime preço cabe em verso! »

Regio neto do Duque de Bragança!
Fadou-te Deus, por certo, um grande alento!
A patria firma crenças e esperança
No teu vasto saber, no teu talento:
És para o mundo um astro de bonança;
Mais ainda: — és um regio monumento!
Que a tua fama o deslumbrou, preclara,
« E se mais mundo houvera lá chegara! »

Exulta, egregio Rei! Vês este povo?
É teu, — e teu será, eternamente!
Ha hoje uma affeição, um laço novo,
Que mais a ti nos prende, docemente!...
Mas, que, Senhor!... Já a custo os labios movo,
Mal posso inda bradar-te, vehemente:
És grande! és immortal! não tens segundo!
« Ensinaste a ser reis os reis do mundo! »

Novembro de 1860.

IV.

O OPULENTO.

Eil-o que passa nos seus trens faustosos
Ebrio das pompas que a riqueza dá;
Lança dos olhos um olhar d'affronta,
Ligeiro roda, e nem se avista já!

Insulto, escandalo, á miseria extrema,
Que ás portas bate do infeliz, que só
Vive em penuria, se é viver a vida
Eivada sempre de martyrio e dó!

Por altas noites, em salões doirados,
Se agitam danças d'um folgar sem fim;
E o rico mostra no esplendor que ostenta
Ornatos proprios d'um real festim!

Soam descantes, harmonias soam,
Que infiltram n'alma a languidez do amor....
E entre os folguedos,—que de veus se rasgam....
Celestes veus de virginal pudor!...

E as noites voam fugitivas, lêdas,
Entre as delicias que a ventura tem;
E os sons festivos, que ao prazer convidam,
Lá vão saudosos murmurando além.

Ás mesmas horas, que familias gemem,
Vazando o calix d'amargoso fel!...
Á quantos crimes não arrasta a fome
Com seus tormentos d'um pungir cruel!

A cara esposa, tão ditosa outr'ora,
Entre os afagos que o amor lhe deu,
Hoje, mendiga, mal resiste á fome,
Chorando o esposo que infeliz morreu!

Triste viuva, que vivia pobre,
Luctando embalde contra a acerba dôr,
Vendeu as filhas ao brilhar da infamia!!
Cedeu ao crime.... Santo Deus!... que horror!

Sob as arcadas de Mosteiro antigo,
Que a lua esmalta com saudosa luz,
Dous orphãosinhos — sem um tecto ao menos —
Á sombra dormem do velar da Cruz!

Honrado artista, sobre um leito humilde
Cahe sem alentos — que não póde mais....
Trabalha sempre, na miseria immerso,
P'ra soffrer penas no porvir fataes!

Velho soldado, que ao bradar da patria
Vertêra o sangue no calor da acção....
Vergonha! opprobrio! maldição eterna!
Hoje, esquecido, lá mendiga o pão!

A casta virgem á penuria cede!...
Do erro ao crime — só um passo vae!
Era hontem pura, criminosa é hoje,
Manhan, perdida, nas orgias cáe!

E o rico folga nos saraus luzidos,
Sorrindo a todos c'um sorrir mordaz....
E o rico baldo aos sentimentos nobres
Seu ouro esgota no prazer fallaz!

Só não tem ouro p'ra valer ao pobre....
Só não tem ouro p'ra calar a dôr....
Só não tem ouro p'ra salvar a virgem
Dos torpes laços d'um mentido amor!...

....

Homens *ditosos*; que folgaes no luxo,
Vergae á dôr, á compaixão vergae;
E os agros prantos de martyrio e sangue,
Nos lassos olhos do infeliz seccae.

Dae-lhe os sobejos d'essas mesas lautas,
Que as mais das vezes arrojaes ao chão!!
Folgae, embora, mas roubae á fome
Tantas familias, que mendigam pão!...

Maio de 1852.

V.

CONSTANTINO!

REI DOS FLORISTAS.

Ergue a fronte altiva e nobre,
Ergue a fronte, oh genio-rei!
A ti, sim, a ti me curvo,
A ti só me curvarei.
Que m'importam reis da terra,
Debatendo-se na guerra
Das mais turbidas paixões?
Podem outros dar-lhes cantos,
Eu, por mim, maldigo quantos
Rojam vis adulações.

O poeta nasceu livre
Como é livre o immenso mar;
Os cantos da minha lyra
Não os sei mercadejar.
— Á sob'rana intelligencia,
Á san virtude na essencia,
Só meus cultos prestarei:
CONSTANTINO! a ti um brado,
A ti meu canto enlevado,
A ti, sim, oh genio-rei!

Rival de Deus sobre a terra,
Quem te nega adoração,
Quando a França te sauda
— Novo rei da creação —?!
Quando a Europa, d'espantada,
Curva a fronte laureada
Ante o teu genio immortal?!
Quando colhes d'entre os louros
O mais rico dos thesouros:
— Um triumpho a Portugal —?!

CONSTANTINO! como é grande
O teu genio creador,
Quando vertes o perfume
No calix da *tua* flor!
Quando imitas a belleza
Da risonha natureza
Com teu magico pincel!...
— Quem ao vêr tão bellas flores
Não as crê proprios verdores
Do mais ameno vergel?

⪢•⪡

No tapete d'esmeraldas,
Que alcatifa o *teu* jardim,
Brinca meiga a branda aragem
Embalando alvo jasmim;
Fascinada a mariposa
Lá doudeja em torno á rosa,
N'ella poisa, mas em vão;
Na seiva o goso procura,
Não a encontra.... e na tortura
Morre, alli, d'uma illusão!

CONSTANTINO! a ti me curvo,
A ti só me curvarei;
És um astro luminoso,
És do mundo o genio-rei!
Quando a Europa os seus primores,
Variados, de mil côres,
Na Bretanha apresentou,
Quiz a França disputar-nos
Alta gloria; — quiz roubar-nos
O teu nome que assombrou....

Mas tu d'altivo bradaste:
« Sou filho de Portugal!
« Embora eu viva na França,
« É minha terra natal. »
Oh! bem haja o homem nobre,
Que ama ainda a patria pobre,
Rica outr'ora tanta vez....
Bem haja o filho valente,
Que da honra não desmente
N'esta acção de portuguez!

Constantino! vinga a patria
Que foi grande entre as nações;
Ennobrece-a, ennobrecendo
Mais e mais os teus brazões:
Genio raro! ergue-te ovante!
O teu futuro é brilhante;
Será teu nome immortal!
Viverás na lusa historia,
Qual lá vive inda a memoria
Do nome de Portugal!

Porto, 25 de Novembro de 1851.

VI.

NO ALBUM

DO MEU AMIGO ANTONIO MOUTINHO DE SOUZA.

Se um canto desejas, ornado de galas,
Das pompas do estylo, dos risos do amor,
Vae, lêdo, escutal-o nas magicas fallas,
Que o Orbe, em descantes, levanta ao SENHOR!

Atrepa ás montanhas, cobertas de gelo,
Que em chuva de per'las o sol faz brilhar,
D'um throno de rochas, verás como é bello
Ouvir os longinquos bramidos do mar,

E os sons gemebundos do vento, zunindo
Nas fisgas das serras, tocado do sul,
De nuvens sombrias o espaço cobrindo,
Que, ha pouco, formoso, trajava d'azul;

Verás como afinam, soando casados
Aos echos dos montes, á voz do trovão,
Aos medos das aves, e aos sons magoados
Das agoas, nas penhas, rojando em cachão.

Depois desce aos valles, por noites d'estio,
Bordadas d'estrellas, fadadas p'r'amar....
Escuta os sonoros murmurios do rio,
Que, em rolos de prata, se agita, ao luar,

E os ais melindrosos da aragem, bailando
Por entre as verduras dos brejos d'alem,
Qual louco menino, que, vaga, brincando,
Delicias fruindo nos gosos que tem.

Verás como é bella tão grata harmonia,
Librada em perfumes, que exhala o rosal....
Verás que torrentes d'immensa poesia,
Não teem esses hymnos d'uma HARPA IMMORTAL!

Se um canto desejas, ornado de galas,
Das pompas do estylo, dos risos do amor,
Não venhas pedir-m'o; — escuta-o nas fallas
Que o Orbe, em descantes, levanta ao SENHOR!

Abril 7 de 1853.

VII.

A FRANCISCO DE SÁ NORONHA.

NORONHA! Eis-me a teu lado. Eu não podia
Mentir a vocação.
N'uma festa de gloria portugueza,
Quem, poeta, faltou, ou é já morto,
Ou não sentiu jámais no peito ardente
A lava do vulcão!

N'esta noite de gloria portugueza,
Esta terra immortal,
Elevando-te á altura do talento,
Recta justiça fez; vingou teu nome;
Generosa, fez mais, — salvou da affronta
A propria capital!...

Compulsa bem, NORONHA, estas grandezas,
Não as olvides mais;
Essa medalha d'oiro ennobrecida,
Que o Porto te sagrou, entre mil palmas,
Colloca-a no teu peito sobre todas
As distincções reaes!

Póde fazer-te nobre um rei da terra,
Se ao capricho lhe apraz,
Mas sabio... nunca! — O sabio é mais que o nobre —
Os verdadeiros reis da intelligencia,
Os potentes de genio e de talento,
Só Deus, só Deus os faz!

Brilhante foi, Noronha, a tua estreia!
Agora, segue além;
Entra os mundos da arte portentosa:
Talento quem t'o nega? — Com talento
A patria inda honrarás, ganhando a fama,
Que só os genios teem!

Acena-te o Brazil.... Parte, Noronha,
Embarca inda uma vez!
Comtigo vae *Beatriz*, comtigo a gloria!
Lá te aguardam os louros vicejantes!
Brilharás — porque é lá que inda hoje brilha
O nome portuguez!

Noronha, exulta! Impavido não temas
Que sopre o vendaval.
Dissiparam-se as nuvens da tormenta....
A gloria que hoje tens ao Porto a deves,
Sê grato, pois, ao Porto que te salva
Beatriz de Portugal!

Março de 1863.

VIII.

INNOCENCIA!

Sans soin du landemain, sans regret de la veille
L'enfant joue et s'endort, pour jouer se reveille.
DELILLE.

Em meio das selvas, formosa donzella
Folgava sorrindo, da vida no alvor;
Na face nevada, tão pura e tão bella,
O fogo luzia de brando rubor.

O cravo cortado d'um lindo encarnado,
A rosa colhia mais branca e gentil,
Depois, lá voava, na relva do prado,
Em busca d'amores bem tintos d'anil.

Sentada nas margens d'ameno ribeiro,
Raminhos fazia com mago primor,
Á sombra d'antigo, frondoso salgueiro,
Que amigo lhe dava mui grato frescor.

Seus ramos beijava, d'amor delirante,
O aroma aspirando com vivido ardor;
Mas, eis que desprende sonoro descante
Das selvas o rei — mavioso cantor.

De tudo se esquece... lá parte voando...
Qual gamo ligeiro, nas balsas entrou;
Após um momento de novo tornando,
Do rei dos cantores nem mais se lembrou.

E toda cansada, deitou-se na relva....
Seus olhos tão negros depressa cerrou;
Ao vêl-a dormindo risonha na selva,
Dirieis — um Anjo que á terra baixou!

Outubro de 1849.

IX.

AO MORIBUNDO CYSNE DO VOUGA

FRANCISCO JOAQUIM BINGRE.

Restos illustres da famosa Arcadia;
Astro fulgente que nos ceus raiou;
Reliquias santas d'um valor immenso;
Altivo cedro que o tufão vergou;

Aguia altaneira que, transpondo o espaço,
Roçaste as azas nos frontaes do ceu;
Rosa esfolhada no pallor das campas;
Raios da lua a fulgurar sem veu;

Roble gigante, que no chão da patria
Mal podes dar-te, — que tão agro é!
Roble gigante que o bulcão do olvido
Queima a folhagem, cerceando o pé;

Padrão, já gasto, de passadas glorias;
Luz deslumbrante que expirando vais!
Bingre infeliz! vem inspirar-me um canto
Ornado apenas de sentidos ais!

Afaga a planta que nasceu nos ermos,
Vem dar-me alentos que não tenho, não;
Nas brandas cordas da chorosa lyra
Entorna os carmes de gentil canção!

Que eu possa, afoito, modular, gemendo,
Enternecidos como um som d'amor,
Meus pobres versos, repassados hoje
Do fel amargo d'amargosa dôr.

Ergue-te, oh Bingre, das risonhas margens
Do ameno Vouga, que te viu nascer;
Talvez, agora, a lamentar, quem sabe?
Teus infortunios, teu cruel soffrer!

Ergue o teu vôo, nas canções librado,
Ergue-o, POETA, e vem pairar aqui;
Verás um povo que não curva a fronte
Aos potentados, ir curval-a a ti!

Entre mil palmas e o estridor dos *bravos*,
Entre o delirio d'ovação febril,
Vingar-te-hemos do abandono amargo,
Que te ha pungido com tormentos mil!

Vingar-te-hemos, fulminando ousados,
Tredos governos que só dão valor,
Empregos, honras, distincções a esmo,
Aos que se curvam ao seu vão fulgor.

P'ra ti, que a patria ennobreceste, alçando-a
Além dos astros, n'um trovar leal!
P'ra ti, que arrastas... vacillante... e a custo
Dezoito lustros d'um penar fatal!...

P'ra ti, que gemes, qual gemeu Bocage,
E o pobre Quita, e o infeliz Garção;
P'ra ti, que soffres, qual Camões soffrera;
P'ra ti, que vives do *esmolado* pão;

Não ha, por certo, mingoada tença,
Roubada ao luxo, ao desperdicio atroz,
Que te arrebate ao flagellar da fome,
Que ás tuas portas negrejou, feroz!

Não ha!... Embora! Têl-a-has do Porto!
Não como *esmola,* oh! por Deus, que não!
Mas como um feudo tributado ao GENIO
Dos aureos tempos que passados vão!

Vingado, oh BINGRE, estás! Levanta a fronte
Engrinaldada d'immortaes laureis;
Levanta a fronte, que mais bellas c'rôas
Não as ostentam orgulhosos reis!

Levanta a fronte! As mundanaes grandezas
Bem cedo o olvido as rojará no pó;
Mas tu, morrendo n'uma enxerga... eternos
Mil nomes deixas no teu nome só!

Dezembro de 1852.

X.

Á EXIMIA TRAGICA ADELAIDE RISTORI

MARQUEZA DEL GRILLO.

Vêde-lhe a fronte, onde trasborda o genio!
Soletrai-lhe as feições... — buscai-lhe o nome!
É Ristori immortal, engenho raro,
Vulto grande, potente e magestoso,
Que seu throno firmou por sobre a Europa!
Vêde-a no palco, aonde ufana impera,
Ostentando os trophéos da sua gloria,
Arrastando os seus mantos de grandeza,
Empunhando o seu sceptro de Rainha!

Filhos do genio, irmãos pelo talento,
Nobres de coração, artistas d'alma,
Vós todos, que sentis dentro do peito
A chamma ardente, que germina a gloria;
Vós todos, que sabeis o que diz « arte »
Palavra santa, de tão mago enlevo;
Vós todos, a quem liga o amor do bello,
Prestai-lhe adoração, rendei-lhe cultos!

Oh Ristori immortal! Oh genio raro!
O throno augusto onde te erguera o mundo
Nos férvidos transportes do delirio,
Não é throno de reis, embora fulgido,
— É mais; vale bem mais teu longo imperio;
Deslumbra, collossal, teu regio solio,
Onde brilham as palmas verdejantes,
Que os povos, a teus pés, depõem, extaticos!...
— É mais: vale bem mais teu longo imperio;
Deslumbra, collossal, teu regio solio,
Paraizo immortal das tuas glorias,
Elevado em trophéos, no ceo das artes!

Meteoro de luz! Astro brilhante!
Não olvides jámais aureos triumphos,

Que o Porto te sagrou, ebrio de goso!
Não deixes uma só de tantas *c'rôas*,
Não esqueças um só de tantos *bravos*,
Não percas uma só de tantas *flores!*...
No livro da tua alma guarda, impressas,
Saudades d'estas noites delirantes!...
Quem mais te engrandeceu, quem mais podia
Doar-te um coração rico d'affectos?...

Oh RISTORI immortal! Se acaso um dia,
Murchas, sêccas, mirradas essas c'rôas,
Alguem t'as disputar, louco d'inveja,
Se alguem t'as disputar, então, Rainha,
Levanta a fronte e a voz, brada-lhe altiva:
« O Porto m'as sagrou...—*Eil-as! São minhas!*—
« O Porto m'as sagrou, hei de adoral-as!
« Sim! o Porto, esse povo heroico e bravo,
« Da Lusitania a terra mais briosa,
« Que ao proprio Portugal deu honra e nome!
« —Reliquias venerandas, sacrosantas,
« Meu goso eterno são, são meu consolo!
« Á memoria me trazem, suavissimas,
« Os louros de Camões, e as suas trovas,
« Os suspiros d'Ignez, e os seus amores,

« As glorias d'esse povo, e a sua historia,
« Minha historia tambem.... e meus triumphos! »

Ristori! Vaes partir! É doloroso,
O instante fatal em que nos deixas.
N'esse « adeos » que nos dás, no que te damos,
D'envolta ao coração, nos foge a alma....
E só póde expressar tão mago affecto
A palavra gentil, tão portugueza,
De tão doce expressão, qual é « Saudade »!

Fevereiro 23 de 1860.

XI.

Á POESIA.

Foi entre prantos que me riste, oh bella,
Magica estrella de fulgente luz,
Quando, perdido, malfadado, eu via
Só d'agonia a tormentosa cruz....

Ai! que torturas que soffri n'est'alma!
Mais negra palma, quem colheu jámais?
Quem me contesta a sob'rania immensa
« Na dôr intensa » dos meus tristes ais?!

Ninguem ousara.... que o sepulcro aberto,
Vi já, tão perto, que tremi d'horror....
— Da campa erguido semelhava espectro,
Quando aureo sceptro conquistei d'amor!

E tu me riste c'um sorrir supremo....
Que ardor! que extremo, não senti em mim!
Por entre as galas de porvir risonho,
Sonhei um sonho de prazer sem fim.

E ergui-me altivo!... Ainda envolto em prantos,
Meus doces cantos só á dôr sagrei;
Nas rubras orlas de festim pomposo,
Nunca, humildoso, o meu trovar soltei.

Ai! nunca! nunca! não manchara a lyra
Por quanto vira, e quanto o mundo tem!
Que me despenhem d'este orgulho santo....
Com o meu canto morrerei tambem.

Morrera, sim! que m'importara a vida,
Ainda cingida d'esse ardente amor,
Se a consciencia o coração ralasse,
Se a infamia á face me trouxesse a côr?!

E ergui-me altivo!... Ao miserando, ao pobre,
Que a dor encobre com funéreo veu,
Na voz dos carmes, eu forcejo e tento
Dar-lhes o alento que m'inspira o ceu!

E, se uma lagrima a cahir suspende,
E, se me entende o desgraçado e crê,
Entre os lampejos da risonha esp'rança,
Ver a bonança no sorrir da Fé....

Que immenso goso que me inunda o peito,
Que á dôr affeito, compr'endeu seus ais!
Que immenso goso! que prazer tão grande,
Que a alma expande a não poder ser mais!

E, então, me sinto transportado a um mundo
Novo, fecundo d'emoções, d'amor,
D'enlevos puros, e de quanto a mente
Sonhou, vehemente, n'um primeiro ardor....

E mais te quero, e mais te adoro, oh bella,
Magica estrella de fulgente luz!
E mais te quero, que me déste immensas,
Bem fundas crenças na ADORADA CRUZ.

Maio 15 de 1853.

XII.

SAUDADES DA INFANCIA.

AO MEU PARTICULAR AMIGO O D.r ANTONIO FERREIRA MOUTINHO.

> Por um dia... só um... d'esse tempo
> Minha esp'rança mais bella daria!
>
> SOROR DOLORES.

Infancia! quadra d'illusões formosa,
Em que a vida sorri com mago enlevo!
Quanto é meiga e donosa a tua imagem
Calando os seios d'alma!

Oh! quão gratas que são doces lembranças
D'esses tempos d'amor e de ventura,
Em que eu era innocente como um anjo,
Symbolo de pureza!

Eu folgava risonho em mar d'encantos;
Em brincos juvenis passava os dias;
E da noite ao cerrar do negro manto
Sorrindo adormecia.

E eram bellos os sonhos que sonhava:
Brincava lá nos ceus; — ouvia os anjos
Entoar ao Senhor cantos celestes
De magica harmonia!

E acordava, depois, nos ternos braços
Da carinhosa mãe que me afagava....
Que doce despertar! que santa vida
Tão livre de cuidados!

Ah! vem, oh linda imagem d'esses tempos,
Vem, sorrindo, mostrar-me o ceu d'outr'ora,
As estrellas, o mar, a lua, as flores,
Dos meus primeiros annos....

Que eu gose, inda uma vez sequer na vida,
As doces emoções da minha infancia!
Que eu as sinta — tão virgens e tão puras —
Como eram n'esses tempos....

Ainda uma vez só — quizera ainda
Sentir na face a viração da noite,
Cantando maviosa um hymno santo
Que o atheu não comprehende;

Quizera ouvir no pinheiral escuro
O saudoso gemer da triste rola,
Qual outr'ora o escutei — tão repassado
De candida ternura;

E lá sentar-me ainda aos pés do cedro
Que velho me abrigou nos verdes annos;
Ah!... e d'alli depois soltar meu canto,
Meu canto sempre livre!

Quizera, sim, quizera inda na fonte,
Onde outr'ora matei a sêde ardente,
Minha sêde estancar — que me devora
A febre da saudade!...

Mas ah!... eil-a por terra — mil ruinas
A fonte veneranda! Ao cedro annoso
Abateu-lhe a cerviz o rijo sôpro
Do furacão do norte!

A rola, em viuvez, já não descanta,
Já não solta d'amor um som canóro;
Nem já sequer a viração da noite
Murmura um hymno santo!

As estrellas, o mar, a lua, as flores,
Não tem, não, qual outr'ora um terno brilho;
Nem já — amor de mãe — nem almos sonhos —
Me embalam docemente!

....

Ah!... debalde eu te chamo, oh linda imagem,
Debalde inda uma vez te peço um riso....
Tu foges, não me escutas, só me deixas
Dentro d'alma a saudade!

Porto — Janeiro de 1851.

XIII.

IDEAL.

Anjo branco dos ceus, que me inundaste
Da luz da inspiração! Anjo formoso,
Por que me deixas, no ermo do abandono,
Tão triste e só, a descantar, saudoso?

Fada risonha, que antevi no enlevo,
Nas delicias d'um ceu, que o poeta cria,
Quando invade os espaços do infinito,
Nos vôos da arrojada phantasia!....

Mulher, que tanto amei... e que amo tanto!
A mais cara ambição de meus anhelos!
Deixa que eu possa realisar em sonhos
Os teus sonhos d'amor, outr'ora bellos!

Anjo! Fada! Mulher! Alteia a fronte
Soberba d'este amor, que te hei votado!
Tamanha adoração, amor tão grande,
Jámais o encontrarás, Anjo adorado!

Jámais o encontrarás!... Por ti morrendo,
Do mundo aos pés calquei duras algemas...
Por ti vivendo agora, por ti crendo,
Já sinto aspirações quasi supremas!

Mulher! que me has salvado d'esse abysmo,
Em que, naufrago, errava a cada instante;
D'esse mar procelloso em que vogava.....
Engrandece a paixão do teu amante!

Dá-me alentos, alentos grandiosos,
Para encarar, afoito, os que nos olham....
E não trahir o amor que te consagro,
E os prantos esconder que as faces molham!...

Dá-me alentos d'essa alma estremecida;
Vem comigo reinar, vem ser rainha
Onde, livre, sou rei — na soledade:
E a teus pés bradarei: « Mulher, és minha! »

N'esses campos d'além, que o rio banha,
Sobre o dorso dos montes escalvados,
Ou nas varzeas d'aquem, Anjo, teremos
Um ceu de gosos inda não provados!

Lá, sim, seremos livres! No infinito
Espaço voarão nossos anhelos,
Quaes voam hymnos que descanta o mundo,
Subindo aos astros, immortaes e bellos!

E, quando, em tardes de calmoso estio,
Vier o somno adormecer-te, oh linda,
Nos braços meus terás um novo leito
De novas sensações, de goso ainda!...

E, em quanto, á sombra da frondosa olaia,
Travessa brisa, te brincar no seio...
Irei, a medo, aos teus collar meus labios,
Sem queimar-te na febre d'este anceio!

Depois, deixando-te um instante apenas,
Irei colher p'ra ti mimosas flores
Aos pés da serra, aonde o arroio foge,
Talvez, por ti a suspirar d'amores!

Vem, oh Anjo! comigo! vem ser minha
Além, na solidão. Lá, resgatados,
Escravos só do amor, Anjo, teremos
Um ceu de gosos inda não provados!

29 de Março.

XIV.

A ACTRIZ DOIDA — LUIZA ABBADIA.

I.

A ACTRIZ.

Nos seios da tua Italia
A ventura te sorriu;
Foste um astro rutilante,
Que em funereo ceo luziu!
Fadou-te o Deus da harmonia;
Deu-te doce melodia,
Deu-te ardente inspiração....
— Quem sentiu mais goso n'alma?
Quem colheu mais rica palma
No fulgor d'uma ovação?

Quem pizou mais lindas flores?
Quem mais *bravos* escutou?
Quem de mais viçosos loiros
Sua fronte engrinaldou?
Quem já viu sorrir-lhe a gloria
Por entre a téla illusoria
De mais brilhante porvir?
Dize-o tu, maga cantora;
Mas.... impossivel te fôra....
Expressar não é sentir.

⊃•⊂

Sente o peito muitas vezes
O que o labio nunca diz....
Nem tu pódes revelar-nos
Os teus triumphos d'actriz;
— Esses gosos que gosaste
Quando n'alma aviventaste
O brazido do vulcão,
São os teus sonhos doirados,
São segredos registrados
No livro do coração!

São as delicias do Eden
Que do genio os filhos teem;
Sentem-nas elles na terra,
Elles só e mais ninguem....
Elles só, n'um vivo anceio,
N'um ardente devaneio
Em que aspiram o ideal;
Em que aspiram quanto é nobre,
Quanto no mundo se cobre
Com as vestes do immortal.

Mas, se a ventura desponta,
Vem depois negro soffrer:
« Por um goso mil tormentos
Do mais agro padecer »!
Duvidaes? oh! lêde a historia
Da predilecta da gloria,
Laureada como actriz;
Vel-a-heis, genio brilhante;
Após, tremer.... delirante;
Alfim, mulher infeliz!

II.

A LUCTA — O ADEUS Á PATRIA.

Travara-se a lucta nos plainos da Italia....
Á voz « Liberdade » responde o canhão;
Lampejam os ferros nos ferros cruzados;
De cada romano lá surge um Catão!

O fogo, que ardia no peito dos livres,
Rebenta, qual lava fremente a queimar....
Quem póde conter a corrente das chammas?
Os brios d'um povo quem póde abafar?

— Ninguem. —
Quando os povos pretendem ser livres
Em massa dictando, nas praças, as leis,
Não ha impedir-lh'o: — baqueiam os thronos,
Esmagam-se as c'rôas e os sceptros dos reis!...

Victoria! victoria! lá brada em tumulto
O povo d'escravo já feito senhor:
Victoria! victoria! murmuram os ventos
No ar açoitando o pendão bicolor!

Victòria! repetem os plainos da Hungria,
Quaes lagos de sangue brilhando ao luar;
Victoria! lá brada a Polonia algemada,
De novo tentando seus ferros quebrar!

Victoria! murmuram as Gallias altivas;
Victoria! repete Castella a tremer....
E o brado que sôa, confuso em distancia,
Ainda no Tejo se escuta ao morrer!

E os cantos, as trovas, os hymnos festivos
Succedem-se alegres da guerra ao troar:
Á sombra dos louros d'um nobre triumpho
Agitam-se os povos em doce folgar!

Mas breves se passam instantes de goso....
« Ás armas! » lá brada de novo o tambor!
« Ás armas! » repetem os filhos de Roma,
Voando ás muralhas com ávido ardor!

E os *livres do Sena* caminham — que infamia!
A espada na dextra, no peito a traição!...
Em frente dos muros intimam: « Rendei-vos »!
Respondem-lhe os bravos na voz do canhão!!

Bem hajas, oh Roma, que assim esmagaste
A altiva soberba do povo francez!
Bem hajas, oh séde d'antigas grandezas,
Que a morte preferes no azar d'um revez.

E a lucta renasce mais viva e renhida....
E os fortes raream mordendo no pó....
E os ferros baloiçam ao som da metralha,
Que arranca do peito gemidos de dó!

Mas, ai! que lá cedem os fortes do Tibre....
Mas cedem luctando nas ancias da dôr....
Mas cedem morrendo!...
Respeito aos vencidos!...
Deshonra ás phalanges do audaz vencedor!

*

E a mulher, que sorriu, banhada em pranto,

Ao vêr raiar formosa a liberdade
No ceu da sua patria,
Vergou ao soffrimento, á dôr profunda,
Ao tristonho morrer dos seus anhelos....
....
Recursos.... não os tinha....; — as suas joias
Vendeu-as p'ra valer aos desgraçados,
Aos nobres campeões da liberdade!...
....
N'este lance cruel d'atra agonia
Lá vôa a Portugal, terra de livres;
Lá vae cantar, actriz, nas margens bellas
Do fugitivo Douro!

....
Ao largo — sobre o mar — adeus extremo
Balbucía, chorando, á patria cara....
Ai! que amargos que são aquelles prantos
Tão diff'rentes dos prantos que vertera,
Quando, em extasis, vira a bella Italia
Elevar-se d'altiva ao Capitolio,
E, rainha, calcar grilhões d'escrava!

III.

A AFFRONTA — NO THEATRO DE S. JOÃO.

Matam muito os soffrimentos;
Oh se matam! — bem o sei,
Que as torturas d'agonia
Longo tempo exp'rimentei!...
Quando vejo um desgraçado
Estorcer-se, atribulado,
Sobre o poste do soffrer,
Dou-lhe um pranto generoso,
Que eu já sei quanto é custoso
Mui acerbo padecer!

⊃•⊂

E a cantora soffreu muito
Ao deixar o seu paiz;
Perguntae á philomela
Se em terra alheia é feliz...
Se lá distante e saudosa
Inda canta maviosa
Como alli.... na solidão;
Escutae-lhe a melodia,
Sentireis uma agonia
A trinar-lhe na canção!

Tal, a cantora exilada
Ás turbas se apresentou,
Laureada do prestigio
Dos triumphos que alcançou!
E mil vistas se fitaram
N'essas faces, que córaram
P'ra, de novo, desmaiar,
Como a nuvem que, doirada,
Fica branca assetinada,
Quando o sol s'esvae no mar.

⩥⬥⩤

E mil acordes divinos
Retumbaram no salão....
Era a orchestra que fallava
Tão sentida ao coração!
Era o rei d'alta harmonia,
Era VERDI, que fazia
As fibras d'alma abalar....
Umas vezes vehemente,
Mas outras doce e plangente
Como a brisa a suspirar....

E a cantora descantava
Com doçura, com saber,
Triste como a philomela
Modulando em seu soffrer;
Mas a sua voz mimosa,
Ai! tremeu, qual treme a rosa,
Ao soprar da viração....
Eu curvei-me ao sentimento,
Ao seu nobre abatimento,
Aos estragos da paixão!

>•<

Mas as turbas não compr'endem
A grandeza do sentir;
Arrojaram-lhe as affrontas
Nos sarcasmos do sorrir!
—Pela taça do martyrio
Sorveu a triste, em delirio,
O veneno mais atroz....
E depois... allucinada....
Cahe por terra, desmaiada,
Junto aos pés do seu algoz!

Então rebentam as palmas
Com violencia, com ardor....
De cada lado um triumpho,
De cada parte um louvor!
É que já n'esse momento
Dominava o sentimento
D'uma esteril compaixão....
Tarde foi! de que valia,
Se já na fronte lhe ardia
O sangue, como um vulcão!
....

IV.

A DOIDA.

Deixae passar a doida!... Respeitae-lhe
A demencia gerada na desgraça....
Oh! não vos agrupeis que ella suffoca....
Deixae, deixae que esse ar que inda respira
Possa, livre, gemer em torno d'ella
Afagando-lhe a face requeimada,
Mitigando-lhe um pouco a febre ardente,
Que no amago do peito lhe referve.

E ella vem caminhando a passos lentos....
Na fronte, que lhe pende sobre o seio,
Avulta-lhe uma c'rôa inda mimosa,
D'essas muitas que a Italia lhe offertara,
Quando em mago fulgor — astro nascente —
Viu rojar a seus pés um povo inteiro,
Que, em delirio febril, topava as raias
D'uma ovação ardente e enthusiasta!

Tem os braços cruzados sobre o peito....
Ondeam-lhe os cabellos sobre o collo....
Seus vestidos são brancos como a face
Onde a dôr lhe transluz: — mas ella chora...
E ajoelha no chão.... e a c'rôa arranca,
Que a fronte lhe adornava.... Ai! como fita
Os olhos n'ella scintillantes!... — como
Um beijo lhe imprimiu no ardor da ancia!

E quem lhe não compr'ende a dôr pungente,
Que, atravez da demencia, transparece?!
Quem não vê, n'esse olhar e n'esse beijo,
A paixão que lhe escalda os seios d'alma?!

Quem não sentiu no peito uma agonia
Que o pranto inda retem ao vêr seu pranto?!
Quem não dá um consolo á desgraçada,
Que a esperança só tem — na paz da campa?!

*

Poetas, chorae a sorte
Da mulher que foi actriz....
Não vos diz o peito em ancia
Que tal sorte vos condiz?
Confrontae: — é vossa a historia...
Aspirou o ceu da gloria
No fulgor das ovações;
Tambem como ella foi nobre,
E, tambem, calcado e pobre,
Á campa desceu Camões!

Maio de 1851.

XV.

NO ALBUM

DA EX.[ma] SNR.[a] D. MARIA ISABEL DE CASTRO MONTEIRO.

As harpas da noite murmuram, sonoras,
Se os sopros da aragem as fazem vibrar;
Se os cantos que soltam, d'aéreo perfume,
Ao longe se casam co' as trovas do mar.

Seus hymnos plangentes são vaga harmonia,
Que a Verdi inspirára, mil vezes feliz;
São versos que Byron deixou, repassados
Da dôr que soffrendo seu estro nos diz.

E as harpas da noite não cantam p'r'aquelles
Que, alegres, se engolpham n'um louco festim;
Mas cantam p'ra os tristes que soffrem, que gemem,
Na dôr vegetando; mas cantam p'ra mim.

Seus echos saudosos, quaes ternos suspiros
Da virgem, que anceia carinhos d'amor;
Quaes doces lamentos da pobre creança,
Que apenas nascida pranteia na dôr;

São unicos gosos que o mundo me cede,
Na vida isolada que a sorte me deu;
Extremo consolo que importa doçuras
P'ra quem tantas mágoas tão joven soffreu!

Senhora. Se um dia no peito sentires
As negras torturas d'um vivo penar;
Ás auras da noite confia os teus prantos,
É doce com ellas, bem doce o chorar....

Os prantos vertidos nos seios da noite,
São per'las brilhando no manto do amor;
Acordes solemnes de nobre alaúde,
Pulsado nas horas supremas de dor.

Maio 16 de 1855.

XVI.

NO ALBUM

DO TALENTOSO PINTOR FRANCISCO PINTO COSTA.

A Italia te sorri.... O sol ardente
D'essa nação, fadada para as artes,
Ha de, em breve, largar o fogo ao fogo,
Que a tua mente inflamma!

6

A Italia te sorri.... Os seus thesoiros,
Immensos como a alma do poeta,
Estudados por ti, talvez, bem cedo,
Mais um thesoiro encerrem!...

E entre choros, tambem, sorri-te a Patria,
Que as saudades mitiga co' a lembrança
De que, um dia, virás seccar-lhe os prantos
Co' as ramas dos teus loiros....

A Patria! impulso nobre ás almas grandes!
A Patria! não a olvides um momento,
Que, por ella, PINTOR, has de elevar-te
Ao cumulo da Gloria!

16 de Julho de 1855.

XVII.

A VAREIRA.

NO ALBUM DO ILL.mo SNR. CARLOS NOGUEIRA PINTO GANDRA.

CANÇÃO.

Nascida entre as finas areias doiradas,
Que as margens guarnecem das praias d'Ovar,
Vagando nas ribas, d'espùma banhadas,
Risonha ventura me vem afagar.

Aqui, n'estes ermos,
É docê viver;
Bem longe do mundo
Só góso prazer.

E quando serenas se agitam as vagas,
Qual peito de virgem, que anceia d'amor,
E lá quando o vento descanta nas fragas
Um hymno sentido que envia ao Senhor;

Então, no meu barco,
Vou, leda, saltar,
E as velas desfraldo,
Voando no mar.

>●<

Voando, voando no dorso agitado
Da branca mareta bordada d'azul,
Qual vôa nos lagos o cysne nevado,
Por tardes calmosas, boiando taful.

E as fisgas e redes
Eu lanço no mar.
Que vida tão grata!
Que bello folgar!

Ás vezes, de noite, por serras d'areia,
Caminho, sósinha, cantando ao luar;
Eu vou á cidade, que ao longe campeia,
Vender os productos das pescas do mar.

Com doces fadigas
Sustento meus paes;
Oh Ente Supremo,
Bemdito sejaes!

⁂

Nos imos do peito da humilde vareira
Não calam os sonhos de negra ambição;
As ondas, as rochas, a brisa ligeira,
O limo das fragas, a areia do chão....

Os gosos são estes
Dos ermos d'aqui;
Com elles me quero,
Com elles nasci.

Nos dias de festa — que trajo engraçado!
Eu visto um collete de fino carmim,
Um cinto verdinho, chapeo desabado,
— Que coisas tão lindas, tão gratas p'ra mim! —

E a saia curtinha,
Com fitas d'anil,
Descobre os contornos
Da perna gentil!

⋈

E quando os mancebos seus olhos fitando
Nos meus tão escuros, me fallam.... d'amor....
Eu sinto nos labios o riso pairando,
Nas faces morenas eu sinto o rubor;

Mas ai! que de pressa
Se gela meu rir,
Que eu temo, medrosa,
Me queiram trahir.

Ai! serras, fraguedos, ai! vastas areias,
Ai! terras da patria, quão gratas que são!
Ha laços mais fortes, mais doces cadeias?
P'r'a filha das praias, por certo que não:

— Que eu vivo gostosa
Nas terras d'Ovar,
Vagando nos ermos
Á beira do mar.

Porto — Julho de 1851.

XVIII.

Á POLONIA.

Logar p'ra mim tambem! Se daes banquete
Aos nobres filhos d'esta terra heroica,
Exijo o meu talher; quero sentar-me,
E erguer um brinde igual aos mais convivas!

Se é apenas torneio em que só fulgem
Os aureos diademas da sciencia,
Ainda assim ficarei! — A par do cedro,
Que a fronte eleva ás regiões dos astros,
Vegeta o lyrio, que a corrente embala!

Se ha combates em prol da Liberdade;
Partilho-os eu tambem; quero uma espada:
Quem no Porto nasceu, entre montanhas,
Peleja livre, — não succumbe escravo!

Não ha luctas em prol da Liberdade;
Banquetes tambem não; não ha torneios:
Ha só brados de ardente sympathia,
Votados á Polonia, inda algemada!

>•<

Foi uma nação valente
Essa Polonia d'então;
Tinha patria, reis e crenças,
Tinha fé no coração.
Era livre como o vento;
Como é livre o pensamento;
Mais livre que o proprio mar.
Nação brava e destemida,
A seus pés já viu, cahida,
A bandeira do Czar!

Cahida, sim! arrastada....
Que o diga a propria Moscow,
Quando as *aguias* arriando,
Pendões livres hasteou!
Que o digam negras voragens
D'aquellas hordas selvagens
Fugindo para além Don....
Que o digam tantas batalhas,
Em que os bravos por muralhas
Tinham só o coração!

Mas lá do Volga rebentam
Hoje infrenes legiões;
São os barbaros do Caucaso!
São escravos a milhões!
Com elles marcha a matança,
O incendio, o saque, a vingança,
O inferno com elles vem!...
Mas os bravos polonezes,
Sobranceiros aos revezes,
Ferem luctas d'um p'ra cem!

Langiewicz, Padléwski e muitos,
Dão á patria mil laureis;
Mas que importa, se lá vergam
Ante as patas dos corseis!
Sandomir, *Cracovia* e *Rava*
Quebram algemas da escrava,
Vem guerreiras combater....
Á Polonia, enfraquecida,
Resta-lhe um sopro de vida....
Mas combate.... até morrer!

>•<

Guerra santa! guerra nobre!
Povo martyr, sem rival!
Quanto dóe a algema estranha,
Já o sabe Portugal....
Se esta nação fôra forte,
N'essa partilha de morte
Um quinhão era p'ra nós;
Que triumpho tão augusto!
— Salvar a causa do justo,
Honrando as cinzas d'avós!

Oh poderosa Inglaterra,
Nobre senhora do mar!
Deixarás povo tão bravo
Entre ferros acabar!?
Não, que és livre; e á tua gloria
Ainda falta uma victoria,
Mas victoria collossal!
Ergue a Polonia!... Vencida
Ouça a Russia, espavorida,
A tua salva real!

Então novos horisontes
De liberdade e de luz
Surgirão p'ra quantos povos
Arrastam pezada cruz!
Então os livres da terra
Por ti, oh nobre Inglaterra,
Hão de a prece erguer aos ceus!
E do leito em que gemia,
A martyr, que succumbia,
Só dirá: «Bemdito Deus»!

Abril de 1863.

XIX.

NÃO SABES?!...

Não sabes o que diz lagrima ardente,
Pelas faces maceradas,
A correr?...
Não sabes o que diz brando suspiro,
Que do peito, junto aos labios,
Vem morrer?...

....

....

Diz a lagrima na face
    Que no peito existe a dor....
O suspiro esse revela
    Um pensamento.... d'amor!....

Março de 1849.

XX.

A ESPERANÇA.

É virgem risonha de negros cabellos,
Cahindo, em novellos, nos hombros de neve,
São per'las seus dentes se os labios de rosa
Da bôca formosa se agitam de leve.

O seio ondulante do jaspe mais puro
Se engasta, seguro, na fragil cintura;
Esbelta e mais linda que a linda palmeira,
É nuncia fagueira d'extrema ventura.

Os olhos... que olhos!.... scintillam, radiantes,
Quaes lumes distantes, dos ceus na saphira;
E a voz que desprende d'estranha harmonia
Semelha a magia d'extatica lyra!

Nas pregas trementes da verde roupagem,
Que, aos sopros d'aragem, se enlaçam, rugosas,
Envolve-se a virgem, alçando, nevada,
A fronte elevada, cingida de rosas.

E eu via apontar-me um futuro brilhante,
Dos gosos d'amante, bem farto, bem cheio!
Eu vi-a, e, largando meus vôos ao genio,
Subi-me ao proscenio d'um magico enleio!

Que mundos eu vira! que enlevos sonhara!
Que gosos gosara! que o diga quem sente
Na ancia amorosa do peito incendido,
A chamma, o brazido d'um fogo latente.

Que mundos eu vira! que enlevos sonhara!
Que gosos gosara! que o diga o que aspira
Erguer-se em transportes ao templo da Gloria
Cantando « victoria » nos cantos da lyra.

Que o diga!... Não dizem!—Quem n'alma acalenta
A febre sedenta que gera a poesia,
Não conta os mil gosos d'um curto delirio,
Que, a par do martyrio, sua alma extasia....

....

Esp'rança! meu sonho, de ha muito, sonhado
No ceu encantado, que a mente me anceia....
Esp'rança!—não fujas—que ao teu mago aspeito,
O fogo, em meu peito, mais vivo se ateia!

Fevereiro de 1850.

XXI.

O ADEUS DO SOLDADO.

A MINHA PRIMEIRA POESIA.

.... mi bandera
Es la gloria para mi.
....
A la voz de « guerra á muerte »
Flotas, ligera, en el viento,
Libre como el pensamiento.

D. Luis Rivera.

Vou, Elvira, partir.... vou deixar-te,
Que o dever do soldado é marchar!....
Já relincha o ginete fogoso,
Já tremúla a bandeira no ar!

Adeus, Elvira, formosa,
Dos teus labios côr de rosa
Desprende meigo sorriso:
Inspira ao pobre soldado,
Sempre triste e desgraçado,
O valor que lhe é preciso.

Dá-lhe um ai, um terno adeus,
Fita n'elle os olhos teus
De tão ingenua expressão....
Dize-lhe que, embora ausente,
Ficará sempre presente
Em teu fiel coração.

Mas, minha Elvira, tu choras!?
Porque, triste, te apavoras?...
Encara o nosso porvir!
Olha, não vês a esperança,
Que nos aponta a alliança,
Inda que longe, a sorrir?

Minha Elvira, tem valor!
Os nossos dias d'amor,
Por Deus! não hão de acabar!
Na guerra não morrerei,
E saudoso voltarei
P'ra nunca mais te deixar.

A teus pés e triumphante,
Ha de o soldado, constante,
Na volta — louros depôr:
E no arfar do niveo seio
Ha de vêr o teu enleio
E morrer.... alli.... d'amor.

Porque choras, minha Elvira?...
Se nunca, nunca te vira,
Mais feliz seria então;
Partiria para a guerra
Sem deixar na minha terra
O meu bem — meu coração!

Mas.... escuta!... ouço rumor!
É o rufar do tambor,
Que aos bravos convida á gloria!
Adeus!... quando a patria falla
O soldado tudo cala....
Corre — vôa — p'r'a victoria!

Vou, Elvira, partir.... vou deixar-te,
Que o dever do soldado é marchar!...
Já relincha o ginete fogoso,
Já tremúla a bandeira no ar!

Maio de 1849.

XXII.

A SUA MAGESTADE EL-REI

O SENHOR D. PEDRO QUINTO.

Curvada a fronte, em respeito,
Ante o teu throno real,
Vem prestar-te honroso preito,
Senhor Rei de Portugal,
O povo d'esta cidade!
Campeão, que á liberdade
Inteira a vida sagrou,
A par d'esse REI-SOLDADO,
D'esse amigo tão provado,
Que o coração nos legou!...

Era o Duque de Bragança,
Pedro quarto — o Imperador —,
Cuja vivida lembrança
Nos traz inda amarga dôr....
Rei valente e memorando,
Que dois sceptros empunhando,
Dos sceptros legado fez,
P'ra vir aqui, na batalha,
Expôr o peito á metralha,
Ser soldado portuguez!

>o<

É, pois, bem grande este preito,
Senhor Rei de Portugal,
Que este povo é sempre affeito,
Aos seus Reis a ser leal.
Se o *dever* lhe brada « guerra »
Nada o doma, nada o aterra,
Corajoso, é mesmo audaz!
Eil-o, depois, trabalhando,
Nobre emprego honroso dando
Ás brandas horas da paz!

Paz! que palavra grandiosa!
Nem o proprio labio a diz
N'aquella esphera alterosa
D'uma existencia feliz!
Com a paz prospéra a arte,
O commercio em toda a parte
Mais se ostenta animador;
E a industria, e a agricultura
Dardejam o sol da ventura
Nos negros antros da dôr!...

Bem haja o Rei que engrandece
As santas festas da paz!
— Como o throno se ennobrece
Nos alentos que nos traz!
Mas tambem, Rei adorado,
Quem é mais idolatrado?
Mais que tu, quem foi jámais?
A patria presta homenagem
Á tua grande coragem,
Aos teus dotes liberaes!

E bem d'elles, Rei, careces,
Que, em tormentas ruge o mar....
E apesar d'esforço e preces
Nós podemos naufragar....
— É d'além d'essas montanhas,
Que o Leão d'antigas sanhas
Tenta assolar o paiz....
Esta terra, emancipada,
De Dom Antonio d'Almada,
Do grande Mestre d'Aviz!

⊃•⊂

Esta terra de valentes,
De Pintos, Castros, Cabraes,
Que nos deixaram, patentes,
Tantos feitos immortaes!
De Dom Nuno Alv'res Pereira,
D'essa potente barreira
Contra as hostes do invasor!
De tanta gente illustrada,
Que com a penna e co' a espada
Deram á patria fulgor!...

O poeta, quando inspirado,
Sobe ás alturas dos ceus;
Desce depois, arrojado,
Fallando as fallas de Deus!...
Crê-me, oh Rei! o teu reinado
Será um dia provado
Nas agras provas da fé!...
Será o Reino combatido,
Mas, com' Deus, nunca vencido,
Luctará sempre de pé!

A paz, Senhor! é formosa
Quando é livre o coração;
Mas ferrea paz, affrontosa,
Oh! por Deus! mas isso não!
Isso não! guerra mil vezes,
Porque somos Portuguezes;
Porque temos Patria e Rei;
Porque não somos escravos;
E porque acima dos bravos
Ha um só poder — a Lei!

N'esta terra — fortaleza
Sobranceira ao vasto mar,
A bandeira portugueza
Ha de sempre tremular!
Sobre essas frageis muralhas
Podem talhar-nos mortalhas,
E nossas vidas ceifar....
Mas não poderá o estrangeiro
Abater um povo inteiro,
Nem seus pulsos algemar!

Qualquer que seja o futuro;
Do antigo Imperador
Tens um reducto seguro
N'essas linhas de valor.
Acode, oh Rei! a teus brados
Seremos todos soldados,
E n'outro assedio immortal,
Dos muros d'esta cidade,
Bradaremos: « Liberdade!
Pedro quinto e Portugal! »

Agosto de 1861.

XXIII.

O POETA.

NO ALBUM DO ILL.[mo] SNR. JOÃO CLEMENTE MENDES.

Vês altas serras, d'alcantis medonhos,
Que a fronte elevam, magestosa, ao ar?
Não vês, sobre ellas, esse vulto negro,
Sentado, olhando as extensões do mar?

Não vês?... repara!... lá se agita e move,
E cruza os braços e de pé ficou!
— Semelha estatua, em pedestal firmada,
Que mão de mestre com cinzel traçou!

Semelha estatua! nem sequer respira....
E os olhos fita no ceruleo ceu!...
— Fugira o sol e vem surgindo a noite,
Velada a face com funéreo veu.

Seu negro manto desdobrou saudosa....
E o espaço immenso, que formoso está!
Milhões d'estrellas lá refulgem, bellas!
Milhões de mundos o povoam já!

Semelha estatua! nem sequer respira....
E a branca lua despontando vem;
E o quadro bello, magestoso agora,
Que mil encantos, que grandeza tem!

E a calma impéra na amplidão dos ares,
E o ceu tingiu-se de purpurea côr,
E a branda aragem, volitando amena,
Seus hymnos geme, d'harmonia e dôr!

Semelha estatua! nem sequer respira,
Mas dentro d'alma que vulcão lhe vai!
Quem saberia traduzir poemas,
Que, após instantes, desprendeu n'um ai?!

Quem saberia?... E quem tentara, ousado,
Sondar arcanos da eternal mansão?
Quem póde, afoito, devassar mysterios,
Que a lousa encerra no marmoreo chão?

Mas ai! que o vulto já não finge estatua!...
Á luz da lua, n'um febril tremor
Eu vi seus labios.... agitados.... brancos....
Erguida a face, mas perdida a côr....

E a passos largos, n'um fugaz delirio....
Soltas palavras murmurava então....
E nos espaços lá soavam, bellas,
Mimosas trovas d'immortal canção!

Quem é? quem é? de toda a parte escuto!
Quem é? vão echos repetindo além!
E o mar que, em rolos, se arrojava ás fragas,
Quem é? bramindo perguntou tambem!

Pergunta insana! Não sabeis ainda
Quem é que, triste, na feral mudez,
Vae, sobre as rochas, a carpir saudades?!
Doces lembranças a chorar talvez?!

Vêde-lhe a fronte, que, espaçosa e larga,
Revela o genio borbulhando á flor!
Vêde-lhe a fronte, sobranceira, altiva!
Vêde.... e curvai-vos ao gentil cantor!

É elle! é elle! é o Poeta, errando
Nas serranias, a voejar nos ceus
Co' o pensamento que elevou, rompendo
Pesadas sombras de pesados véus!

É elle! é elle! recalcando a custo
No peito, em ancia, um turbilhão cruel
D'intimas penas, de paixões amargas,
Revoltas todas em voraz tropel!

É elle! é elle! incendiada a mente
Nas vivas chammas d'um febril queimar,
Pedindo ao ceu inspirações sublimes!
Meiguice á lua! liberdade ao mar!

É elle! é elle! — campeão do povo —
Que, triste, o afaga no exhalar d'um ai!
E o vandalismo com denodo esmaga!
E a prepotencia fulminando vai!

....

E é elle ainda, que legando á patria
— THESOUROS D'ALMA — nas leaes canções,
No vilipendio, na miseria morre!!
Morre, *esquecido*, qual morreu Camões!

Agosto de 1852.

XXIV.

AO MEU MUITO PARTICULAR AMIGO

APPARICIO AUGUSTO DA CUNHA SAMPAIO.

(NO SEU ALBUM)

Ha sómente uma palavra,
Por muitos mal empregada,
Que revela affectos nobres
D'affeição desint'ressada.

Essa palavra, tão santa,
Aqui a vou escrever:
« Amizade »; — que a defina
Quem a sabe compr'hender.

Qual tu és, Amigo, ha poucos;
Presto cultos á verdade:
Quantas finezas não devo
Á tua nobre amizade!

Qualquer que seja o destino,
Que me reserve o porvir,
Só poderei olvidar-te
Quando cessar d'existir.

S. João da Foz, 19 de Julho de 1863.

XXV.

A MENDIGA.

Pedi ao coração ideias uteis...
....
Creai imagens grandes de virtude.
C. CASTELLO BRANCO.

«Quem se lembra da pobre desvalida?!...
Quem se lembra da filha da desgraça?!...
Quem o braço lh'estende, compassivo,
E uma esmola lhe dá por caridade?!...»

Era a voz da mendiga, que implorava
A escassa compaixão dos que passavam.
Sentada sobre um marco ennegrecido,

Á beira do caminho, alli, chorando,
A infeliz revelava a dôr profunda
D'um intimo penar!

Em sêccas palhas,
Lançadas sobre o chão, dormia o filho
O somno da innocencia. Em torno d'elle,
Tristurosas gemiam brandas auras,
Amimando-lhe as faces desbotadas
Com os proprios anneis dos seus cabellos.

Mimoso fructo da arvore da vida,
Porque desabrochaste, a sós no ermo,
Á luz da desventura?!
Melhor te fôra a ti não ter nascido!...
Pudesse eterno ser teu brando somno....
Pudesse ser da morte o somno amigo....
Voaras ao ceu já — fôras ditoso!

«Quem se lembra da pobre desvalida?!...
Quem se lembra da filha da desgraça?!...
Quem o braço lh'estende, compassivo,
E uma esmola lhe dá por caridade?!...»

E o viandante seguiu sem que esmolasse

Aquella pobre mãe! Passára rapido
Qual negro pensamento em alma pura!
E a triste ficou só, fitando o filho,
Com olhos d'intranhavel soffrimento!

Cortava o coração vêr a miseria
D'aquelles infelizes, sem arrimo,
No auge da nudez e do abandono!
Cortava o coração vel-os expostos
Ao frigido soprar d'aridos ventos,
Ao intenso calor d'um sol ardente,
Aos medonhos bulcões da tempestade,
Alli, jazendo a sós no descampado,
Sem um leito — a não ser a fria terra,
Sem outro tecto mais que o ceu immenso!

Inda assim, nos extremos da penuria,
A mãe é sempre mãe! Lá mesmo ainda,
Carinhosa a vereis cercar o filho
D'afagos, de caricias e consolos,
De quanto um santo amor póde inventar-lhe!

Tocava em seu zenith o sol do estio;
Seus raios dardejavam, penetrantes,

Na terra, onde a desgraça havia erguido
Um throno d'innocencia, envolto em prantos!
E a mendiga, alquebrada e sem alentos,
Mal podendo nos braços já firmar-se,
Para o filho estendia o debil corpo,
E d'est'arte o roubava, estremecida,
Ao férvido queimar do sol intenso!
— Hastea quebrada da frondente olaia,
Que o tufão arrojara a longes terras,
E que sêcca, mirrada, e já sem vida,
Ainda bemfazeja, assombra o lirio,
Que, em doce languidez, pende nas margens,
De límpida corrente.

E o filhinho acordou....
Como era triste
Escutar-lhe o gemer, ouvil-o em prantos,
Pedir á mãe o pão saibrento e duro,
Amargo pão, que o pobre orvalha sempre
Com lagrimas de sangue!

E este quadro sombrio e lastimoso
Era na dôr sublime!... Compungia
O ver aquella mãe desventurada,

Ebria, louca d'amor, fitar o filho....
Estreital-o.... cingil-o contra o peito....
Devoral-o com beijos e caricias....
Mas logo, succumbindo ante a miseria,
Ante os gritos do filho dolorosos,
Ante o espectro da fome aterradora,
Era acerbo e cruel vel-a, em delirio,
Estorcer-se, e cahir desfigurada
Pela ancia voraz do desespero!...

Homem que passas, curva-te á desdita!
Respeita a magestade do infortunio!
Enxuga, enxuga os prantos do martyrio,
Que dos olhos rebentam da mendiga!...
Que te vale um ceitil? oh! dá-o á misera,
Á mulher desgraçada, á mãe chorosa,
Que o mundo abandonou—que o mundo impelle
Á dôr, á perdição, ao vicio, ao crime!
....
....
«Quem se lembra da pobre desvalida?!...
Quem se lembra da filha da desgraça?!
Quem o braço lh'estende, compassivo,
E uma esmola lhe dá por caridade?!...»

*

Em nome d'essas classes desditosas,
Victimadas á fome e ao soffrimento,
Em nome d'esses tantos infelizes,
Cobertos dos andrajos da miseria;
Em nome da virtude e caridade;
A vós, que ricos sois, que podeis tudo:
A vós, que governaes, *nossos tutores;*
A vós, filhos do povo, elevo um brado,
Que a consciencia dictou — que o senso approva.
= Peço pão e saber p'r'os desvalidos! =
A patria é sempre mãe, nunca madrasta;
Oh! não queiraes, por Deus! homens de bronze,
A essencia desmentir-lhe e a natureza!
Áquella mãe, que geme ao desamparo,
Que estende a magra dextra ao viandante,
Que, após longo pedir, um «*não*» escuta,
Dae-lhe um tecto sequer, um doce abrigo,
Onde possa viver, sem que os tormentos
Lhe façam maldizer a negra vida!
Ao filho — nosso irmão — ide! salvae-o!
Salvae-o, já das bordas d'esse abysmo,
De crassa estupidez e d'ignominia,
Que, prestes sorverá, talvez, quem sabe?

Uma vasta e soberba intelligencia!
Sem a luz da instrucção, que vale o homem?
Nada... Oh! dae-lhe essa luz, tornae-o «tudo»!
Mas se a voz da verdade vos não move;
Se cultos só rendeis ao vicio, ao crime;
Se ferros tendes só para esmagar-nos;
Que vos mova sequer a caridade....
Se ao pobre, que nasceu em sêccas palhas,
A razão lhe mataes com o abandono,
Ao menos dae-lhe pão, — matae-lhe a fome!

Junho de 1852.

XXVI.

A CAMÕES!

CAMÕES! teu nome inscripto nas magestosas paginas
Do livro do infinito, padrão é sem rival,
Que a ti proprio levantas, astro brilhante e rutilo
Que ornaste de mil lumes o ceu de Portugal!

Poeta, a tua patria foi teu encanto magico;
Teu anhelo constante d'horisontes sem fim;
A patria foi teu sonho formoso, o sonho lucido,
Que sonhaste entre as flores de poetico jardim.

Da patria o amor sagrado tua alma inspirou férvida;
Na tua mente a ideia brilhante s'inflammou;
Por ella aos astros sobes, e lá n'um vôo rapido
Concebes o « poema » que os mundos assombrou!

Guerreiro, em tua dextra do gladio a fria lamina
Luziu em mil batalhas.... Ralado de paixão,
No fogo dos combates, longe, no solo indico,
Soffreste quanto póde soffrer um coração!

Oh Nathercia! Oh donosa visão! tu foste o idolo,
A fada inspiradora, puro archanjo sem veu,
Que em risos lhe apontaste, na luz d'um sonho ephemero,
As glorias cá da terra, nas esperanças do ceu!

As glorias cá da terra.... pobre de ti, oh misero!
Bem funestas a sorte, mais tarde, t'as mostrou:
— Aquelle genio ovante, pasmo eterno dos seculos,
Nas palhas da miseria negro o pão esmolou!

CAMÕES, já moribundo, só topa abrigo unico
Na enxerga crua e pobre d'um gélido hospital....
E n'um lençol envolto, sem ter mortalha funebre,
Á terra desce o Genio maior de Portugal!

CAMÕES, perdôa á patria! Rojada ante o patibulo,
Antevendo as algemas d'um cruel oppressor;
A patria agonisante, sem disputar seu tumulo,
Nem teve a consciencia sequer da tua dôr!

CAMÕES, perdôa á patria! Já lhe basta a nodoa livida
Das cadêas, que os pulsos lhe roxeiam: — faz dó
Vel-a escrava curvar-se, sem força, aos pés d'um despota,
Que lhe escarnece as glorias, rojando-lh'as no pó!

CAMÕES, perdôa á patria! De novo o astro bellico
Da independencia raia, fulgente, inda uma vez;
Á voz de «Guerra» a patria, brandindo a espada, ergue-se
Soltando, livre, aos ventos o pendão portuguez!

Victoria grandiosa, poema de mil canticos,
Que a fama decantára, que a Europa decorou!
Gigante monumento, do qual a erguida cupula,
Passando além das nuvens, nas espheras tocou!

Já livre a heroica patria, CAMÕES, teu nome egregio
Ás gerações futuras, passára como um Deus;
Allumiando as eras, tu foste o raio esplendido
Que o espaço atravessando deslumbra terra e ceus!

*

Poeta! ante o teu solio real deponho, extatico,
O canto que te sagro, Monarcha das canções.
Que valem regios mantos perante a tua purpura?
Curvae-vos, reis da terra, curvae-vos a CAMÕES!

Março de 1864.

XXVII.

Á PREMATURA MORTE

DA EX.ma SNR.a D. THEREZA MOREIRA DE SOUZA MACHADO.

Oh morte, o somno teu
Só é somno mais largo:
Porém, na juventude,
É o dormil-o amargo.
A. HERCULANO.

Sorrindo ao mundo, descuidosa ainda,
Botão de rosa, que a manhan abrira,
Ai! quantos vôos não soltaste aéreos,
Candida virgem!

Eu vi-a, em meio de saraus ruidosos,
No labio os risos, e o rubor nas faces,
Ebria nas danças, perpassar, qual passa
Rapido sonho.

Saraus e bailes, e festins brilhantes,
Quem os não ama no verdor dos annos!?
Quem uma vez se não alenta ao menos
D'avidos gosos!?

Sobre altos morros de viçosa murta,
Mais tarde, eu vi-a debruçada, á sombra
D'amena faia, recostando á dextra
Pallida fronte.

Imagem bella da tristeza, eu li-lhe
Na tez do rosto a pallidez da morte....
E ainda, triste, lhe roçou nos labios
Ultimo riso!

Depois, um templo com funéreos crepes,
E um ataúde, e mil brandões acêsos,
E uns vultos negros a entoar, sinistros,
Canticos tristes....

Eis o que vi.... o que restava apenas
Da linda virgem, que sonhara amores!
E o corpo esbelto devorou-lh'o ainda
Gélida campa....

*

Na paz dos ermos, ante a Cruz erguida,
Reguei-lhe a lousa de sentidos prantos....
— Tardio feudo, tributado á martyr
D'intimas penas!

1853.

XXVIII.

Á GLORIA.

Poeta, desprende a lyra;
Cinge a fronte de altivez;
Sagra um canto aos heroismos
D'este povo portuguez!
Seja o canto vehemente
Como a lava escandecente
Que referve no vulcão;
Possa quem ouvir teu brado
Defender a patria, ousado
Por tão grande inspiração!

Tu, Guerreiro, arranca a espada,
Monta afoito no corcel;
Vôa ao campo das batalhas
Pelejar lucta cruel!
Sobre o theatro da guerra
Faz morder o pó da terra
Ao teu fero contendor....
Mas, suspende.... sê clemente;
Se é nobreza o ser valente,
Perdoar honra o valor.

Magistrado, enverga a toga,
Empunha o sceptro da lei;
Para ti sejam na vida,
Qual na morte, o pobre e o rei!
É dever do magistrado
Caminhar, firme e vendado,
Por sobre um trilho legal;
O ministro independente
Não se torce, não desmente
A sua c'rôa immortal.

Sacerdote, olvida o mundo,
Eleva o espirito aos ceus!
Ensina ás turbas revoltas
A san doutrina de Deus;
Mas á voz ajunta o exemplo,
—N'elle assenta a base o Templo,
Sem elle vacilla e cae;
Se te impelle a correnteza
Das paixões e da torpeza,
A crença perdida vae.

>•<

Artista, qualquer que seja
Tua honrosa profissão,
Não te curves, não te arrastes
No lôdo da servidão!
És nobre.... deu-te a nobreza
O manejar com destreza
O teu pincel ou buril;
É nobre o homem que ostenta,
Nos productos que apresenta,
Engenho raro e subtil.

Historiographo illustre,
Soletra com avidez,
N'essas chronicas d'outr'ora,
Tanto esforço portuguez!...
Escreve os feitos brilhantes,
Tão raros, tão excitantes,
D'este punhado de heroes;
Escreve-os, que no futuro
Brilharás, qual entre o escuro
Brilham lucidos pharoes.

Tu, oh Nauta, solta as velas
Do ligeiro bergantim;
Vae, qual foi outr'ora o Gama,
Descobrir mundos sem fim!
Que tremam os insulares,
Quando virem sobre os mares
Tremular os pavilhões
D'esta terra emancipada,
Ao rebentar da granada,
Ao troar de mil canhões.

E vós, esp'ranças da patria,
Que as sciencias profundaes;
Vós, que no estudo das lettras
Inteira a vida gastaes;
Dae largas ao pensamento,
Erguei alto monumento
Que o porvir respeitará!
Dae á luz obras de vulto,
Tereis fama, tereis culto....
Quem a mais aspirará?!

Sigamos! — Eis a vereda
Que só á GLORIA conduz;
AO GRANDE TEMPLO sonhado
De sonhada immensa luz!
Irmãos, no sangue e na alma,
Lá teremos uma palma,
A cuja sombra immortal
Nós um dia, adormecidos,
Legaremos, inda unidos,
Honra e nome a Portugal!

Junho de 1852.

XXIX.

LUIZA PONTI.

Eu nasci na bella Italia;
É minha patria Milão:
Deu-me o berço, em troca eu dei-lhe
Quanto póde o coração.

Lá colhi primeiras palmas,
Primeiros louros colhi;
Julgae vós, filhos das artes,
A vida que então vivi!

Em painel brilhante, a gloria
Vi sorrir-me além.... além....
Em toda a parte a ventura
Meu trilho marcado tem.

Mas aqui, longe da patria,
Uma nova patria achei....
Eu não trocara estas palmas
Pelas grandezas de um rei!

Terra das artes, oh Porto!
Dá-me o teu nome uma vez:
Seja eu filha adoptiva
D'este solo portuguez!

Terra das artes, eu dou-te
Quanto póde o coração;
Quanto deu out'rora á patria,
Grata, a filha de Milão....

Mais não dou, que mais não tenho;
Nem fallar-te eu posso já....
Mas o pranto, que me escalda....
O meu pranto fallará!...

1853.

XXX.

PHANTASIA!

Quando, á noite, melancholica,
Os olhos fitas no ceu,
Que vaes tu procurar no espaço immenso,
Onde a lua reina, pallida,
Das sombras rasgando o veu?

Quando surge a aurora fúlgida,
Ostentando-se louçã,
Porque deixas o leito, e, pressurosa,
Vaes, linda, colher as nitidas,
Alvas rosas da manhã?

Quando, á tarde, o astro férvido,
Solta o raio abrasador,
Porque junto do cedro a fronte poisas,
E triste, e chorosa, e trémula,
Te assoma á face o rubor?

Mulher! Tu amas! — Dulcissimas
As imagens que antevi,
Outr'ora, quando me julguei ditoso,
Mais puras inda, mais ávidas,
Adivinho-as, hoje, em ti!

Mulher! Eu amo-te! — Extatico,
A teus pés venho depor
Minha alma e lyra, aspiração e crenças,
Pelos teus affectos candidos,
Por um teu riso d'amor!

Rasga, altiva, esse véu turbido
Que a existencia te enluctou!
Folheia o livro grande da tua alma;
N'elle « amor » em cada pagina
A — liberdade — estampou!

Despedaça algemas, horridas,
D'um inhóspito senhor....
Soffrear-te o coração não póde o mundo!
Protesta com tuas lagrimas
Contra os tyrannos do amor!

Teus prantos serão as perolas
Da c'rôa dos meus tropheus,
A tua a minha vida, os teus meus gosos,
Tuas palavras os canticos,
Que erguerei junto de Deus!

E, quando nas faces limpidas,
D'uma existencia feliz,
Banhados ambos d'immortaes delicias,
Deslizar a vida, placida,
Que anceando o peito diz....

E, quando em horas phantasticas
Da mais suave illusão,
A mente, em vôos, devassar os mundos,
Que sonhara, um dia, vividos,
Anhelante o coração;

Quando, á luz já do crepusculo,
Doces beijos te roubar;
E, quando, em fogo, te apertar ao peito,
Nos do ceu transportes magicos
D'um ardente delirar;

Elevaremos o espirito
A novos mundos d'amor!
E, loucos ambos, n'um abraço unidos,
Sonharemos sonhos lucidos,
No mais puro e santo ardor!

Ah! que eu seja feliz!... Rapido
Morra, embora, esse prazer....
Co'a vida o pague; — que m'importa a vida?
Collado a teus labios rubidos,
Não será doce o morrer?

20 de Junho.

XXXI.

BEM VINDA!

À EX.^ma SNR.^a D. ANNA AMALIA DE SÁ.

Bem vinda, cantora, bem vinda tu sejas....
Tua harpa sonora tem meiga expressão;
Se cantas sorrindo, sorriem os anjos,
Despertas, se choras, no peito a paixão!

A brisa, que geme por entre a folhagem
Em noites serenas de brando luar,
Não tem nos gemidos a terna harmonia,
Que o genio te imprime no doce trovar.

Quem póde, indiff'rente, escutar os harpejos
Das harpas sagradas da antiga Sião?
Quem póde, cantora, escutar os teus cantos,
Sem n'alma sentir a mais grata emoção?

Apraz-me a canção que á amizade sagraste,
Ornada dos prantos, que a dôr te arrancou
Á voz da saudade dos tempos passados,
Dos quaes a lembrança só n'alma ficou....

Apraz-me, tambem, escutar de teus labios,
A trova, em que cantas a rosa-carmim,
A qual, orgulhosa d'ouvir os teus gabos,
Mais linda se abrasa na côr do rubim.

Bem vinda, cantora, bem vinda tu sejas....
Tua harpa sonora tem meiga expressão;
Se cantas sorrindo, sorriem os anjos,
Despertas, se choras, no peito a paixão!

6 de Maio de 1851.

XXXII.

NO ALBUM DE RETRATOS

DO INSIGNE PINTOR FRANCISCO JOSÉ REZENDE.

N'esse fogo que te escalda
Como o genio se revela!
Solta os vôos, irmão, ergue-te ousado!
Seja a gloria a tua estrella!

Nos teus pinceis, na paleta,
Tens as fontes da riqueza....
Mais ainda; — tens nome, fama e cultos,
Tens as pompas da grandeza.

Raphael, Rubens e Vasco,
— Esses genios immortaes,
Dos tempos atravez brilhando offuscam
Fúlgidas c'rôas reaes!

Sim: — que a realeza do genio
Tem por solio a immensidade,
O espaço por docel, por c'rôa os astros,
E por timbre a liberdade.

Irmão! Irmão! não te curves!
A altivez no genio é bella.
Sagra á Patria, e á Arte os teus alentos,
Seja a gloria a tua estrella.

Porto — 24 de Janeiro de 1853.

XXXIII.

SONHOS DE GLORIA.

A MINHA FILHA CANDIDA.

I.

RECORDAÇÕES.

É doce ao Bardo, que suspira a medo,
Vir, em segredo, meditar aqui;
Junto das agoas do sonoro Lessa
Talvez que esqueça o que infeliz soffri!

Soffri?.... Não soffro?!... Não sou eu ainda
A sombra infinda d'esse espectro « dôr »?
Maldito espectro, que me espia os passos,
Se busco os laços d'um antigo amor!

Amor ardente, desvairado, immenso,
No grau intenso do delirio já;
Amor de vate, immorredoiro e forte,
Que além da morte seu findar terá.

Amor, essencia, aspiração sublime,
Do ardor que exprime uma paixão leal;
Que o homem impelle a todo o esforço nobre,
Que o homem cobre d'explendor real.

Amor assim, vertiginoso e santo,
Senti-o em quanto uma illusão durou;
Rasgado o veu da mais formosa esperança,
Foi-se a bonança e só a dôr ficou!

A dôr, a dôr, aquella dôr pungente,
Que não consente um linitivo só;
A dôr que embarga o soluçar do pranto,
Que diz o quanto nos flagella o dó!

A dôr, baptismo d'elevadas crenças,
Que olvida offensas, que nos firma em pé;
A dôr, que embora despedace a alma,
Colhe uma palma no fervor da fé!

E a dôr amarga, descarnada e crua,
Senti-a nua a regelar-me alfim;
Então, vergando aos vendavaes da sorte,
Formosa a morte vi sorrir p'ra mim!

II.

SAUDADES.

Condão funesto de poeta é este,
Que tudo veste de formosa côr;
Que tudo esmalta de lindeza e galas,
Que doira as fallas d'um primeiro amor.

Quadra gentil de meus primeiros annos,
Quem sonha enganos no regaço teu?...
Pudesse eu n'elle, inda innocente e amado,
Vêr-me embalado, que eu voára ao ceu!

Oh meiga quadra da formosa infancia,
Dá-me a fragrancia d'uma tua flôr;
Flores d'aquellas que aspirei um dia,
Quando a alegria mascarava a dôr....

Dá-me os meus brincos, meu viver d'outr'ora,
Que eu possa agora inda correr, folgar,
Qual n'outras eras eu folguei sem tino,
Louco menino, nos areaes do mar.

Dá-me inda, ao menos, os ditosos sonhos,
Sempre risonhos, que sonhei então;
Mata esta sêde, que minha alma sente,
Que queima ardente, qual febril vulcão....

Mas não! Debalde eu te invocara ainda,
O tempo finda, p'ra não mais voltar;
Passada a quadra da formosa idade,
Resta a saudade.... resta só chorar!...

III.

GALAS.

Foi n'esses tempos. Era um dia ameno,
O ceu sereno, bonançoso o mar;
E quasi a medo a viração gemendo,
Olor trazendo, embalsamava o ar.

O fresco orvalho da manhã, cahindo,
Era tão lindo sobre a rosa em flor!
O sol doirando-o, transformava-o em bellas,
Nitidas per'las d'um brilhante alvor.

Entre seixinhos, saltitava o rio;
Triste e sombrio, o rouxinol carpiu;
Ledo, nos ares, um volatil bando,
Passou, trinando, repassou, — fugiu.

E que perfumes de tão grato aroma!
Que airosa coma erguidos choupos teem!
D'além das moutas, o balar do armento,
A voz do vento como o traz tão bem!

E que tapetes de verdura e viço!
Quem vê lá d'isso no estrangeiro chão?
Ninguem, — que as galas que este solo encerra,
São d'esta terra; portuguezas são!

Na velha Igreja, repicavam sinos;
Eram mil hymnos a elevar-se aos ceus!
Painel brilhante d'immortal grandeza,
A natureza proclamava: « Deus! »

E mudo, extatico, antevi o mundo,
Sempre fecundo d'impressões, d'amor!
Ebria minha alma d'um prazer ardente,
Vergando a frente murmurei: « Senhor! »

IV.

ASPIRAÇÕES.

Era já tarde, e de tão grato enleio
A noite veio despertar-me alfim;
Recosto em molles aspiraes d'alfombra,
Reinava a sombra em de redor de mim!

Reinava a sombra, e mal desperto ainda,
Imagem linda de mulher eu vi;
Se mulher, se anjo não sei eu dizel-o,
Sei que era bello, o que eu então senti!

Senti a mente a doidejar, erguida,
No mar batida dos anhelos meus;
No peito, em ancia, o coração pulsava....
Já eu a amava como se ama a Deus.

E *Ella*, sorrindo, me doou à lyra,
Que inda suspira se recorda «amor»;
E embora ao longe, me apontava um louro;
P'ra mim thesouro d'immortal valor.

Quem és, oh virgem, que só vejo em sonhos,
Nos bellos sonhos d'um prazer a fluz?
«Quem sou»?—me disse—e segredou-me um nome
D'aureo renome, d'explendor e luz!

Que nome aquelle! que impressão divina!
Que bella sina! que prazer senti!
A Gloria, a Gloria, foi o nome santo
De mago encanto que enlevado ouvi!

A Gloria, a Gloria, aspiração brilhante;
Ar palpitante que o pulmão sorveu;
Delicia ignota da mansão celeste,
Luz que me déste que em minha alma ardeu!

A Gloria, a Gloria, esse prodigio nobre,
Que impelle o pobre, que o levanta em pé!
Que alenta o martyr com a cruz erguida,
Perdendo a vida nas missões da Fé!

E eu vi a Gloria tão formosa e linda,
Qual nunca ainda a eu sonhara então:
E ao dar-me a dextra, no arrojado preito,
Senti no peito o mais febril vulcão.

Que disse?!.. a Gloria?..— Que o não saiba o mundo!
Sempre iracundo mofaria até
Das minhas pobres, mas bemditas crenças,
No fogo intensas da mais viva fé.

Por Ella ergui-me! Corajoso e forte,
Visando um norte d'inteireza e luz,
Quiz conquistal-o, e p'ra ganhar a palma,
Pediu minha alma inspirações á Cruz!

Mendigo n'arte, na sciencia pobre,
Esforço nobre me impellia além;
A todo o trance conquistar queria
A sob'rania que o talento tem!

Baldado empenho! aspiração funesta!
Só, na requesta de paixões assim,
Cahi por terra, extenuado e lasso,
Sem ter um braço que me erguesse a mim!

Sonhei a Gloria, mas de noite escura,
Á luz tão pura d'um formoso sol,
Cegou meus olhos luminosa flamma,
Centelha e chamma d'immortal farol!

Sonhei a Gloria! mas não pude vêl-a
Brilhante e bella, qual outr'ora a vi!...
— Da extrema dôr eu já tocando a meta,
Como poeta, desde então, morri!

Junho de 1863.

XXXIV.

O SUICIDIO.

Catão, bravuras de Roma,
Crava no peito um punhal,
Quando aos pés de Julio Cesar
Vê sua esp'rança final....
O seu caracter romano
Não tolera que um tyranno
O faça rojar no pó....
Aos ferros prefere a morte....
D'ahi a instantes, do forte
Um cadaver resta só!

Não assim o heroe da França —
Não assim Napoleão;
Este acceita as leis da SORTE;
Dobra o collo á escravidão.
Nos serros de Santa Helena,
Que immensa mágoa, que pena,
O seu coração não roe!...
Mas não ergue o braço armado;
No exilio, abandonado,
Foi um martyr, um heroe!

Chatterton, alma de fogo,
Que o mundo não compr'hendeu,
Dos involucros da vida
Se desprende e vôa ao ceu!
Seu orgulho de poeta,
Ferido, tocou a meta
D'um desespero voraz!...
Enche a taça de veneno....
Encara-a.... bebe, sereno....
E á morte sorri audaz!

Não assim o nosso vate,
O nosso Luiz de Camões!...
Que me apontem quem soffresse
Mais amargas decepções!
No chão da patria, abatido,
Quem o não viu, esquecido,
Mendigar amargo pão?!
E comtudo soffre e vive....
É que n'alma lhe revive
A mais santa aspiração!

Sapho, cantora de Lesbos,
Que inteira a Grécia adorou,
Dos alcantis do Leucade
Ao torvo mar se arrojou!
Phaon, o sol que a allumia,
A sua noite, o seu dia,
O seu estro, o seu amor,
Olvidou-a.... — então, trahida,
Desprezando a amarga vida,
Succumbiu á extrema dôr!

Não assim a regia amante
De Bernardim infeliz,
A linda « menina e moça »
A chorosa Beatriz.
Sem amante, embora amada,
Deixa a patria, enamorada,
N'ella deixa o coração....
Vai ser d'outrem, que tortura!
Mas não verga á ideia impura
Da propria destruição.

⊃•⊂

N'este quadro palpitante
Seis grandes vultos tracei;
Quaes d'elles serão mais nobres,
Mais ostentosos? — dizei!
O suicidio d'um só lado,
Ahi o tendes apontado
Como um termo á crua dôr!
Do outro, no soffrimento,
Encontraes um ceu d'alento
Nos seios do Creador!

Mas não póde contender-se
N'este campo desigual;
A Razão dil-o bem alto
No seu pensar immortal.
O Martyr, na desventura,
Nos extremos da tortura,
Quando soffre, espera, e crê;
Tem mais alma que o suicida,
Tem mais alentos, mais vida;
É padrão d'immensa fé!

⊃●⊂

É um monumento erguido
Entre os espinhos da dôr,
Co' a argamassa sustentado
D'um sanguineo dissabor.
Tem por base as vivas crenças,
Que do ceu pendem suspensas,
Reverberando na cruz;
Tem por alvo o firmamento,
Inspirando um doce alento
A quem murmura: «Jesus!»

Inda assim não é cobarde
Quem um ferro crava em si;
Quem brada: « Vou pôr um termo
Ao muito que soffro aqui!... »
É preciso ter coragem
P'ra encarar negra voragem
E arrojar-lhe o seu viver!
Não é cobarde! — Não seja;
Mas, na ancia em que braveja,
Louco, sim! posso dizer.

>o<

Louco, sim! que despedaça
Os liames d'esse annel
Da sociedade, em que vive
C'um desapego cruel.
Louco, sim! que se despoja
Da doce esp'rança, e se roja
No lodaçal do descrer!
Louco, sim! que eleva o insulto,
Crime atroz d'enorme vulto,
Ao Supremo Eterno Ser!

Esta vida é uma dadiva,
Que a Omnipotencia nos fez;
Não devemos desprezal-a,
Qualquer que seja o revez.
Lá 'stá Deus! — É Deus podr'oso
Quem apura o desditoso
Nas provas d'agro penar....
Lá 'stá Deus! — É Deus clemente
Quem só póde, omnipotente,
O seu martyrio acabar.

⊃●⊂

Martyr foi CHRISTO, na terra,
Martyr foi p'ra nos remir!
Quem ha 'hi que não se exalte
A tão sublime sentir?
Quem ha 'hi que soffra tanto,
Que derrame o acerbo pranto,
Que, na dôr, Christo verteu;
— Dôr immensa, como immenso
É o seu poder intenso,
Dominando terra e ceu?!

*

Desgraçado! homem que soffres,
Crês na morte? — Ella virá.
Vae soffrendo; quem mais soffre
Mais depressa acabará.
Vae soffrendo, e, quando um dia,
Sintas a extrema agonia,
Ergue os teus olhos aos ceus!
Brada então: « Estou vingado!
Agora, sim, libertado
Vou viver junto de Deus! »

Agosto de 1853.

XXXV.

HONRA AO MERITO!

Á EX.ma SNR.a D. FRANCISCA D'ALMEIDA FURTADO.

Nos elevados ceus da intelligencia,
Nos radiosos mundos do talento,
Um vasto imperio tens, tens aureo throno,
Onde te ergues, rainha!

As vicejantes palmas d'um Urbino,
As c'rôas de Marati, e Miguel Angelo,
Rainha da Pintura, a teus pés brilham,
Tropheus das tuas pompas!

Tropheus das tuas pompas, exaltando-os,
Exalto-me ainda além dos proprios mundos!
Enlevo-me adorando o Sol, que fulge
« Nos ceus da minha patria »!

Dos plainos de marfim d'esses teus quadros,
Mais d'uma vez, hei visto erguer-se um vulto,
E fitar-me e sorrir-me magestoso,
Palpitante de vida!

Palpitante de vida, sim! no rosto
Ferve-lhe a ancia em contracções nervosas!
Só lhe falta fallar.... — se a voz lhe deras,
Fôras na terra um numen!

Mulher! um throno tens! tens um diadema,
Que te circunda a fronte, radiante!
— A *inveja,* a *emulação,* que t'os contestem,
Que t'os roubem, se podem!

29 de Janeiro de 1854.

XXXVI.

BELLEZAS DA MINHA TERRA.

> Lá na leal cidade, d'onde teve
> Origem (como é fama) o nome eterno
> De Portugal...............................
>
> CAMÕES — *Lusiadas.*

Linda cidade da Virgem,
Linda terra sem igual!...
Ella foi quem deu origem
Ao nome de « Portugal »!
— É a patria dos amores,
Com seu manto de mil cores,
A sorrir entre os verdores
D'este solo divinal.

A minha terra é formosa,
Tem bellezas que mais não;
É qual virgem melindrosa,
Que enfeitiça o coração....
É o sonho que hei sonhado,
Com a gloria entrelaçado,
Atravez do veu doirado
Da mais santa adoração!

Patria, patria, os teus encantos
Nos seios d'alma gravei;
Hei de sagrar-te os meus cantos,
Só por ti m'inspirarei.
— Por ti só, imagem qu'rida,
Affeição nunca mentida,
Por ti um goso na vida,
Santo goso inda terei.

*

Quando vejo o sol raiando,
As montanhas a doirar,
Ou, de tarde, mergulhando
Nas brancas aguas do mar;

Quando contemplo, enlevado,
Este ceu tão azulado,
Já d'estrellas recamado,
De noite — á luz do luar;

Quando, no cedro pousado,
O volatil trovador
Solta um canto repassado
De ternura, mágoa e dôr;
Quando, além, s'expande o rio,
Por entre o bosque sombrio,
Imitando o murmurio,
Um gemido, um ai d'amor;

Quando no cimo do monte
Ouço o cordeiro balar,
Ou, mais perto, em tosca fonte,
Branda lympha a suspirar;
Quando por noite saudosa
Canta a lyra tristurosa
Da viração maviosa
Que tanto convida a amar....

Oh! então eu solto um brado
Do fundo do coração,
Como o solta o desgraçado
A quem ri doce illusão;
Como o solta o que naufraga,
Quando, nas azas da vaga,
Vem cuspido junto á fraga,
Onde encontra a salvação;

Como o solta o terno amante,
Quando a amada lhe sorri....
Como o solta o navegante,
Quando brada: « terra vi! »
Como o solta a mãe querida,
Quando, no leito pendida,
Vê sorrir no alvor da vida
O filhinho para si;

Qual solta um povo opprimido,
Quando á voz « rebellião »
O tyranno, perseguido,
Foge envolto em maldição;

Qual o solta o desterrado,
Quando, sonhando acordado,
No seu paiz adorado
Vê o pae.... a mãe.... o irmão....

Patria, patria, eu hei de amar-te
Em quanto vida tiver;
Oh! jámais hei de olvidar-te
Nem um instante sequer:
—Tu és a fraga encantada;
O riso da minha amada;
A liberdade sagrada,
Que inda espero um dia vêr;

És a terra pretendida,
Que o gageiro descobriu;
És a imagem tão querida,
Do filhinho que a mãe viu;
O sonho do desterrado,
De saudade repassado;
A illusão do desgraçado,
Que, tão grata, lhe sorriu;

Patria! patria! és meu anhelo!
És a minha inspiração!
Quanto é doce, quanto é bello
O sentir d'esta emoção!
Emoção que tem encanto
Para mim que te amo tanto....
Nem eu posso dizer quanto
Por ti sente o coração.

Maio 26 de 1851.

XXXVII.

CONSOLAÇÕES.

NA CARTEIRA DA EX.^{ma} SNR.^{a} D. R. A. MOUTINHO.

Eu vejo os teus olhos de pranto orvalhados....
Os prantos que choras, são prantos de mãe....
Dos labios do filho, já brancos, gelados,
Teu nome inda anceias.... anceias um ai!...

Embalde:

Não podem orvalhos da aurora incendida
Erguer a florinha que o vento açoitou;
Extremos não podem de mãe dar a vida
Ao filho, que a morte p'ra sempre gelou.

Tu choras?...

Cercada de filhos, teus filhos são hymnos
D'um grande poema d'amor maternal....
Quiz Deus, acolhendo-os, tornal-os divinos!
— Lamentas ainda teu filho immortal?

Não chores;

Transluza em teu rosto celeste alegria;
Sua alma innocente voou para o ceu....
Que doce conforto esta ideia não cria!...
— Não creias quem diga: « Teu filho morreu ».

Não creias:

Liberto das duras algemas da terra,
Que vida não vive lá junto ao SENHOR!
De angelicos gosos, que o Eden encerra,
De todos lá gosa, n'um candido amor.

Exulta!

Teu filho é uma estrella, que brilha radiante,
Na face infinita dos limpidos ceus!
Teu filho é o teu anjo, velando distante
Teus dias fecundos das bençãos de Deus.

Dezembro de 1853.

XXXVIII.

A ACTRIZ.

Recitada por Emilia da Silva Rosa no Theatro de S. João, em 29 de Março de 1859.

Que fogo é este que me escalda o peito?
Quem tem direito a torturar-me assim?
Não póde o goso que gosei, outr'ora,
Acaso, agora, realisar-se em mim?!

Que sonho aquelle, que sonhei um dia
Quando a alegria me sorriu feliz!
Quando nos vôos que larguei ao genio
Eu, no proscenio, despertei Actriz!

Que sonho aquelle! Quem m'o dera ainda!
A arte infinda me impellia então,
Com toda a força d'um amor primeiro,
Mas verdadeiro, de febril paixão.

Era no palco, e, entre um milhão de palmas,
A luz dos Talmas despontava alli;
Ebria de goso ao scintillar da vida,
Nem sei, perdida, como não morri!

Constante, a Gloria foi meu longo anhelo;
O quadro bello que a sorrir mirei!
No meu delirio, n'esse ardor intenso
Que ceu immenso de grandeza achei!

Mas, ah! bem cedo se desfez o encanto....
Hoje, meu pranto n'estas faces diz
Que a só partilha que me coube em sorte,
Foi quasi a morte para a pobre Actriz!

Ceifada em meio da carreira airosa
A fragil Rosa emmurcheceu, cahiu....
Só restam Silvas d'essa flor brilhante,
Que, outr'ora, ovante, no jardim floriu!

Só restam Silvas.... desfolhou-se a Rosa....
Mas vem, chorosa, ũa mulher, aqui
Pagar com prantos essa esmola dada
Á malfadada que morreu.... alli!...

XXXIX.

AFFEIÇÕES.

Ama o cysne as brancas aguas,
A mariposa ama a flor,
Amam as aves os bosques,
Trinando, loucas d'amor;

O infante ama os folguedos,
O poeta a solidão,
A virgem os aureos sonhos,
Que lhe sonha o coração;

Ama o guerreiro os combates,
Ama os saraus o donzel,
Ama a linda camponeza
Os encantos do vergel;

Ama o nauta o ceu da patria,
O proscripto ama-o tambem....
A mãe ama o tenro filho,
Que estreitado ao collo tem;

O avarento ama os thesoiros,
Ama o *triste* o pôr do sol,
Ama os ermos solitarios
Solitario rouxinol;

Eu, por mim, amo os desertos,
Amo a vasta immensidade,
Amo tudo em que soletro:
« Deus, e Patria, e Liberdade »!

Novembro de 1852.

XL.

Á SENTIDA MORTE

DO MARECHAL DO EXERCITO DUQUE DA TERCEIRA.

Soldados! perfilar! — Postar em alas!
Armas em funeral!
Por terra os estandartes, n'alma o luto,
É morto um general!

Morreu o teu heroe, oh liberdade,
Teu nobre defensor!
Por ti, lá nos fraguedos da *Terceira*,
Que acções fez de valor!

Companheiro leal do REI-SOLDADO,
No Porto militou;
E, entre os bravos, o bravo, nas batalhas
Seu nome conquistou.

Lá do Algarve a Lisboa passa rapido,
Qual raio assolador!...
Mais tarde, n'Asseiceira, brilha a espada
Do immortal VILLA-FLOR!

Veteranos! Valentes d'essas eras!
Armas em funeral!
Por terra os estandartes;—dae mil prantos
Ao bravo general!

Do filho predilecto das victorias
Tombou nobre cerviz....
Qu'importa?... Viverá sua memoria
Nos fastos do paiz.

Se, grande, a patria defendeu na guerra,
Na paz, astro fulgiu!
— Uma vez desleal aos seus principios,
Ninguem jámais o viu! —

No proprio pedestal das suas glorias,
Vulto grande, e de pé,
Aos évos passará potente e forte
Na sua crença e fé!

Soldados! perfilar! — Postar em alas!
Armas em funeral!
Ao Duque da Terceira honrae chorando
Tão grande general!

Porto — 27 de Abril de 1860.

XLI.

NO ALBUM

DO ILL.^{mo} SNR. JOAQUIM MARIA REBELLO VALENTE.

Poeta, sei que o és, quando, na tela,
Dás vulto á imagem que te exalta a mente;
Quando fazes surgir pomposa e bella,
A PAIZAGEM *surgindo á luz nascente!...*

As campinas, a relva, a linda aldeia,
O choupo, a cruz musgosa e já partida,
O arroio serpejando em fulva areia,
Aos traços do pincel teem nova vida!

E vida nova dás a um *ceu d'amores,*
Sob o qual a zagala ri, dormente,
Deitada em brando leito de verdores,
Em quanto o armento, além, pula contente!...

Poeta, sei que o és! — Se não tens lyra,
Que te exalte nos ceus da melodia,
Tens magico pincel que o AMOR inspira,
Que enleva, que deleita, e que extasia!

Março 28 de 1853.

XLII.

FUJAMOS!

Viens, quitte la rive embrasée,
Les flots sont si pures et si frais!
LE PECHEUR — Traduit de Goethe.
M.me DE STAEL.

Foge, foge, oh linda virgem,
Vem comigo navegar;
Vamos lá, sobre essas ondas,
Mil encantos disfructar;
O meu batel é seguro,
Nada tens que recear:
Já nas velas sopra o vento,
Eia... vamos navegar.

Livres sempre, sempre livres,
Entre as vagas do alto mar,
Um para o outro viveremos,
Viveremos só p'ra amar;
Oh! fujamos d'esta terra,
Que não nos sabe julgar;
　　Só podemos ser ditosos
　　Lá nas serras do alto mar!

Alli, não podem tyrannos
Nosso amor agrilhoar....
Alli, seremos felizes,
Alli, tu pódes reinar,
E, ao lado do teu amante,
Doces momentos gosar.
　　Sobre as aguas do oceano,
　　Quem nos póde agrilhoar?

Meiga virgem, meu enlevo,
Olha, não vês o luar
Como brilha tão sereno
Sobre o vasto azul do mar?

É tarde...; as aguas nos chamam
Com seu doce murmurar:
    Vem.... que terno amor desperta
    Linda noite de luar.

Olha o batel como brinca
Açoitado pelo mar....
'Té parece que amor brada:
«Vinde, aqui, um ceu gosar!»
Um adeus, meu anjo, á patria....
Brancas velas vou largar: —
    Lá desponta a liberdade
    Entre o vasto azul do mar.

S. João da Foz — Setembro de 1849.

XLIII.

NO CONCERTO

DO PIANISTA BRAZILEIRO RICARDO FERREIRA DE CARVALHO.

Nasceu lá n'aquellas terras
Que se chamam « Santa Cruz »
Onde queima um sol intenso,
Onde ha crenças, vida e luz.
Lá nasceu, — é brazileiro;
É um typo verdadeiro
De brioso portuguez;
Gira-lhe um sangue nas veias,
Que tingiu muitas ameias,
Muito ferro, em Diu e Fez!

Nasceu lá n'aquella terra
Hospitaleira e leal,
Que dá sempre honrosa estima
Aos filhos de Portugal.
Terra nobre e grandiosa,
Que estende a mão generosa
Sem olhar p'ra onde e a quem....
Nos fastos da sua historia
Tem mil diademas de gloria,
Mil feitos honrosos tem!

Que o diga a «Vasco da Gama»
Quando rota, a naufragar,
Mais galharda se levanta
Por sobre as aguas do mar.
Que o diga o genio preclaro
D'esse engenho nobre e raro,
D'esse Arthur Napoleão;
Que diga Noronha, o grande,
Como a alma lá se expande
Nás festas d'uma ovação!

Que o diga a propria Lisboa,
Diga o Porto, aqui, tambem,
Quem a fome ás criancinhas,
Pressurosa, matar vem....
Mas.... pena é vêr lá calcados,
Vêr tão mal representados
Os brios d'este paiz....
Coram-me as faces de pejo,
Quando em vivido lampejo
A consciencia m'o diz!

Silencio! não solte o labio
Tão energica expressão....
Quando surge um ceu de rosas
Não ruge em sanha o tufão....
Vejo, alli, um nobre Artista,
Um famoso *repentista*
No filho de « Santa Cruz »!
É um astro fulgurante,
Que do seu throno radiante
Desfere um raio de luz!

É um fructo abençoado
D'esse braço collossal,
Que rebentou d'este tronco
Que se chama «Portugal»!
Embora longe e distantes,
São duas patrias gigantes
Reprezas no mesmo nó;
A cadêa que nos liga
Fel-a Deus, é muito antiga;
Tem por elo — uma alma só —!

Ergue, irmão, a fronte augusta!
Tem o Brazil a altivez,
Nos brios que lhe legamos,
Nós — o povo portuguez!
Parte, vae, caminha ousado;
Ouça o mundo electrisado
Tuas férvidas canções;
Mostra-lhe a palma viçosa,
Que alcançaste, aqui, famosa,
N'esta patria de Camões!

15 de Maio de 1863.

XLIV.

AO JOVEN ARTHUR NAPOLEÃO.

ARTHUR! fadou-te Deus ente divino!
Tu da terra não és, não sabem homens
Nem sequer imitar em sons cadentes
Teus melicos harpejos.

Tão joven, inda envolto no teu manto
D'innocencia e candor — sorris á vida,
Como a rosa sorri entre os orvalhos
Das perolas d'aurora.

Do throno do Senhor te desprendeste;
Anjo dos ceus! baixaste ledo ao mundo,
P'ra no mundo harpejar com graça infinda
Os canticos celestes.

Quando mimoso extrahes do teu piano
Em maviosos sons tão doces hymnos,
Eu mal posso conter no peito um brado
De férvido transporte!

Arthur! fadou-te Deus ente divino!
Deu-te o mago poder d'alta harmonia,
Ensinou-te a verter nos imos d'alma
Dulcissima saudade.

Ávante, ávante, pois, caminha afoito,
Que a gloria no porvir te aponta os loiros,
Que ennobrecem bem mais a fronte ao genio,
Que um fúlgido diadema.

O Porto, ainda uma vez te rende cultos:
O Porto, ainda uma vez ebrio d'ouvir-te,
Prorompe, enthusiasta, em longos *bravos*,
Phreneticos applausos!

E eu, poeta novel, rico d'orgulho,
Que jámais me dobrei á prepotencia,
Arrojando a teus pés a inculta lyra,
Extatico me curvo.

Janeiro de 1852.

XLV.

21 DE NOVEMBRO DE 1863.

A SUA MAGESTADE A RAINHA A SENHORA D. MARIA PIA.

Exulta, oh minha patria! A Regia Neta
Do martyr, nobre Rei Carlos Alberto,
De Victor Manoel a Augusta Filha,
A mais nitida flor da bella Italia,
Candida Esposa do Monarcha Luso,
Entrando os muros da cidade heroica,
Desponta, Astro de luz, em ceu de glorias!
— Novo Iris de paz e de bonança,
Vem, RAINHA, reinar em nossas almas,
Em nossos corações, ébrios de goso!

Exulta, oh minha patria! Aquelle throno
Aonde a mão de Deus a eleva santa
Esposa d'um Monarcha engrandecido,
Não póde baquear; — inabalavel
Como as rochas do mar, alcantiladas,
Tem por base o amor mais puro e nobre,
As longas affeições, as vivas crenças,
A coragem, alfim, legitimada,
D'este povo leal, valente e livre!

>◆<

Exulta, oh minha patria! Se não pódes
Á Rainha offertar as bellas pompas,
Monumentos, paineis, prodigios d'arte,
Grandezas triumphaes da sua Italia,
Pódes, singela e pobre, dar-lhe um riso,
Trajando as galas do teu solo amado!
Minha patria, és formosa quando reinas
Com teu vistoso manto d'esmeraldas,
N'um throno d'alcantis e de montanhas;
Quando tens por docel o espaço immenso,
Por diadema na fronte um astro d'oiro!

A terra que pisaes, Senhora, é o Porto!
O Porto, que deu nome e liberdade
E gloria a Portugal! — baluarte heroico
Dos triumphos d'um povo ennobrecido!
— Theatro colossal de mil victorias,
De rasgos immortaes, feitos pasmosos
Do grande Imperador, do Rei-soldado!

Aqui tombou por terra o Cedro altivo;
Aqui vergou a fronte ao somno eterno
O Astro de Novara! Rei, no exilio,
Ufana-te, RAINHA, teve um throno
N'esta patria de irmãos, patria d'amigos,
E entre livres morreu, qual morrem livres!

Aqui, pois, n'este emporio de grandezas,
Impera como Rei LUIZ PRIMEIRO!
A seu lado serás, MARIA, Excelsa,
RAINHA liberal a mais amada!

Amada, sim, que, em férvidos transportes,
Este povo que tem por nobre emblema
— Italia e Portugal —, por timbre a gloria,
Ha de, heroico e leal, potente e forte,
Levantar-te um altar em cada peito,
Sagrar-te a adoração, quasi em delirio,
Abatendo a teus pés a altiva fronte,
Que jámais abateu á Tyrannia!

XLVI.

ÁS ARTES.

As artes são bellas! irmãs, todas ellas,
Se enroscam nas crenças de um aureo porvir.
— As crenças na gloria, que immensa victoria,
Que immensos prodigios não fazem surgir!

Se ao genio nascente, na calida mente
Os brios gelardes de um fogo immortal,
Mais tarde, n'um dia de lenta agonia,
Vereis estorcer-se na dôr Portugal!

Mal haja o que alenta e no peito aviventa
As glorias mentidas de illustres avós;
Mentidas, mentidas! As glorias subidas
São essas que nascem do genio.... de nós!

As artes são bellas! irmãs, todas ellas,
Se enroscam nas crenças de um aureo porvir.
— As crenças na gloria, que immensa victoria,
Que immensos prodigios não fazem surgir!

Os cantos da lyra, que, ardente, se inspira;
As glorias do palco, no palco rivaes;
E os nobres emblemas das artes supremas;
São vultos gigantes, padrões immortaes!

São a alma incendida, são fócos de vida,
Que os seios alentam das grandes nações;
— Esforços de um povo, que anceia, de novo,
Ornar de mil palmas antigos brazões!

As artes são bellas! irmãs, todas ellas,
Se enroscam nas crenças de um aureo porvir.
— As crenças na gloria, que immensa victoria,
Que immensos prodigios não fazem surgir!

Porto — Março de 1854.

XLVII.

Á QUEDA DE MALAKOFF.

Malakoff cahiu!... As mil gargantas,
Que a morte vomitavam, arrojadas,
Pelos bravos da França suffocadas,
São hoje os mil tropheus de glorias tantas!

Malakoff cahiu!... De que te espantas,
Oh Russia colossal?... Tuas espadas,
Tuas bandeiras, rotas, arriadas,
Jámais do pó da terra as tu levantas!

Malakoff cahiu!... É este um brado,
Que, inundando d'espanto a Europa inteira,
Nos fastos marciaes foi registrado!

Eleva a fronte audaz, sempre altaneira,
Soberba França, Imperio denodado,
Assombro das nações, nação guerreira!

16 de Setembro de 1855.

XLVIII.

O BARDO.

Altivo surge, com a lyra em punho,
Mimoso Bardo, que se eleva aos ceus
Nas brancas azas das canções divinas,
Que a mente cria quando pensa em Deus;

Em Deus que o genio lhe fadou, na terra,
Ardente genio que eterniza heroes;
Que exalta os nomes dos que outr'ora foram
Do luso povo luminosos soes.

E o Bardo surge, com a lyra em punho,
E a mente accêsa d'um febril ardor....
É fogo lento que se torna em chammas,
Se meiga virgem lhe sorri d'amor.

Amor de vate.... que firmeza encerra!...
Amor tão puro não se encontra ahi
Por entre a turba de pensar maldito,
Que, sempre insana, só moteja e ri.

E o Bardo surge, com a lyra em punho,
Cantando os feitos, que inda assombro dão,
Das bravas gentes d'essas eras bravas,
Que dormem hoje no solar do chão.

Os Gamas, Castros, Albuquerques fortes,
Da morte o somno não terão jámais,
Que illesas passam atravez dos evos
As muito honrosas tradições leaes.

E o Bardo surge, com a lyra em punho,
Ardentes cultos tributando á fé;
Embora zombem os atheus descrentes,
As santas crenças ficarão de pé.

De pé, que eu sinto, no fervor d'est'alma,
Alentos novos d'immortal verdor;
Nos ceus, na terra, no universo inteiro,
Humilde vejo o teu poder, Senhor!

E o Bardo surge, com a lyra em punho,
Lá quando a noite nos convida a amar,
Lá quando a lua se retrata meiga
Nas brancas aguas do sereno mar;

Então rebenta-lhe um vulcão na mente,
No peito fervem-lhe saudades mil,
E o genio ousado se abalança altivo
Largando os vôos ao pensar febril!

E o Bardo surge, com a lyra em punho,
E vôa, vôa até poisar nos ceus....
Parou... não póde,—que se espaço houvera,
Lá mesmo fôra pendurar tropheus!

Parou... não pôde, — mas vingou seu nome,
Que o estro em chammas se levanta rei....
Domina os astros, avassalla os mundos,
E aos evos passa, e vae dictando a lei!

Março de 1852.

XLIX.

A ZAGALA.

Que linda que és, oh Zagala,
Com tuas vestes de gala,
Com teus sorrisos d'amor!
Como és meiga! como és bella!
Tu és, sim, a minha estrella,
O sonho do trovador:
    Oh! quanto não é gentil
    O teu garbo senhoril!

És, oh linda pegureira,
És, donosa feiticeira,
Meu encanto e seducção;
Quando vejo o teu enleio,
Em fogoso devaneio
Sinto ardente o coração....
    Elle é teu — sempre o será,
    Por ti só palpitará.

Mas, porque foges, medrosa,
Porque assim vaes pressurosa
Ostentando tal rigor?
Teu coração é de neve?
Nem sequer sentes de leve,
No peito, a ancia d'amor?
    Escuta.... oh linda cruel:
    Ser-te-hei sempre fiel.

Mas, sorrindo, tu córaste?!...
Teu amor me revelaste,
Mais não posso duvidar.
Vem, oh! vem, gentil Zagala,

Teus loucos prejuizos cala,
Vem contente repousar
Nos braços do trovador,
Que te off'rece um ceu d'amor.

Olha, vê como é saudoso
O rouxinol tão mavioso
Em seus accentos de dôr....
Ouve tambem a rolinha
Suspirando, coitadinha,
Sempre ardente em seu amor....
— E do rio o murmurar
Não convida tanto a amar?...

Zagala! linda Zagala!
Se o prazer no peito falla,
Porque vacillas então?...
Olha p'ra mim com ternura....
Vem para aquella espessura
Escutar meu coração....
Lá.... sobre a relva a florir
Não vês tu amor sorrir?...

Caldas de Vizella — Junho de 1849.

L.

N'UM BENEFICIO

DADO NO THEATRO DE S. JOÃO EM FAVOR DA CRECHE
DE S. VICENTE DE PAULO.

Aqui não se ostentam os quadros brilhantes,
As pompas grandiosas d'um regio festim;
É nobre homenagem prestada á *virtude*,
É um feudo á *desdita* — por isso aqui vim.

Se, além, sobre um throno, brilhassem o manto,
O sceptro, os arminhos, a c'rôa d'um rei,
Embora pudessem bradar-me: « Descanta »!
Afoito dissera: « não canto, não sei »!

Grandezas da terra, p'ra mim nada valem,
Da lyra não podem meu canto arrancar.
Mal haja o poeta, que vae, alta noite,
Nas salas d'um grande, seus hymnos soltar.

O sol deslumbrante do astro da gloria
Só póde inspirar-me! — seu fogo immortal
Me alenta nos carmes que sagro ao talento,
Á honra, á virtude de luz divinal!...

E é nobre ao talento, honroso á virtude,
Baixar ás estancias d'um *ser* infeliz....
Calar-lhe as angustias, matar-lhe os tormentos,
Levar-lhe os consolos que a esperança nos diz.

Se além, n'essas ruas, se arrasta o mendigo,
Se a virgem, impellida, no crime descáe,
Se o pobre operario vergou á penuria,
Se o orphão innocente aos ceus ergue um ai!...

Ha glorias grandiosas p'ra a mão que levanta
O pobre mendigo, — p'ra a mão que enxugou
Os prantos amargos do orphão, da virgem;
P'ra quem tantas penas em risos tornou!

E o *Porto* é quem sempre se ostenta guerreiro
Na santa cruzada do bem contra o mal;
Aqui, vêl-o-heis caminhar na vanguarda
Da honra, empunhando pendão immortal.

É elle quem sempre soccorre a desdita!
Quem sabe ao talento mil cultos prestar!
É elle quem, hoje, aqui mesmo, á desgraça
Um templo levanta, levanta um altar!

Ha pouco vivia nas margens do Vouga,
N'um misero alvergue, poeta ancião;
Um grande talento de dia esmolava,
Á noite dormia nas lageas do chão!...

Ao *Porto* doeu-lhe vêr tanto abandono,
E honrosa homenagem d'aqui lhe prestou;
E o *Bingre* sorrindo, gosou, e na morte
Já teve a mortalha que á campa levou!

Bem hajas, oh patria! Bem hajas, oh *Porto!*
Que orgulho que tenho de ser filho teu!
Pudesse eu na fronte, que ergueste, altaneira,
Cingir-te uma c'rôa; — elevar-te um tropheu!

Irmãos, pelas artes! irmãos, pelas crenças!
Que os brios da gloria renasçam p'ra nós,
Que um dia possamos legar aos vindoiros
A fama legada por nossos avós!

E que 'inda os estranhos deponham orgulhos
Diante dos muros da terra immortal;
Da terra, que á patria sagrou mil grandezas
Nas glorias d'um nome qual é — Portugal —!

Porto — Junho de 1856.

LI.

AO OPERARIO.

Bem hajas tu, irmão, que, alfim, desperto
Do inglorio, longo somno que dormias,
Soltaste um brado ingente, e vês, já perto,
A aurora despontar de amenos dias.

Bem vindo sejas tu. Um campo immenso
A teus olhos se ostenta. Rutilante,
Das trevas desfazendo o veu intenso,
A gloria te sorri, bradando: « ávante »!

Bem vindo sejas tu. Nossas fileiras
Teem mais um defensor, teem mais um bravo!
Quem do povo jurou santas bandeiras,
Jámais as trahirá, rojando escravo.

Bem hajas tu, irmão. Mal cabe ao homem
Dormir, sempre dormir.... é força erguer-se,
E as penas, e as torturas que o consomem,
Calcar, afoito, aos pés, e « em pé » manter-se.

Eia! ávante! ao trabalho! quanto é nobre
Viver sem ser pesado á sociedade!
Quanto é grato dizer: « *eu sou um pobre,*
Mas honra, valor tenho, e lealdade! »

Ávante, ávante sempre! é ardua a empreza,
Que emprehendeste, novel, audaz guerreiro;
Mas quando um homem « quer » e tem firmeza,
Não se verga nem mesmo ao mundo inteiro!

Ávante, ávante sempre! em toda a parte
Solta um brado a RAZÃO, altisonante;
Aqui, alli, além o estandarte,
Da regia ILLUSTRAÇÃO tremula ovante!

17 de Junho de 1853.

LII.

AO NAUFRAGIO DO VAPOR « PORTO »

EM A NOITE DE 29 DE MARÇO DE 1852.

Quem jámais soffreu martyrios,
Quem não sabe o que é penar,
Venha vêr tão negro quadro,
Que, bem triste, ha de chorar....
Chorar, sim, prantos nascidos
Entre os seios comprimidos
Do pungido coração....
Chorar, sim, por tantas vidas
Nos antros do mar perdidas
Sem conforto, ou protecção!...

Vêr a terra tão de perto,
Branquejando á beira-mar;
Vêr os entes mais queridos,
Ouvil-os mesmo bradar,
Sem á voz do « ai que eu morro! »
Receber triste soccorro,
É tormento bem cruel!
É o calix da amargura,
Nos extremos da tortura,
Trasbordando amargo fel!

⊃•⊂

E, depois, vêr-se elevado
Por sobre altos escarceus,
Ora descendo aos abysmos,
Ora tocando nos ceus....
Ter ainda uma esperança
No despontar da bonança,
No acalmar do furacão,
E, por fim.... vêl-a perdida,
Junto á vaga embravecida....
Santo Deus! faz compaixão!

Compaixão.... quem a não sente
Ao vêr o fragil baixel,
Despedaçado, sumir-se
Nos marulhos do parcel!
Quem tem alma que resista
Áquella scena imprevista,
Tão difficil de pintar?...
Vêr nas aguas já luctando
Tristes naufragos, bradando,
Sem se poderem salvar!...

Mas... meu Deus!... 'inda é mais triste,
Nas ruinas do convés,
Vêr um pae — com duas filhas —
Abraçados todos tres!...
Todos tres.... angustiados....
Os olhos no ceu cravados,
N'aquelle transe de dôr....
Todos tres.... agonisando....
'Té que a vaga encapellando
Surge altiva!...
Ceus!.... que horror!...

E depois.... poucos instantes,
Um silencio sepulchral....
Cala o vento, a lua surge
Como tocha exequial!
Além.... nas aguas.... boiando
Que de vultos negrejando
Á frouxa luz do luar!...
Pouco a pouco.... embaciada....
Foge a lua, horrorisada,
De sobre as aguas do mar!
....

*

Faz subir a côr ao rosto
Vêr o quadro que então vi;
Morrer tantos desgraçados
Sem soccorro.... só aqui!...
Houve outr'ora um *salva-vidas*,
Que em tormentas repetidas
Deu ao nauta a salvação;
E que resta d'elle? — a *ossada....*
Carcomida.... abandonada....
Oh! vergonha! maldição!

Abril 2 de 1852.

LIII.

DELIRIO.

(TRADUCÇÃO LIVRE).

Que fazes, meu anjo?!... Tu desces librada
Nas azas mais brancas que a branca cecem,
E vens segredar-me, na terra, sorrindo,
Delicias ignotas que o mundo não tem?!...

Á vida vivida nos loucos embates
D'um goso mentido, d'um goso fallaz,
Trouxeste os encantos de nova existencia
Nos sonhos bemditos que a esperança nos traz.

Bem hajas, meu anjo, que a vida me déste,
A vida mimosa de viço e frescor,
A vida tão cheia d'amenos encantos,
Nos gratos extremos d'um férvido amor.

Bem hajas, meu anjo!... — Que venham rojar-me
Do throno de gloria a que, altivo, subi!
Que venham, se podem, matar em minh' alma
Os longos anhelos, que eu nutro por ti!

Que venham, ousados, quebrar um só elo
Da santa cadeia que amor nos lançou!
— Quem foi baptisado n'um rio de prantos,
Jámais do baptismo, infiel, renegou.

Soberbo, meu anjo, do amor que me déste,
Ao mundo eu quizera mostrar-te qual és....
E, embora esse mundo sorrisse, maldoso,
Então, mais ufano, vergára a teus pés!

Se é crime esse affecto, tão nobre e tão puro,
Que em prantos, um dia, no peito nasceu;
Adoro esse crime, que traz á minh' alma
Alentos que nunca a virtude me deu!

Adoro esse crime!...—Por elle hei de erguer-me,
Erguendo-te aos mundos da gloria tambem!
—É a unica palma que posso offertar-te;
Mas vale grandezas que o ouro não tem.

Amor da minh' alma! Meu anjo adorado!
Terás, em meu peito, lugar sem rival!
Se ao peito quizerem roubar este affecto....
Que o roubem co' a ponta d'agudo punhal!....

19 de Abril.

LIV.

VATICINIO.

Geme tinta no sangue a forte Hungria,
A Polonia, de ha muito, jaz calcada,
E a França, sim, a França laureada
Curva agora a cerviz á *Monarchia!*

De novo lá resurge a tyrannia,
Tyrannia feroz, abominada,
Que ao livre, *por ser livre,* ensanguentada
Lhe arroja a fronte aos pés com mão impía...

Folgae, folgae, oh despotas da terra!...
Erguei novos tropheus á crueldade,
Dae largas ao furor que o mundo aterra:

Embalde agrilhoaes a lealdade;
Póde em sangue nadar o mundo em guerra,
Mas ha de alfim reinar a liberdade.

Janeiro de 1852.

LV.

PATRIA E REI!

Pedem-me um canto vehemente,
Das terras de Santa Cruz,
E fogoso e tão ardente
Como a chamma d'ignea luz:
— Direi, com rude franqueza,
Uma trova portugueza,
Mas portugueza de lei;
P'ra se ouvir perante um povo,
Que vem prestar brio novo
Aos novos brios d'um Rei!

Se eu pudesse n'um momento,
Oh meus irmãos d'além mar,
Nas azas do pensamento
Transpor o espaço e voar....
Soltara o vôo arrojado,
E, entre um povo fascinado
P'lo amor da patria immortal,
Empunhando a lyra augusta,
Bradára com voz robusta:
« VIVA O REI DE PORTUGAL! »

Portugal! poema egregio
Descantado por Camões!
Portugal! teu throno regio
Reina em nossos corações!
— É no peito do exilado,
Onde ferve, concentrado,
O santo amor do paiz....
Aqui, sim, entre alegrias,
Ha profundas sympathias
Pelo Rei, — por D. LUIZ!

A estas horas traja galas
A patria, no seu festim;
Nas suas doiradas salas
Reina o goso, o amor sem fim!
Tudo é, lá, ruidoso e bello,
Como é grande e nobre o anhelo
Que nos falla ao coração....
Lá, — nas pompas do prestigio,
O prazer sobe ao fastigio
Da mais ebria exaltação!

⊃•⊂

PATRIA!...
REI! acceita o preito
Que vos manda, 'inda uma vez,
Quem sente orgulho no peito
Por se chamar « portuguez »!
Embora, longe e distantes
D'essas montanhas gigantes
Do nosso paiz natal,
Nós — filhos da liberdade —
Lá mandamos, na saudade,
« Mil vivas » a Portugal!

Porto — 20 de Setembro de 1863.

LVI.

ADEUS!...

Adeus, margens risonhas do Douro,
Onde os dias mais ledos passei;
Onde, em doces folguedos da infancia,
Mil venturas, ditoso, gosei.

Adeus, serra, que altiva campeias,
Impassivel, quaes rochas do mar!...
Como é grande teu dorso gigante,
Quando as nuvens te cingem no ar!

Adeus, ceu azulado da patria,
Meu docel, quando, infante, fui rei;
Quando, em cima d'um throno de relva,
Entre risos « Á guerra! » bradei.

Adeus, bosques d'amena espessura,
Onde grato me fôra o viver;
Onde em noites calmosas do estio
Vae a rola saudosa gemer.

Adeus, Branca!... — primeiros amores,
Que, em delirio, na mente afaguei!
Vou partir.... e as saudades que sinto....
Nem eu posso dizer-t'as.... nem sei!

Adeus, Branca!... talvez para sempre....
Para sempre!... que ideia fatal!
Ah! que eu possa 'inda ao longe avistar-te,
Linda estrella do meu Portugal.

Agosto de 1849.

LVII.

NO ALBUM

DA EX.^{ma} SNR.^{a} D. ANNA ELVIRA DE FREITAS.

Entre as sombras da clausura
Sei que vives isolada,
Tu, que ditosa nasceste
Em aureo berço embalada.

Tu, a quem sorriram mimos
No verdor da tenra idade;
Tu, que vês, quem sabe? a infancia
Pelo prisma da saudade.

No livro da tua vida
Ha uma folha enluctada,
Um sacrificio, um tormento,
Uma affeição desgraçada!...

Não o sei, mas adivinho-o....
Muitas vezes sou propheta:
Ha em tua alma os espinhos,
Que tem na sua o poeta!

Ha, talvez.... mas que.... silencio!
— Não serei quem erga o veu
Do anjo que busca abrigo
No santo asylo do ceu.

Eu respeito alheias mágoas;
Curvo a fronte á magestade
Da mulher, que, sendo livre,
Disse adeus á liberdade!

10 de Julho de 1854.

LVIII.

AOS ACADEMICOS DE COIMBRA.

Vêdes aquelles vultos imponentes?
Sabeis quem elles são?
São da patria esperanças grandiosas,
Sacerdotes do Templo da sciencia,
Mancebos, que no peito sentem livre
Pulsar-lhe o coração!

E, vós, já conheceis a patria augusta
Do nobre Egas Moniz?
Aqui nasceu; nasceu tambem Garrett,
O inspirado cantor, o egregio vate!
— Ufano d'estas glorias ergue o Porto
Guerreira, alta cerviz!

Saudai os operarios do progresso,
Os homens do porvir:
Ornamentos do Fôro e da Tribuna!
Futuros *Passos*, *Leoneis*, *Estevams*,
A gloria os bem-fadou, e a gloria é bella
Quando acena, a sorrir!

Estes, os nobres filhos dos valentes
Do antigo Imperador,
Soldados immortaes de Pedro Quarto!
Se um dia a patria carecer de braços,
Qual de nós deixará de erguer-se forte,
Contra o fero oppressor?

Alli a intelligencia, aqui os brios;
Alli — espirito e luz,
Aqui sempre o commercio, a industria, e as artes!
Potentes pedestaes aonde a patria
Ha de, erguida, brilhar aos bello raios
D'um sol que já reluz!

Graças, mancebos, graças á fineza,
Lembrança especial,
Que fizestes ao solo dos valentes!
Em nome d'este povo eu a agradeço:
— É brazão que engrandece o Porto heroico,
O Etna de Portugal!

Ávante, nobres filhos d'esta terra!
Ávante, vós tambem!
Os pendões do progresso ondeiam, livres,
E a patria nos sorri! — Que impulso grande!
A patria é um canto heroico! a patria é a vida!
É o ceu fulgindo além.

Porto — 11 de Abril de 1863.

LIX.

NO ALBUM

DA EX.^ma SNR.^a D. MARIA PEREGRINA DE SOUZA.

Tarde me pedes, Senhora,
Uma trova, uma harmonia;
Quando o gelo impéra n'alma,
D'alma foge a poesia.

Esta vida que ora vivo,
No fragor da multidão,
Veio de todo apagar-me
O fogo da inspiração.

Quiz sagrar-te um canto ameno,
Empunhei, ousado, a lyra....
Mal do peito a voz desprendo,
Triste, nos labios, expira....

Quiz voar, mas ah! não pude....
Quiz cantar, foi tudo em vão;
— É que lavra o desconforto
Nos seios do coração.

Como a luz que, n'alta noite,
Bruxuleia e s'esvaece,
Lampejando espaço a espaço,
'Té que alfim desapparece;

Assim, já sinto extinguir-se
Na mente a flamma immortal,
Que me arrojava, brilhante,
Ás grandezas do ideal....

Tarde vieste, Senhora....
Resvalei n'um fundo abysmo....
Debalde tento roubar-me
Aos gelos do prosaismo.

Novembro 11 de 1852.

Guerra! guerra de morte aos tyrannos!
Haja guerra de morte a fartar!
Oxalá tanto sangue se verta,
'Té que em sangue se possa nadar!

Habitantes! valentes soldados!
Não ouvis?... oh! lá sôa o canhão....
Avancemos unidos á carga....
Deus protege do povo a missão!

Eia ávante, soldados guerreiros!
Eia ávante, valentes da Hungria!
Pela terra formosa da patria
Arrostemos co' a vil tyrannia.

Agosto de 1849.

LXI.

GLORIA A DEUS!

A MINHA IRMÃ JULIA.

> Teu nome ousei cantar, perdôa oh Nume,
> Perdôa ao teu cantor;
> Dignos de ti não são meus froixos hymnos,
> Mas são hymnos d'amor.
>
> A. HERCULANO.

Trepado ás rochas da escarpada vida,
Lasso meu corpo d'um luctar esteril,
Deixem-me um pouco repousar á sombra
D'intimas crenças!

Eu ouço o vento que sibila triste
Pelas quebradas da montanha agreste;
Quem, pois, lhe ensina magoadas queixas,
Funebres cantos?

No vasto ambiente de perfumes cheio,
Cantam mil aves sonorosos hymnos;
Onde aprenderam a harpejar tão doce
Musica santa?

Nas leves azas da ligeira brisa
D'amenos bosques de jasmins e tilias
Ás nuvens sobe vaporoso incenso,
Halito aéreo!

Por entre moutas de viçosa relva
Murmura o rio fugitiva endeixa;
Da tosca fonte a rebentar suspiram
Limpidas aguas;

E, além, nas ribas do elevado oiteiro,
Proximo ao horto do tugurio pobre,
Ouvem-se as vozes do pastor cantando
Rusticas trovas.

Que diz a lympha a suspirar tão meiga?
Que dizem trovas do cantor selvagem?
Que diz a brisa a recender tão grato,
Melico aroma?

Que dizem rios, avezinhas, montes?
Que diz o mar a debater-se insano?
Que dizem astros que dos ceus desferem,
Vividos lumes?

Os ceus, a terra, e o vasto mar que encerram
As maravilhas que o Universo ostenta,
Cantam « Hosannas » ao SENHOR DOS MUNDOS,
ARBITRO EXCELSO!

Oh Deus ingente! Oh Rei dos Reis Supremo!
SENHOR que habitas as regiões ethereas,
Tu, que do nada luminosa esphera
Subito fazes!

Tu, que nos déste o pensamento, a ideia,
Que nos impelle a devassar arcanos,
Tu, que na mente do poeta accendes
Férvido estro;

Tu, que no homem, a quem déste o genio,
Verteste a essencia do Teu Ser mais puro,
Perdôa ao vate que tentou sagrar-Te
Canticos d'alma.

Vérme da terra, rastejei, não pude
Subir-me ao alto do explendor divino!
Não pôde o labio, a meu pezar, cantar-Te
Mysticos hymnos.

Embora! Firme nas mais santas crenças,
Ha de a minha alma, demandando o espaço,
Ir abrigar-se no Teu Sòlio Augusto,
Candida e pura!

Atheus descrentes, que dizeis *acaso*
As maravilhas que a Razão deslumbram....
Vêde este quadro! Não sentis no peito
Jubilos santos?

Negai, agora, se podeis ainda,
A Omnipotencia da grandeza etherea....
—Que existe um Deus—hão de attestal-o eternos
Lucidos mundos!

Maio de 1864.

LXII.

MYSTERIO.

....

Ella chorava, sósinha,
Lagrimas d'intensa dôr....
E chorando era tão bella
Como um Anjo do SENHOR!

O punhal atravessou-lhe
Bem profundo o coração....
Mas seus labios não soltaram
Um grito de maldição!

Através de mil torturas
Do mais agro padecer,
Só lhe ouvi bradar: «Oh morte,
Vem dar fim ao meu soffrer!»

*

Desditosa! que tormenta
Lhe rasgava o coração!...
Quanto custa vêr co' a esp'rança
Desfolhada aurea illusão!

Porto — 1850.

LXIII.

N'UM ALBUM.

É este um album rico de bellezas;
Aqui se ostenta um vasto panorama:
— Em cada folha um quadro, em cada quadro
Um talento elevado aos ceus da fama!

E gratos são os hymnos que murmura
Inspirado *pincel,* fallando a medo
N'essa linguagem de mudez sagrada,
Que tanto mimo tem.... tanto segredo!

A arte ao coração falla tão meiga....
A arte faz da vida um paraizo;
E é 'inda á voz da arte que do nada
Rebenta o goso, a dôr, o pranto, o riso!....

É este um album rico de bellezas;
Aqui se ostenta um vasto panorama:
— Em cada folha um quadro, em cada quadro
Um talento elevado aos ceus da fama!

Porto — 27 de Junho de 1854.

LXIV.

A CANÇÃO DO ESCRAVO.

Inspiração do bellissimo romance de M.^me HARRIET BEECHER STOWE
« *A Cabana do Pae Thomaz.* »

Nas longas margens do sonoro Zaire
Abri os olhos ao ridente alvor;
Mal eu sabia que um mortal desaire
Bem cedo havia victimar-me á dor....
   Ai terras ferteis do meu Congo amado,
Ai choça humilde em que nasci.... adeus!
   De vós tão longe, n'um penar anciado,
Aspiro á morte para erguer-me aos ceus!

Raça de brancos me chamou escravo!
Escravo a mim.... que tão audaz nasci!
Travou-se a lucta.... que podia um bravo?...
Cedendo á força amarga dôr soffri:
Soffri algemas, e o escaldar d'um ferro....
E ouvi os gritos de milhar dos meus!...
Desde esse instante de um cruel desterro,
Aspiro á morte para erguer-me aos ceus!

« Trabalha, oh negro, ou eu te arranco a vida »
Me brada, a instantes, meu brutal senhor!...
E o corpo, e a face, de vergões cingida,
Fundem-se em bagas de um lethal suor....
Mal posso ter-me... Santo Deus! que inferno!...
Embora! cumpram-se os decretos teus;
Sorri-me o goso no porvir eterno!
Aspiro á morte para erguer-me aos ceus!

Vivas saudades da ditosa infancia
Me fervem n'alma com intenso ardor,
Se a sonho em sonhos, através da ancia,
Que a vida cinge de amargura e dor.

E então me creio no meu solo ardente,
E a prece elevo fervorosa a Deus....
Que vale um sonho que a razão desmente,
Se aspiro á morte para erguer-me aos ceus!?

Mas a saudade mais recresce ainda,
Se, entre os encantos da illusão fallaz,
Do pae, da mãe, e das irmãs, tão lindas,
Os ais escuto, que o bulcão me traz.
Então meus prantos n'esta face escura,
—Nitidas per'las em funéreos veus,
Bem alto dizem, que em voraz tortura
Aspiro á morte para erguer-me aos ceus!

Mas ai! que eu vi-o!... Qual feroz panthera,
O meu verdugo castigar-me vem....
Rasga-me as carnes, mas embalde espera
Calar-me as queixas.... tal poder não tem!
Eu morro! eu morro! ai de mim... eu morro...
Vergando a fronte.... aos mil flagicios seus...
Já sinto o alento de immortal soccorro!...
Já sinto a morte.... vou erguer-me aos ceus....

Ai longas margens do sonoro Zaire!
Ai doces climas de ridente alvor!
Victima triste de um cruel desaire,
De vós tão longe, eu desfalleço á dor....
  Ai terras ferteis do meu Congo amado!
Ai choça humilde em que nasci.... adeus!
  Sou livre! livre! ainda mais.... vingado!
Lá vos aguardo.... meus irmãos.... nos ceus....

Novembro de 1853.

XLV.

NO ALBUM

DA EX.ma SNR.a D. EMILIA NOVAES.

Já não sei tirar da lyra
Amenos sons que tirei,
Quando o mundo pelo prisma
Das delicias encarei.

Oh! bem curto, momentaneo,
Foi meu tempo d'alegria;
Á tristeza devo os cantos
De mais doce melodia.

Á tristeza!... — Rei dos ermos,
Quantas vezes me sentava
Sobre a rocha alcantilada,
Que d'espuma o mar banhava.

Alli, das cordas da lyra,
Elevava aos ceus um hymno
D'um fervor todo espontaneo,
D'um amor todo divino!

E lá quando via a lua
Campear na immensidade,
Era o mundo espaço estreito
Para a minha anciedade!

E horas e horas scismava
N'um devaneio celeste....
Magica deusa, oh Poesia,
Quantos gosos me não déste!...

*

Ai, virgem, porque tão tarde
Me pediste um canto meu?!
Não me viste tantas vezes
Invocar da terra o ceu?

Não me ouviste os sons magoados,
Que a viração repetia,
Quando ao longe, harpa funerea
Por entre as selvas gemia?

Ai, virgem, porque tão tarde
Me pediste um canto meu?
Se eu pudesse ainda, ao menos,
Uma vez erguer-me ao ceu!...

Porto — 1855.

LXVI.

NO CONCERTO

DADO PELA ASSEMBLEA PHYLARMONICA NO THEATRO DE S. JOÃO, A FAVOR DO PROJECTADO MONUMENTO AO SENHOR D. PEDRO QUINTO.

Dom Pedro Quinto, esse Heroe modêlo,
Que um grande nome a Portugal legou,
Ainda vive das passadas glorias,
Que ao mundo a Fama com ardor cantou!

Mal sahe do berço, balbuciando apenas,
Aprende intacta a respeitar a lei;
Escravo d'ella, em toda a parte via
UM POVO INTEIRO IDOLATRANDO O REI!

Que Rei aquelle! que paixões! que vida!
Quem mais sob'rano se ostentou jámais?
No horror da peste aos hospitaes descendo,
Ganhou mil c'rôas, supplantou rivaes!

Ganhou mil c'rôas, dilatando as glorias,
Da cara patria a quem dissera: « amei »!
Por isso, louco de prazer, folgava
UM POVO INTEIRO VICTORIANDO O REI!

Rei infeliz! N'aquelle peito d'homem
Havia um cahos d'amargura e dôr!...
Morreu-lhe a esposa... — que restava ao Martyr?
Saudade extrema d'um sentido amor!

Chorou!... Choramos.... n'essa dôr unidos!
Tamanha mágoa traduzir nem sei;
Que a diga aquelle que encarou, attento,
UM POVO INTEIRO LAMENTANDO O REI!

Mas, oh destino!... PEDRO QUINTO é morto!
'Inda tão joven, lá tombou no pó!
— Se o choram ricos, nem um só dos pobres,
Deixou no lucto de mostrar seu dó!

Enchem-se os templos, negrejando os crepes,
Ás santas rezas meu rezar juntei;
Por largos tempos, quem não viu curvado,
UM POVO INTEIRO SUFFRAGANDO O REI?!...

Agora resta levantar, bem alto,
Um monumento d'eternal fulgor,
Que aos evos mostre que se havia um PEDRO,
Havia um povo p'ra tamanho amor!

E os ceus fulgindo e dardejando os raios
Do sol da gloria sobre a lusa grei,
Dirão aos mundos: « Attentae que é grande
UM POVO INTEIRO MEMORANDO O REI! »

E, ao longe, os mundos encarando o quadro
Grande, imponente, que se ostenta além!
Rompem mil vivas, victoriando as *Damas*,
As bellas *Damas*, que esta terra tem!

Vanguarda illustre d'este povo heroico!
Embora humilde, teu cantor serei:
« A vós se deve » bradarei, bem alto,
UM POVO INTEIRO ETERNISANDO O REI!

Porto — 16 de Junho de 1862.

LXVII.

IMITAÇÃO.

Se eu fôra poeta, cantára, em meus versos,
Teus longos anhelos, teu vago scismar,
De luz inundára teu rosto adorado,
Se eu fôra das noites saudoso luar.

Se eu fôra pintor, verteria na tela
A imagem, que sei no meu peito guardar;
Á frente dos bravos, se eu fôra guerreiro,
Iria nas luctas por ti batalhar.

Se eu fôra das auras a aura mais branda,
Em torno de ti eu quizera adejar;
Se eu fôra do mar alta vaga azulada,
Teus pés eu viria na praia beijar.

Se eu fôra um suspiro do peito nascido,
D'amor os mysterios te iria contar;
Se eu fôra uma rosa mui linda e nevada,
Teus negros cabellos quizera adornar.

Mas eu não sou aura, poeta, ou guerreiro,
Nem vaga, suspiro, nem rosa ou luar,
Sou homem que tenho na fronte estampado
O sulco profundo d'um longo penar.

1851.

LXVIII.

NO ALBUM DE DESENHOS

DA EX.^{ma} SNR.^{a} D. DOROTHEA DE ALMEIDA FURTADO.

Aqui vejo, esperançosas,
As primicias d'um talento;
Vejo mais: diviso um GENIO
N'este altivo monumento!

Espontaneo se revela
Nas galas que o *pincel* cria,
Quando a mente invade os mundos
Da arrojada phantasia!

Eu, poeta, n'estas eras
De distincções vergonhosas,
Só firmo as crenças na esp'rança
D'um porvir d'acções honrosas.

É da arte, é do talento,
Que 'inda espero a redempção
Para o povo que definha
No torpor da inanição....

É na arte, é no talento,
É nas concepções grandiosas,
Onde só fecunda o germen
Das acções mais generosas.

N'esta cruzada sublime,
Da razão, emancipada,
Contra os fóros « mendigados »
Da *nobreza improvisada!*

N'esta briga, em que a sciencia
Mais se estende, vigorosa,
A sofrear os abusos
Da *prepotencia orgulhosa!*

N'esta peleja, em que a patria
Nos accende o fogo n'alma....
Has de, irmã, ganhar um nome,
Has de colher uma palma!

17 de Janeiro de 1854.

LXIX.

ÁVANTE!

A UM POETA.

Ávante, poeta, que, em nuvem doirada,
A Gloria te acena, de longe a sorrir;
Ávante, guerreiro da nova cruzada,
Teu nome famoso pertence ao porvir.

Escuta!... Não ouves a patria bradando:
« Poeta! os teus cantos eu quero gosar! »
Não sentes o fogo no peito lavrando?
Nas veias não sentes teu sangue escaldar?

Poeta! que fazes?!... de braços cruzados!
Acaso o teu estro brilhante morreu?
Serão para sempre de todo gelados
Os brios que a gloria no peito accendeu?

Empunha a tua harpa!... desprende o teu canto!
Entorna a magîa que Deus te doou,
Nas trovas tão lindas, tão cheias de encanto,
Qual nunca dos risos a musa inspirou.

Não temas que a inveja te arranque da fronte
A c'rôa formosa de verde laurel,
Não temas — não póde; jámais sobe ao monte
O rio que foge por entre o vergel.

Ávante, poeta, que, em nuvem doirada,
A Gloria te acena, de longe a sorrir;
Ávante, guerreiro da nova cruzada,
Teu nome famoso pertence ao porvir.

Fevereiro de 1851.

LXX.

SAUDADES.

Á IMPREVISTA MORTE DE SUA MAGESTADE A RAINHA
A SENHORA D. MARIA SEGUNDA.

RAINHA! eu vi-te, ha pouco, entre o delirio
De cega adoração!
Segui-te como a sombra segue o corpo;
E, ante a Filha do HEROE, ficando mudo,
N'essa propria mudez dei-te o mais candido
Amor do coração!

E este amor era um hymno magestoso,
Que o mundo nunca ouviu,
Nem tu ouviste do alto do teu Throno!
— O canto, que inspirára a MAGESTADE,
Abafei-o nos seios da minha alma;
Jámais á luz surgiu.

Mas hoje, que não podes já pagar-m'o,
Nem c'um riso sequer;
Hoje, que alfim vergaste a fronte á morte,
Has de ouvil-o, RAINHA ennobrecida,
ESPOSA a mais leal, MÃE extremosa,
Desgraçada mulher!

Ai! desgraçada, sim, que o teu reinado
Foi d'amargura e dor!
D'amargura p'ra ti — que te cuspiram
Na face, que alteavas, INNOCENTE,
Quantas injurias ha, quantas infamias,
Repassadas d'horror....

D'amargura p'ra ti — que te apontaram
Os ingremes degraus
D'um cadafalso negro e ensanguentado....
E os troncos dos monarchas decepados....
E as terras do exilio.... e mil doestos
Nos mais subidos graus!

D'amargura, tambem, p'ra nós, SENHORA,
Que, em luctas fratricidas,
Cruzando os duros ferros, scintillantes,
Cem batalhas p'lejamos sanguinosas,
Invocando o teu nome e a liberdade,
Hoje, illusões perdidas....

Mas a morte envolveu-te em negro manto....
Já RAINHA não és!
Do regio Throno te arrojou á campa....
Agora, posso eu já sagrar-te um hymno,
Apontar-te « MODELO DE VIRTUDES! »
Curvando-me a teus pés.

19 de Novembro de 1853.

LXXI.

NO ALBUM

DO ILL.mo SNR. JOÃO JOSÉ DE LIMA E COSTA.

Nunca viste em agras serras
Despontar mimosa flor,
Que a natureza creara,
Sem disvelos do cultor!

E não sabes que, mudando-a
Para formoso jardim,
Talvez de pejo ou receio
Lá definha e morre alfim?

Ah! se o sabes, não exijas
Que te deixe uma canção
Quem só canta, tristuroso,
Nos seios da solidão.

Que valêra, aqui, meu canto,
Entre harmonias sem fim?...
— Tanto como a flor agreste
Desfolhada n'um jardim.

1852.

LXXII.

N'UM ALBUM.

(Em seguida a um pequeno artigo do Snr. Camillo Castello Branco).

Dera o melhor de meus cantos
Por essas linhas de prosa,
Em que a poesia rebenta
Tão espontanea e viçosa.

Alli, sim.... tendes um canto
Que nos falla ao coração!
De que valem froixos versos
Sem a luz da inspiração?

Alli, sim.... tendes um canto
Todo fé, todo verdade:
São flores que o poeta colhe
Entre as mágoas da saudade.

Porto — 20 de Julho de 1863.

LXXIII.

DESFORÇO!

A SUA MAGESTADE EL-REI O SENHOR
D. LUIZ PRIMEIRO.

SENHOR REI! Acceita o preito
Que vos dá, 'inda uma vez,
Quem sente orgulho no peito
Por se chamar «portuguez»!

O Porto repelle a affronta
D'uma injuria sem igual,
Bradando, brioso e forte:
« *Viva o Rei de Portugal!* »

Porto — 2 de Dezembro de 1863.

LXXIV.

BELLEZAS DE PORTUGAL.

Nações da Europa, que ostentaes, vaidosas,
Fúlgidas c'rôas d'ouropel fallaz,
Rojae as frontes, que mais alto se ergue
Astro brilhante, d'esplendor vivaz!

É minha Patria «PORTUGAL famoso»
Que outr'ora grande, seu valor mostrou,
Quem 'inda ostenta mil tropheus de gloria,
Que a mão dos tempos nem sequer murchou!

Cerca-te, oh Roma, da grandeza antiga....
Surge a meus olhos qual surgiste então....
Aponta Lelio, Tito e Cassio aponta,
Revê-te ainda no immortal Catão....

Surge, que, ousado, rasgarei teu manto,
E os negros crimes d'um viver atroz
Hei de mostrar-t'os no furor dos Neros,
Do vil Tiberio no reinar feroz!

E tu, oh Grecia, que a sciencia esparges,
Acode á liça; a defender-te vem....
Eleva Homero, teu cantor divino,
Teus sete sabios vem mostrar tambem....

A par dos loiros da enramada fronte,
Teu sangue eu vejo espadanar, correr....
Trinta Tyrannos a cerviz te esmagam,
E, escrava, soffres seu brutal poder!

Nações da Europa, se quereis, radiante,
Fitar a Gloria, que tão alta vae,
Ouvi o canto, que me abraza esta alma,
Que a patria inspira, sim, ouvi — pasmae!

Bravas phalanges da soberba Roma
A Lusitania destruindo vão;
O vicio, o crime, o assassinio e o roubo
Medonha fama no terror lhes dão....

Sobre as entranhas da chorada filha,
Viriato jura uma vingança atroz!
Jura, — e vingou-se — libertando a patria
Do ferreo jugo que esmagou, veloz!

Egas valente, com a esposa e filhos,
Já piza as terras que d'Hespanha são;
Em desempenho da palavra sua,
Que sangue offrece!... que extremada acção!

Ao vel-o, Affonso lança mão da espada!
Egas curvou-se e — sem tremer — ficou!
Susta o monarcha!... toda a côrte pasma!
E a Fama aos astros o seu nome alçou!

Affonso Henriques, despertando as sanhas
D'alvo ginete que impellira, audaz,
A turba immensa, que inundava Ourique,
Com seus pesados esquadrões desfaz!

As *meias luas* a seus pés lá rojam!
Rota a moirisma, dispersando vae....
Então « do Povo » recebendo a c'rôa,
Affonso jura, mais que rei, ser Pae!

Sob o castello de Lisboa, em armas,
Vêde alta porta, que entre-aberta está;
Embalde tentam o cerral-a os moiros....
Véda-lh'o um vulto « moribundo já. »

E os portuguezes triumphantes passam
Sobre o cadaver de Martim Moniz,
O qual na morte conquistou mil vidas,
Que a morte é vida quando a Historia o diz!

Com vento em pôpa e tremulando, ovante,
Na capitania, o pavilhão real,
Fuas Roupinho lá demanda o Tejo,
Com as primicias d'um tropheu naval!

Primeira pedra « mal polida ainda »
Erecta ás glorias d'este Povo-rei!
Rasgada folha do troncado livro,
Que até, d'espanto, traduzir nem sei!

Mendes da Maia — o Lidador — Fronteiro,
Parte de Beja ao despontar do alvor;
Trinta fidalgos, com trezentos pagens,
Traz d'elle voam com guerreiro ardor.

Rapido investe Almoleimar famoso,
Qual igneo raio, que no ceu reluz....
Após instantes d'um combate extremo,
Matando-o « expira » o defensor da Cruz!

Á redea solta, Alboazem chegára
Os sons vibrando do anafil rebel;
Bem caro paga o sarraceno o arrôjo
Que o traz á lucta a pelejar, cruel.

Lourenço Viegas — o Espádeiro — erguendo
Largo montante, que no ar jogou,
Em mil pedaços lhe desfaz o craneo,
E a morte honrosa ao Lidador vingou!

MARTIM DE FREITAS, esse heroe soldado,
Que sabe quanto um juramento val,
Nos velhos muros da formosa Coimbra
Defeza emprega que não tem rival.

Depois, curvado sobre a regia campa,
Ainda, em Toledo, ao seu rei-senhor
Entrega as chaves da cidade illustre,
Legando um nome d'eternal fulgor!

Nos altos cerros do Algarve, o sangue
Referve em ondas, repintando o chão;
Dous povos fortes, inimigos sempre,
A mesma terra disputando vão....

E, braço a braço, e ferro a ferro, a palmos
A sujeitaram ao poder real
As bravas hostes de DOM PAYO PERES,
Ousado tanto, quanto foi leal!

Entregue ao goso de paixões ardentes
AFFONSO QUARTO, despresando as leis,
Escuta um dia de MINISTROS PROBOS
A linguagem que se deve aos reis:

« *Senhor! o povo já murmura.... ouvi-nos!*
« *Sêde Monarcha, quando não....* » =O que?=
« *Buscamos outro que melhor nos reja!* »
Tamanho rasgo Portugal só vê!!

Não sei se é dado entre heroicos feitos
Cantar extremos d'um amor sem fim,
Gerado em prantos.... terminado em sangue....
Não seja, embora....; que me importa a mim?

PEDRO no Throno com IGNEZ « já morta »
Que amor revela! que paixão não diz!
É facto virgem que engrandece a historia
Dos grandes quadros d'este meu paiz.

DOM NUNO, o sol que deslumbrára o mundo,
— O Condestavel — que valente foi!
D'Aljubarrota, que nos diga o solo
Quem entre os bravos se mostrou heroe!

Os estandartes de Castella o dizem,
Tropheus calcados em sanguineo pó!
Dizem-no os filhos das Hespanhas sempre
Entre as saudades d'um funéreo dó!

DOM JOÃO PRIMEIRO lá conquista Ceuta!
Feito brilhante, que immortal será;
Duzentas velas, cavalgando os mares,
Ao mundo attestam quanto fomos já.

O quanto fomos!... Quanto somos 'inda!
É bella a herança que d'avós se herdou!
É bella a herança! Nem valor fallece
A quem o berço «portuguez» fadou.

Arzila e Tangere, em poder dos nossos,
Bem alto fallam do valor d'um rei!
AFFONSO QUINTO — o Africano — exalta
Com braço armado a lusitana grei!

Com braço armado, quem o viu nas luctas
Que não tentasse secundar-lhe o ardor?!
Um povo é forte quando o Heroe que o rege
Lhe infunde alentos d'um vital fervor.

Recosto o braço na amurada, o GAMA
Sorri ás furias do alteroso mar;
Dobrando o Cabo das Tormentas, vêde-o
No chão da India seu pendão cravar;

E em torno d'elle lampejaram, livres,
Quinhentos ferros; e o voraz canhão,
Troando ao longe, fez tremer Melinde,
Cochim, Mombaça, Malabar, Ceylão!

Dom Pedro Alvares Cabral, mais tarde,
Sulcando as ondas descobriu, além,
As longas costas do Brasil, ornadas
De quanta pompa a natureza tem!

Joia perdida, que engastou na c'rôa,
De cujos elos era a « espada » o nó!
C'rôa brilhante, que, através mil p'rigos,
Ganhar sabiam portuguezes só.

O Grande Affonso d'Albuquerque, a estrella,
Que o Oriente inunda d'espantosa luz,
A área immensa dilatou da patria,
Domando Goa, sujeitando Ormuz.

Embora a *infamia* e a *traição* tentassem
Manchar-lhe o nome, denegrir-lhe a fé,
Ha de o seu vulto grandioso erguer-se,
E, além dos mundos, triumphar de pé!

Dom João de Castro — o viso-rei da India —
O heroe que as barbas empenhou, p'ra erguer
D'entre as ruinas a famosa Dio,
Qual foi na vida, vêl-o-heis morrer.

«Da honra escravo desfalleço á mingoa....
«Por Deus o juro! no Evangelho a mão....
«N'esta hora extrema nem ao menos tenho
«Uma gallinha!...» — E governava então!! —

É muito! é muito! já mal póde a lyra
Soster o impulso de grandezas taes!
As mais das cordas estalei, vibrando-as,
E as outras, froixas, já não podem mais!...

Quizera agora descantar mil feitos,
Que a historia ensina, que tão gratos são!
Embalde o tento.... que me escalda o sangue
A lava ardente de febril vulcão.

Mas ainda um vulto traçarei, ousado,
Na tela infinda d'elevados ceus!
Cobrando alento apontarei um astro!
Talvez a gloria!... que sei eu!... um Deus!

Mas um tal astro de fulgor immenso;
Mas esse Deus nas immortaes canções;
Mas essa gloria descantando glorias;
Reduz-se a um nome.... Qual será? — CAMÕES!...

Fevereiro de 1853.

LXXV.

JESUS!

I.

Morreu Jesus!... seu sangue precioso
Lá roja pelo chão!
Sobre o viso do Golgotha campêa
A Cruz da Redempção.

Á voz da prepotencia e tyrannia,
Ao medonho bramar da turba immensa,
Que vociféra e ri.... eil-O pregado
N'uma elevada Cruz, pendida a fronte,
Os labios roixos, mutilado o corpo....
JESUS! — Filho de DEUS, o Homem Santo,
O Rei dos reis, esse Senhor Supremo,
Que, a um acêno só, fez que surgisse
O mar, o ceu, a lua, o sol, a terra,
O monte, o prado, a flor — todo o universo!
Mysterio incomprehensivel!...

E o sol sumiu seus raios luminosos....
A lua já não tem pallor divino....
O mar sustou, ao longe, a sanha altiva....
O bello azul do ceu jaz esvaido....
As montanhas e os valles são negrura....
Ao prado, já sem flor, seccou-lhe a seiva....
Ai! toda a natureza traja luto!...

Morreu JESUS!... seu sangue precioso
Lá roja pelo chão!
Sobre o viso do Golgotha campêa
A Cruz da Redempção.

II.

Vamos, Christãos, orar junto da Cruz
Onde Jesus
Morreu.
Orar apraz a Deus — quando a oração
No coração
Nasceu.

Rezar, rezar, ai! que doçura verte
A férvida oração dentro do peito!
Quanto é doce o rezar!... é um consolo;
É balsamo suave ás penas d'alma;
É o unico prazer que tem na terra
O ente desgraçado!

Vamos, Christãos, orar junto da Cruz
Onde Jesus
Morreu.
Orar apraz a Deus — quando a oração
No coração
Nasceu.

III.

Oh meu Deus! ás minhas culpas
Concedei hoje perdão;
Que este pranto que m'escalda
Gerou-se no coração;
Nasceu á voz do martyrio
Da vossa santa paixão!

Perdoae-me pelos transes
De tão negra, acerba dor;
Pelo sangue que vertestes
N'esses instantes d'horror;
Pelos tão agros tormentos
Da vossa morte, Senhor!

Pelas lagrimas da Virgem,
Santa Mãe que vos gerou,
Por esse amor tão sagrado
Que em sua alma acalentou,
— Pelo muito que soffrera
Quando morto vos achou!

A minha intima crença,
No meu peito conservae.
— É antidoto sagrado
Contra a dor que n'alma vae.
Quantas vezes ella acalma
O soffrer que gera um ai!

Oh meu Deus! ás minhas culpas
Concedei hoje perdão;
Que este pranto que m'escalda
Gerou-se no coração;
Nasceu á voz do martyrio
Da vossa santa paixão!

15 de Abril de 1851.

LXXVI.

VENTURA.

Sou feliz; tenho a meu lado
O meu Anjo idolatrado,
Minha ardente inspiração!
Sou feliz; vejo cumpridos
Os meus votos mais queridos,
« Os meus sonhos de ambição! »

Hoje, sim; é doce a vida,
Tão amena e tão florida,
Tão formosa no sorrir...
Hoje, sim; tem mago encanto;
'Té nem ouso dizer quanto
Me é suave este existir!

Eu, de novo, sinto n'alma
O prazer que a dor acalma
Rebentando qual vulcão;
Sim, de novo, em ceu d'amores,
Amo a vida e seus fulgores
Na mais grata exaltação!

Oxalá que meiga sorte
Me doire a vida, e na morte
Só me finde este prazer;
Oxalá que, extasiado,
Solte sempre o doce brado:
« MAIS FELIZ NÃO POSSO SER! »

4 de Maio de 1850.

LXXVIII.

ENLEVOS.

I.

Candida! primeiro fructo
D'um primeiro e casto amor,
Dos meus jardins da vida és tu, meu anjo,
A mais rara, meiga flor.

Quando me enlaças o collo
Com teus bracinhos de neve,
E na face afogueada vens poisar-me
A tua face ao de leve...

Quando me cercas d'afagos,
Linda perola gentil,
E vens cantar-me as trovas que me escutas,
Na tua phrase infantil...

Quando me imprimes mil beijos,
E mil sorrisos me dás...
D'esse extasis do ceu a que me elevas
Quem sequer ideia faz?...

Anjo branco dos meus sonhos,
Minha mais grata ambição,
Se eu pudesse elevar-te ao ceu de encantos
Que me anceia o coração!...

II.

Tambem te quero muito, oh minha Julia,
Delicado botão de linda rosa,
Essencia de mil gosos, perfumada
Na urna da saudade lacrimosa.

Tambem te quero muito, oh minha Julia,
Emblema da innocencia e do pudor;
Ai! muito, muito, sim! embora ainda
Me não venhas fallar fallas d'amor.

Fallar.... não fallas tu? — sou eu que minto:
Tu fallas-me nos canticos do ceu,
Na voz sonora de sentidos prantos;
Se o mundo os não entende, entendo-os eu.

Entendo-os eu, que ha muito que soletro
No livro do infortunio e da desgraça;
Entendo-os eu, que um dia sorvi quanto
D'amargo fel continha amarga taça.

Entendo-os eu... E que te importa o mundo?
O mundo é bello, sim, e fascinante
Na quadra das paixões; mas foge-o, oh filha,
Que após o goso a dor vem fulminante....

III.

CANDIDA! teu doce nome
Tão suave e mavioso,
Encanta como os hymnos tristurosos
Do arroio harmonioso.

O teu nome, oh filha minha,
Diz-me tanto ao coração!...
A quam gratas lembranças me transporta
Nas azas da emoção!...

IV.

Tambem teu nome, oh JULIA, me recorda
A minha cara mãe, que tanto amei;
Que tão grata me foi, tão minha amiga....
Por quem eu choro ainda e chorarei....

Tambem teu nome, oh JULIA, me commove,
Tambem me vem tocar nos seios d'alma,
Tambem é um monumento levantado
Ao tempo em que gosei virginea calma.

V.

Anjos do ceu! quem pudera
Alindar-vos a existencia,
Rociando de perfumes
Vossos sonhos d'innocencia!

Anjos do ceu! quem pudera
Alcatifar-vos o chão
Com as telas melindrosas
Que só tece o coração!

Anjos do ceu! quem pudera
Forcejar até morrer
Por vos dar ainda na vida
Ledas horas de prazer!

VI.

Quem pudera?!...
Oh meu Deus! dae-lhes na vida
Os mil doirados sonhôs da innocencia;
E quando ao seu amor me roube a morte,
Velae por *Ellas*, vós, oh PROVIDENCIA!

Setembro de 1853.

LXXIX.

LAMENTOS.

Á SENTIDA MORTE DE MEU CHORADO TIO, O SENHOR JOSÉ PINHEIRO CALDAS GUIMARÃES.

Soffrer, sempre soffrer!...
A. LIMA.

Quando a dor tortura o peito,
Repassando o coração,
Póde a face angustiada
Revelar funda paixão;
Mas os labios ficam mudos....
Prêsa a voz, morre a expressão....

É que a dor, assim, tão grande,
Gera n'alma agro pungir,
Entorpece as faculdades,
Apenas deixa sentir
O pesar, — mas não o deixa
Em palavras traduzir....

Tal me senti, quando o raio
Sobre a fronte m'estalou....
Quando a duvida e a incerteza
Em verdade se tornou....
Quando, além, um veu tristonho
O meu porvir enlutou!...

Homem nobre e generoso,
Que me ergueste, dando a mão,
Quando, de rojo, abatido,
Nos excessos da paixão,
Senti rasgar-me a agonia
As fibras do coração....

Homem nobre e generoso,
Que, mais nobre, nunca o vi!
Quem faria o que fizeste
Quando viste o que perdi?...
— Quem faria o que fizeste
Ao soffrer o que eu soffri?...

Déste-me afagos, carinhos,
D'amizade aureo penhor,
Trocaste meu pranto em risos,
Apagaste a minha dor....
Mas, tambem, ergui-te n'alma
Um santuario d'amor!

Morreste.... colheu-te a morte
Bem longe, sob outros ceus....
Oh! quanto seria amargo
Teu extremo, ultimo adeus,
De quanto amavas distante
Da tua patria, e dos teus!...

Na hora do passamento
Os teus olhos não cerrei....
Com vigilias, com desvelos,
Teus desvelos não paguei....
Não pude.... nem os pagava,
'Inda assim, eu bem o sei!

Não pude.... mas, dentro d'alma,
Vive eterna a GRATIDÃO,
Alentando-te, viçosa,
Dos prantos do coração,
Que, gerados na saudade,
Só commigo acabarão!

16 de Setembro de 1852.

LXXX.

EM UMA REUNIÃO FAMILIAR.

Não é na amplidão de vastas salas,
Consagradas ás pompas e á riqueza,
Onde o prazer sorri. Não dão ventura
Bellos palacios, fúlgida grandeza.

Lá, reina a adulação, lá, reina a intriga,
O egoismo fallaz, o vicio rude:
Aqui, em throno d'affeições, imperam
Alliada á candura a san virtude.

Aqui, é grato, sim, entre folguedos,
Breves horas gosar d'um goso puro,
Como um raio de luz da maga lua
Das trevas desfazendo o veu escuro.

Aqui, é grato, sim, o som confuso
Da mais intima e leda sociedade....
São paes, filhos, irmãos, todos ligados
Pelos laços do sangue e d'amizade.

Aqui é grata, é bella essa hospedagem
Que, espontanea, surgiu do coração....
Nem eu posso negar-lhe o pobre feudo
Da mais sincera e pura gratidão.

Mas ai! que é pena... é pena que estas noites,
Passadas tão suave e docemente,
Não possam ser mil noites n'uma noite,
Ou antes uma só — eternamente.

8 de Fevereiro de 1853.

LXXXI.

VISÃO.

NO ALBUM DE UM JOVEN BRAZILEIRO.

Quantas vezes, sobre as rochas,
Alta noite, á beira mar,
Estremeço, extasiado,
Ao magestoso trovar
D'essas vagas ondulantes....
Quantas vezes, fascinantes,
A meus olhos fazem ver,
Entre rolos d'alva espuma,
Entre os veus da espessa bruma
Meiga imagem transpar'cer!

Meiga imagem!... que delirio!
E da noite á baça luz,
Vae crescendo.... e palpitante
Mais me encanta e me seduz!
E essa imagem vaporosa
Toma a fórma caprichosa
Que lhe dá meu coração....
Mais não posso.... arrebatado,
« Irmão! irmão! » então brado!
E outra voz me brada « Irmão! »
....

*

Ha oito annos! era noite....
Foi uma noite cruel!
No momento da partida,
Sobre o convez do baixel,
Abraçados.... que de prantos
Não choramos!... foram tantos,
Que só o mar os contou!
Victimas tristes da sorte,
N'esse « adeus » peor que a morte,
Crua morte nos matou!...

Desde então, trepado ás rochas,
Estendo os braços ao mar....
E nos vastos horisontes
Vou essa imagem buscar!
Feliz eu, se a vejo ainda
A retratar-se, tão linda,
No painel d'uma illusão!
Feliz eu se, arrebatado,
Ao soltar pungente brado
Creio ouvir a voz do irmão!
....

*

Filho d'America! eu gravei n'este album
Palavras soltas, que a saudade inspira;
Bem sei que ardentes, quaes as sinto n'alma,
Jámais as passo da minha alma á lyra!...

Mas se não vires, abordando á patria,
Meus pobres versos no teu livro mais....
Oh! não te espantes, que talvez meu canto
Vá junto « d'Elle » transformar-se em ais!

Porto — 20 de Janeiro de 1854.

LXXXII.

O ANJO DA MINHA GUARDA.

MARIA!...

Louros cabellos
Caracolados,
A face branca,
Dentes nevados;

Olhos escuros,
Mais bellos não,
Fallando á alma
Com emoção;

Esbelta e linda,
Sempre a sorrir,
Com seus tres annos
D'aureo porvir;

Eis em retrato
Gentil Maria,
A minha Filha,
Por quem morria....

Mas Deus levou-m'a...
É um Anjo mais!
Troquem-se em risos
Meus tristes ais!

Se a sua imagem
Não vejo, não!...
Embora; tenho-a
No coração!

Setembro de 1863.

LXXXIII.

ANGUSTIA SUPREMA.

JULIA!...

Perguntam-me por que choro?!...
Eu choro porque me doe
Dentro d'alma a saudade
N'esta dôr que tanto roe....
Choro a FILHA estremecida,
A vida da minha vida,
A luz do meu coração;
Choro-a, alli, fria e gelada,
POBRE FILHA, amortalhada,
Em um funebre caixão!...

Tantas galas, tanto viço,
Tanta esp'rança e tanto amor,
Sumidos no pó do nada,
Ceifados ainda em flor!...
Aquellas ternas caricias,
Que são encanto e delicias
De quem se sente ser pae,
Nunca mais as terei d'Ella....
Da sua bôca, tão bella,
Nem sequer ouvir-lhe um ai!...

Perguntam-me por que choro?!...
Deixem meu pranto correr,
Se não chorasse, quem sabe?
Talvez tentasse morrer!...
Morrer, não: prendem-me á vida
Uma santa, Esposa qu'rida,
Com mais dous anjos do ceu;
Este grupo, tão formoso,
Ajoelha, lacrimoso,
Junto d'Ella, como eu!

Sim, Esposa, sim, choremos....
Chorae vós, Filhas, tambem....
Este pranto é doce allivio
Ás magoas que o peito tem.
Merece-o Ella, coitada,
Tão nossa, tão desvelada
Nos affectos filiaes;
O seu mundo, em que vivia,
Era aquelle em que só via
Suas irmãs e seus paes!

⪢◆⪡

Como esta lembrança é amarga!
Como é duro este soffrer!
Aos onze annos de vida
Vêl-a tão linda morrer....
E morreu como devia;
Já nas vascas d'agonia
A todos pediu perdão!
Que tão grande e nobre alma!
Bem cedo colheu a palma
Do martyrio e redempção!

Minha Julia! Minha Filha!
Hoje, tu, astro nos ceus,
És a lampada celeste
Que allumia os passos meus....
És, oh Filha estremecida,
A vida da minha vida,
A luz do meu coração;
Sagrada lei do meu rito,
És o meu Anjo bemdito,
Meu Fanal de salvação!

S. João da Foz — 6 de Agosto de 1863.

LXXXIV.

RECEIOS, ESPERANÇAS.

AMELIA!...

Amelia! fragil arbusto
Do jardim do meu amor;
Ondè haverá flor que ostente
Tuas galas, teu primor?

Innocente, meiga e bella,
És o meu Anjo do ceu,
O meu sonho do futuro
Ainda envolto em casto veu.

Amelia! como te quero!
Quero-te mais do que á luz
Quer o cego que ainda vive
Da esp'rança que o seduz!

Amelia! como te quero!
Nem tu sabes aonde vae
Este amor que por ti sinto....
Este santo amor de pae!

Amelia! se me faltasses....
Se pendesses aurea flor
No chão da morte, abatida,
Eu morreria de dôr!

Oh! mas não, que Deus é justo;
Viverás, anjo dos ceus,
Viverás p'ra dar-me goso,
Viverás p'ra amar a Deus!

E quando um dia, já gasto,
Eu carecer de vigor,
Viverás para alentar-me
Com teus carinhos d'amor!

Porto — Fevereiro de 1864.

LXXXV.

MAIS UMA LAGRIMA!

Á MEMORIA DE MINHA MÃE.

Ó BIENFAITS d'une mère, inalterable empire!
Elle aime son enfant, même avant qu'il respire.
Mais, après tant de maux, quand se gage adoré
S'échappe avec effort de son flanc déchiré,
Avec quelle douceur son oreille ravie
Reçoit le premier cri qui l'annonce à la vie!

MILLEVOYE — *La Tendresse Maternelle.*

Sentado sobre o alto d'um rochedo,
Os olhos fitos na extensão do mar,
Longe do mundo, alli, vou em segredo,
Co' a voz das ondas minha voz casar.

É triste, repassado d'amargura,
O canto que do peito aos labios vem,
Mais sentido que a brisa da espessura,
Que meiga, ao pôr do sol, murmura além.

É canto de saudade comprimida....
São lembranças d'um tempo que passou....
O transe mais cruel da minha vida,
Que, n'est'alma só dôr, prantos deixou!

Minha Mãe!... minha Mãe!... que mago encanto,
Que harmonias sem fim teu nome tem!
Não ha, nem póde haver outro mais santo,
Que diga tanto amor.... tão doce bem!

Que mais falle, que expresse mais candura,
E que tão grato seja ao coração!...
Que derrame em torrentes mais doçura
No peito onde lavrou negra paixão!...

Minha Mãe!... minha Mãe!... oh qu'rida amiga!
Ente primeiro que na terra amei....
Onde o laço do sangue que nos liga?
Aonde o teu amor encontrarei?...

Aonde os mimos teus, Mãe carinhosa?
Aonde o teu angelico sentir?
Aonde a tua voz melodiosa?
Minha sorte cruel sempre a carpir!...

Onde, oh Mãe! o consolo que me davas
Quando vias meu pranto rebentar....
Ou quando entregue á dôr tu me escutavas,
Da vida maldizendo agro penar?...

Meu Deus! tudo perdi! a negra morte
O doce amor de Mãe já me roubou....
Que transe tão cruel!... que dura sorte
P'ra quem na terra só.... tão só.... ficou!

Minha Mãe!... minha Mãe!... não posso tanto....
Não posso.... que me estala o coração!...
Mas ah!... falle por mim.... diga o meu pranto
O que dizer não póde uma canção!

Porto — Fevereiro de 1851.

CRITICA LITTERARIA.

CRITICA LITTERARIA. (*)

POESIAS

POR

ANTONIO PINHEIRO CALDAS.

I

As musas do Douro, longo tempo acanhadas entre as penedias do patrio ninho, viveram vida de meditação, apenas interrompida pelas quadras coxas da requebrada padeira d'Avintes, que, ao murmurar das aguas encrespadas pelo remo, improvisava pastoris em graciosa toada.

Lisboa, a soberba namorada do Tejo, avocava a si os sacerdotes do divino culto d'Apollo, e de-

(*) Do « Portuense » n.º 260 (anno de 1854) jornal politico, que então se publicava n'esta cidade, transcrevo o *Juizo Critico* do Snr. Camillo Castello Branco, apresentado ao publico por occasião da primeira edição das minhas poesias. Algumas ligeiras alterações, que se notam no texto, foram feitas agora pelo Snr. C. C. Branco na revisão das provas.

Esta *Critica*, pois, em nada se refere á presente publicação, a qual hoje sahe muito mais augmentada.

ra-lhes fôro de fidalgos com moradia nos seus reaes aposentos. Os canticos soavam na Arcadia; os cantores formigavam em concorrencia de emulos debates; a esposa do Tejo deleitava-se de ouvil-os atordoar os deuses com sonora gritaria, em quanto o Douro, obscuro e despoetisado, rugia de cá um protesto de usuraria vingança.

E vingou-se.

Os annos correram. O mundo deu mais voltas que as determinadas por Galileu, e as ideias, revoltas contra o monopolio da centralisação litteraria, exigiram, como tribunas que eram, egualdade, liberdade, e fraternidade para as musas do Douro.

D'além, os avarentos reagiram contra a emancipação litteraria do Porto, afiaram o gume do sarcasmo contra os fructos enfesados da arvore inculta, apuparam as estrophes balbuciantes do poeta novel, e concederam ao Porto, para gloria sua, vocações commerciaes, genio inventivo para o balcão, olho esperto para o fiel da balança, estylo classico para o *Livro de Rasão*, e o sexto sentido para aventar veniagas de enriquecer em poucos annos. Tudo isto lhe concediam, menos o sestro litterario. Ao Porto a missão burgueza, o progresso commercial, a materia, a conquista de todas as glorias mercieiras. A Lisboa o talento, o ideal, a fecundidade do espirito, o segredo do genio, e o poder moderador sobre os forasteiros,

não iniciados no segredo de pensar, e escrever o pensamento:

Jam nova progenies cœlo demittitur alto.

Surge, de improviso, a geração dos Guilhermes Tells da litteratura portuense. O grito de emancipação rebenta dos labios harmoniosos de quarenta poetas, que se levantaram, como um só homem, contra o feudalismo intellectual da orgulhosa Lisboa. Como em todas as conspirações subitas e incendidas contra a desegualdade, inaugura-se a anarchia, escreve-se muita frivolidade, aleja-se a arte de mãos e pés, esfarrapa-se o estylo em frangalhos de vender a pêso, confundem-se todas as vocações em mistura de sandices harmoniosas, esfalfam-se os pulmões em ribombar, na rima, a indignação que rebenta; emfim, a revolta esteve a não vingar, porque todos queriam o summo pontificado das musas. Dir-se-ia que o espirito mau, assalariado pelos bardos do Tejo, viera aqui maquinar a fraude, aniquilando a arte pelo artificio, com inspirações cavillosas e emboscadas ao talento. *Ó machinator fraudis! ó scelerum artifex!*

O leitor não me deixa mentir. Lembre-se das avalanches metricas que lhe cahiram em casa n'estes ultimos annos. Reimprima na memoria, se lh'o permitte a paciencia, as torrentes caudaes de empolada poesia, que tantos abrimentos de bôca, e espreguiçamentos voluptuosos captaram da sua

benevolencia estudiosa. Lembre-se dos meus versos, e dos versos dos meus amigos, que, a horas certas, lhe levavam a papoula em lucido crystal, que, tantas vezes, lhe converteu os pezares em « agua chilra ».

A revolução fizemol-a nós. Gritamos todos, estropeamos as nossas queridas poesias, fizemos rir os sabios e chorar as raparigas, trovejamos, uns como scepticos, outros como crentes, mas gritamos todos, que é o grande caso, até *que a voz* se estrangulou na garganta, *vox faucibus hæsit!*

Depois, os *sans-culottes* da poesia, esfalfados, feridos no seu amor proprio, e mudados, na voz timbrosa de cysnes, em rouquidão de patos, recolhemo-nos a casa, e deixamos aos mercieiros a faculdade de recolher o espolio opimo para uso do açafrão e da manteiga. E d'isso sisuda gloria nos resta. *Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.*

II

As revoluções do espirito parecem-se com as sedições facciosas, que dão em baixo com um, e collocam outro em cima. N'estas, ordinariamente, o homem que verte sangue, o instrumento, o braço activo é quebrado, não apparece no inventario da presa, some-se, e reconhece que, fóra do motim, é um ente nullo. Foi o que succedeu a muitos dos meus companheiros de trabalhos nos dias

calamitosos de gritaria. Desappareceram-me; não sei onde estão, nem o que fazem. Percorro o archivo onde rubricamos a acta do nosso triumpho, revejo com saudade a *Miscellanea Poetica*, deparo ahi patriotas da poesia, martyres benemeritos, Catões que arrancavam, em vez das entranhas, pessimos versos da consciencia... e de tantos, um ou outro, que, segundo o meu velho Horacio, *casto erudit docta Minerva sinu*, é o que vejo, por mercê de Deus, laureado, e bem servido dos gabos publicos. Mas os outros? Que é dos meus poetas, que atufavam as mãos abençoadas em canastras, d'onde tiravam punhados de poemas? Onde se foram estes homens, que lançaram a peanha da immortalidade, e não quizeram subir para cima? Em que hospicio de invalidos deram baixa estes bravos, que vieram com a poesia em muletas, e não tiveram a coragem de esperar que a rheumatica musa se endireitasse nas pernas? As intrepidas amasonas, que se bateram como leôas n'aquella encarniçada refrega de rosas brancas e escarlates, que é feito d'ellas? Como esfriaram tantos corações-fornalhas, tantos ethnas de sentimento, tantas Saphos, que a estas horas se precipitam no Leucade da barcaça do snr. João Coelho? Apparecei, heroicos constituintes da republica das quintilhas! O anjo da gloria acena-vos dos saraus do snr. Castilho. Os premios das afoutesas do genio dão-se alli.... *pro talibus ausis præmia!*

III

Não cuidem, porém, que os apostolos da boa nova desappareceram todos. Alguns, que hoje cantam, balbuciavam então. Esses tinham muito em si d'aquelle fogo fecundante, que gera em cada dia o embrião de uma nova ideia. Eram fadados para vir a cabo com a empreza. Não podiam, por impotencia de vocação, renegar o apostolado.

Sem esquecer os outros, nomearei aqui (porque o meu fim é esse) o snr. Antonio Pinheiro Caldas.

Aos de fóra é necessario dizer que o snr. Caldas não é bacharel, nem socio da academia real, nem orador de parlamentos industriaes, nem cerzidor de artigos de fundo, nem garrulo impertinente das palestras de botequim. O snr. Caldas é negociante, vende e compra pannos, não subsiste d'outro manancial, nem se afflige quando se vê forçado a hospedar as musas no seu estabelecimento, com tanto que o tracto das musas o não cohiba de responder á prosa dos freguezes.

Verdadeiro poeta é, pois, o snr. Caldas. Para lhe ser devido este titulo não seria preciso que o espirito, a graça, o sentimento, a correcção, e a intuição do bello porfiassem tanto em formar e colorir as suas poesias. O genio, desajudado das alfaias do estudo, veste-lhe o pensamento de ga-

las, torneia-lhe a dicção com tal donaire, que nem eu sei como o coração póde tanto, ou os artificios de tão pouco servem, quando o homem sente nascer em si de subito o poeta.

O livro, que acabo de ler, é justamente a evidencia de uma linha, que o author escreveu no prologo: « Não prostitui a lyra. » De certo, não.

O que a alma póde sentir de apaixonada ambição de desejos puros, de gosos generosos, de pezares nobres, de dôres legitimadas por consciencia immaculada, está ahi n'esse livro.

O snr. Caldas, o primeiro hymno que pede ao seu alaúde, são lagrimas para sua mãe. A santidade do motivo favoreceu-o. Como um gemido brando de viva saudade, o poeta avaliava a sua canção quando disse:

« É singela, tão sentida
Como os ais da solidão;
Mas ardente, abrasadora,
Como a dôr do coração. »

Compulsando todas as cordas em que os eccos do passado teem um som, o poeta recorda a infancia

« .... quadra d'illusões formosa,
Em que a vida sorri com mago enlevo. »

É assim que se sente; a dôr d'aquella vista retrospectiva exprime-se assim. Em quanto ha alma para reminiscencias, quem não dirá:

«Ah! vem, oh linda imagem d'esses tempos,
Vem, sorrindo, mostrar-me o ceu d'outr'ora,
As estrellas, o mar, a lua, as flôres
Dos meus primeiros annos...»

Viremos a pagina, e encontraremos uma poesia, que vale todas as outras, que produz em mim sensações raro experimentadas, que, lida repetidas vezes, não póde arrefecer-me o enthusiasmo com que a applaudi no theatro, onde seu author lhe escondeu talvez as formosuras no emphase de uma pomposa declamação. O assumpto é grande. Pede-se pão para o poeta, humilhado, a ponto de o pedir. E são poetas que vem alli mendigar á caridade publica esmola para o homem de coração, reliquia das caducas glorias da litteratura arcadica, herdeiro da indigencia de Quita e Bocage, contraste doloroso, e, ao mesmo tempo, irrisorio, comparado ás cabeças de pedra que por ahi se engrinaldam de corôas civicas, tão caras ao orçamento, que nem para o decrepito Bingre sobejam umas sopas!... Nem por honra d'esta terra!...

«A honra!... é velho santo sem mordomo»— dizia o bom Mathurin Regnier, que sabia tirar da sociedade o proveito que o Cysne do Vouga esperdiçou em canticos aos nascimentos e casamentos, e obitos da familia real.

O snr. Caldas, alteando a condição de Bingre, visando-o pelo bello prisma do seu orgulho, eleva-o do aviltamento, vê-o, maior que o infortunio,

na elevação fantastica aos olhos de quem lhe deu um obulo, mas na altura real do talento em face da desgraça.

« Ergue o teu vôo, nas canções librado,
Ergue-o, poeta, e vem pairar aqui;
Verás um povo, que não curva a fronte
Aos potentados, ir curval-a a ti! »

Não encareço, que não sou d'essa indole. O snr. Caldas não escreverá nunca poesia tão altiva de phrase, tão nervosa de sentimentos apropriados, tão estremecida d'esta commoção espontanea, que se não pule debaixo da lima do rythmo. A verdade é o natural.

« Bellezas de Portugal » é um esboço dos quadros gloriosos da nossa historia: tem valentes ideias, pompas de estylo, e soberbas d'um bom portuguez. Deixal-a ter. Não lhe quero tanto como áquella. Já não é distincção cantar a patria, onde tantos a cantam sem fé, sobre-posse, e capazes de a mandar de presente á Hespanha. Os heroes, apontados pelo poeta, foram grandes pessoas, mas não sympathiso com elles. Deram cutiladas immortaes: sem ellas valeriam tanto como Bartholomeu de Gusmão, e Pedro Nunes, e João de Barros, e Fr. Luiz de Sousa, os quaes, de preferencia, o poeta devia ter cantado. Logo que me emancipei da leitura do Carlos Magno, e Palmeirim de Inglaterra, detestei Gonçalo Mendes, o

condestavel, Affonso de Albuquerque, e outros referidos na poesia do meu amigo Caldas (*).

No livro do inspirado poeta ha muito onde colher flôres do coração, fervores de sentimento, e suavidades das que vem de dentro, e se não falsificam nas rudezas da nossa historia, que é de si pouco dada a poesias.

O « Suicidio » é uma poesia philosophica. Reprova, como é de ver, o attentado do individuo contra a vida que não é sua. Reprovo eu tambem, supposto que algumas vezes me sinto desviado do snr. Caldas, e inclinado a Platão, que me diz em redonda prosa: *Mori licet cui vivere non placit*, posto que Platão não escreveu em latim.

N'este momento me lembro que o poeta não sabe a lingua do traductor de Platão, e por fatalidade ficam para ahi não sei quantas nesgas de Virgilio, e Seneca, e Ovidio, pessoas que realmente eu dispensava nas minhas relações. O meu amigo poeta tambem as dispensa. Honra lhe seja feita!

Porto, 15 de Setembro de 1854.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

(*) Sem embargo d'este desamor injusto ao magnifico poemeto do snr. Caldas, recordo-me de ter sentido vehemente enthusiasmo, e muito coração de portuguez, quando as «Bellezas de Portugal» sahiram á luz não sei em que jornal. (1864). *C. C. Branco.*

NOTAS.

I. — pag. 15.

INVOCAÇÃO.

Escrevi esta poesia expressamente para ser publicada no primeiro numero do segundo volume da *Miscellanea Poetica,* de que era editor e proprietario o Snr. Francisco Gomes da Fonseca. Publicou-se este jornal no Porto em o anno de 1851. Bons tempos eram esses! Os seus collaboradores eram os Snrs. Camillo Castello Branco, Augusto Pereira Soromenho, Antonio Coelho Louzada, Joaquim Simões da Silva Ferraz, e o author d'estas linhas. Que bellas noites não passamos nós na modesta loja de livros do Snr. Fonseca, que então morava na rua dos Caldeireiros, e que nós a nosso bel-prazer elevamos ao mesmo tempo á categoria de escriptorio de redacção!...

Era aquelle local, por assim dizer, o nosso templo

das musas, o gremio litterario dos jovens d'aquella epocha... E, agora, se alongo a vista, se olho em torno de mim, nem um só encontro de tantos que alli via...

Camillo Castello Branco isolou-se n'uma pequena villa da formosa provincia do Minho; Augusto Pereira Soromenho atravessa, talvez, a estas horas as montanhosas terras da Galliza; Antonio Coelho Louzada ha muito que dorme o seu ultimo somno, esquecido, em cova ignorada, no cemiterio — o PRADO DO REPOUSO; Joaquim Simões da Silva Ferraz fixou a sua residencia em Lisboa, aonde ha muito tempo vive. E eu... eu d'aqui a dous ou tres mezes talvez me perca, errante, nas florestas virgens da America!

Que voltas dá o mundo no pequeno espaço de treze annos!

II. — pag. 18.

AS MINHAS LAGRIMAS!

Á MEMORIA DE MINHA MÃE.

Minha Mãe, D. Julia Candida Felicidade, nasceu em 5 de Maio de 1804, e falleceu em 26 de Novembro de 1849.

Só quasi um anno depois da sua morte é que pude levantar á sua memoria este pequeno monumento de paixão e saudades... Até então, as poesias que lhe sagrei foram as lagrimas... e « Minhas lagrimas » chamei ainda a esse pallido reflexo do mais intimo e doloroso soffrimento!

Minha Mãe era uma santa! ainda hoje a choro, como no primeiro dia em que a perdi...

Criticos! respeitai-me esta poesia! não lhe toqueis, não a profaneis, sujeitando ás regras d'arte o que só se faz e avalia a impulsos do coração.

III. — pag. 22.

A SUA MAGESTADE EL-REI O SENHOR D. PEDRO QUINTO.

Que grande Rei não foi o Senhor D. Pedro Quinto! Como reina ainda hoje pela saudade no coração do povo portuguez!

A Historia ha de, mais tarde, avalial-o melhor, e eleval-o ao primeiro lugar de honra que lhe compete, como o primeiro entre todos os reis da sua idade!

Ufano-me por ter sido eu o unico poeta portuense que lhe cantei um hymno quando este sabio Rei veio ao Porto inaugurar a nossa primeira Exposição Agricola, em Novembro do anno de 1860.

E, agora, do coração o digo, senti que os distinctos vates d'esta terra entendessem que um Rei como aquelle só na morte devia ser chorado...

IV. — pag. 28.

O OPULENTO.

Concebi esta poesia, alta noite, em frente d'um magnifico palacio, que recebia e ostentava em si os explendores da mais ruidosa festa... Collocado nas primeiras filas d'um povo immenso que estacionava, no limitado espaço d'uma rua, attonito ante aquellas pompas d'uma opulencia quasi real, impellido pela maré crescente das ondas populares, quasi que ficava esmagado debaixo do carro d'um grande...

Afastei-me então, e para completar o reverso da medalha, direi só que vi a fome, a degradação e a miseria, com todo o seu sequito de horrores, debatendo-se a quatro passos de distancia d'aquelle eden de delicias...

O mundo é assim!

V. — pag. 32.

CONSTANTINO!

REI DOS FLORISTAS (*).

Tenho orgulho de ter sido o primeiro a cantar em phrase portugueza uma das nossas maiores glorias contemporaneas.

Constantino, agradecendo-me nos mais polidos termos a poesia que lhe offereci, enviou-me uma *bella* rosa, verdadeira imitação da natureza.

Desnecessario será dizer aqui o grande apreço que faço de tão delicado mimo.

VI. — pag. 45.

AO MORIBUNDO CYSNE DO VOUGA

FRANCISCO JOAQUIM BINGRE.

O ultimo poeta da Arcadia morria ao abandono nas pittorescas margens do Vouga, quando alguns mancebos se lembraram de lhe promover um beneficio no theatro de S. João d'esta cidade. Ao Snr. Antonio Bernardo Ferreira deve-se, talvez, o levar-se a effeito tão grandioso pensamento. — S. Ex.ª promptificou-se a pagar todas as despezas que se fizessem. Foi escolhida para este fim a noite de 14 de Dezembro de 1853. O theatro apresentava um aspecto brilhante! Era magestoso e grande o vêr um povo inteiro rendendo preito á realeza do genio no seu throno de desgraça! Soberbos eram aquelles applausos espontaneos, aquellas ova-

(*) Este gracioso titulo, se a memoria me não illude, foi conferido ao nosso compatriota Constantino, natural de Moncorvo, e residente em Paris, pela Duqueza de Orleaens, extasiada ao vêr as suas tão primorosas flores. Na grande exposição de Londres, Constantino quiz que as suas obras fossem consideradas como generos de industria portugueza, e como taes foram premiadas.

ções enthusiasticas com que os espectadores abafavam as ultimas notas de um canto arrebatado! — energico desforço, protesto eloquente contra os nossos governos, que só exaltam os imbecis e os parvos, em quanto que os homens de genio, os filhos esperançosos d'esta nossa terra, morrem ao desalento e ao abandono!...

Os poetas que entraram n'este «glorioso torneio», como tão apropriadamente lhe chamou o Snr. Ferreira Rangel, foram os Snrs. Camillo Castello Branco, Alexandre Monteiro, Faustino Xavier de Novaes, Ferreira Rangel, Augusto Luso, e eu, por certo, o mais humilde de todos.

Bingre, salvo das garras da fome e da miseria, a despeito dos seus noventa annos de idade, ainda agradeceu aos Portuenses em quatro ou cinco poesias vigorosas, que o alento e a gratidão lhe inspiraram (*).

VII. — pag. 49.

Á EXIMIA TRAGICA ADELAIDE RISTORI.

Não espero tornar a vêr na minha vida, sobre as taboas do palco, um genio igual ao da Snr.ª Ristori.

Extasio-me sempre ante as grandezas da arte. O talento para mim não tem patria. A minha nacionalidade, que prézo muito, não me fará, comtudo, commetter o peccado da profanação do bello n'um sacrilegio de mau gosto.

Quem viu e ouviu, como eu vi e ouvi Ristori em todas as dezesete representações que deu no theatro de S. João, as duas vezes que esteve no Porto, póde, ouvindo fallar de celebridades do palco, dizer emphaticamente: — «Eu já vi ADELAIDE RISTORI!»

(*) Procurem-se no *Ecco Popular* nos mezes de Maio ou Junho de [illegible].

VIII. — pag. 57.

SAUDADES DA INFANCIA.

Aprecio muito esta poesia por ser quasi das primeiras que escrevi. Não posso esquivar-me ao desejo de transcrever n'esta nota as primeiras palavras a meu respeito, que li na *Imprensa* quando principiava a compôr e publicar os meus pobres versos.

Agradeço-as ao seu distincto author, e tomo-as unicamente como filhas da sua amizade.

Do «Juizo Critico» feito ao primeiro volume da *Miscellanea Poetica*, e publicado em folhetins no periodico *Nacional* em Julho de 1861, copio agora o seguinte trecho.

Quem falla é o Snr. Augusto Pereira Soromenho:

« Chegamos aonde com summo gosto hemos de fal-
« lar de um dos mais assiduos e talentosos collabora-
« dores da *Miscellanea Poetica*.

« E' o snr. Antonio Pinheiro Caldas.

« Discorrendo com a vista por todas as suas poesias
« conheceremos em seu illustre author um genio poe-
« tico e fertil. Os seus versos são naturaes, sem ser
« prosaicos; teem belleza nas ideias, uma certa ternura
« no expressar, e phrase pura sem affectação. As com-
« parações são sempre bem achadas, o colorido assaz
« proprio.

« O snr. Caldas é mais poeta pelo sentimento, as
« suas poesias intimas teem dobrado merito. Tal a —
« SAUDADES DA INFANCIA — tão sentida e cheia de sauda-
« de, que bem se conhece vinda do coração. E' esta a
« sua melhor poesia. Pela arte pouco temos a notar-
« lhe: sómente versos froixos bastante algumas vezes:
« afóra isto os seus versos são bons. O snr. Caldas é
« um dos melhores genios do Porto, e que, por certo,
« lhe dá bastante gloria. »

IX. — pag. 65.

A ACTRIZ DOIDA — LUIZA ABBADIA.

Esta insigne actriz, que tantos louros colheu nos principaes theatros da Italia, teve um accesso de loucura em a noite de 3 de Maio do anno de 1851, no theatro de S. João d'esta cidade, motivado por alguns signaes de desapprovação que lhe deu uma plateia pouco generosa.

X. — pag. 88.

Á POLONIA.

Os Academicos de Coimbra tiveram o generoso pensamento de vir dar ao Porto, á terra classica da Liberdade, tres representações no theatro em favor das desventuradas familias dos martyres da Polonia.

O Porto fez-lhes o mais bello acolhimento, e os Academicos viram coroados os seus esforços do mais feliz resultado.

Na primeira noite recitei eu esta composição, e na terceira recitei a outra intitulada «Aos Academicos de Coimbra», e que se vê n'este livro a pag. 232.

Muitos dos nossos melhores poetas abrilhantaram estas festas de civilisação, despertando com os seus hymnos as enthusiasticas acclamações d'um povo livre.

XI. — pag. 98.

O ADEUS DO SOLDADO.

É, como já disse, esta a minha primeira producção poetica. A pequena gloria que hoje posso ter em fazer versos devo-a, ingenuamente o confesso, ao Snr. Camillo Castello Branco. Foi este distincto litterato, o

primeiro romancista portuguez e um dos nossos melhores poetas, quem muitas vezes corrigiu os meus versos, quem sempre me dispensou generosa animação, e quem, por assim dizer, me afoitou a proseguir na espinhosa vereda que eu trilhava a medo.

Receba, pois, o Snr. Camillo Castello Branco na singeleza d'esta nota a verdadeira e espontanea dedicação que lhe consagro como poeta e como amigo.

Seria ingrato se não mencionasse aqui tambem um nome para mim muito respeitavel. E' o do meu particular amigo o Snr. D.r Antonio Ferreira Moutinho, a quem sou devedor de iguaes finezas; e com tanta maior satisfação o faço, quanto sei que S. S.a, por gosto natural, se desenfada do agro estûdo da medicina com a leitura dos nossos melhores poetas.

Aproveito tambem esta occasião para transcrever, por me parecer vir a proposito, um pequeno trecho que me diz respeito, que muito aprecio e agradeço ao seu author, publicado no *Panorama* em 1854. E' do artigo intitulado « Viagens ao Minho » do muito distincto poeta o Snr. Francisco Gomes de Amorim. Diz S. S.a:

« O Snr. Antonio Pinheiro Caldas tambem revela ta-
« lento nas suas composições poeticas, porém a sua
« musa parece pouco productiva; conheço apenas os
« seus escriptos. Deve haver uma luta atroz entre a sua
« vocação e a sua posição social! Para escrever alguma
« cousa que mereça ser lida, por pouco que seja, de-
« ve-se confessar, que só um immenso desejo e uma
« forte vontade fariam poeta a um negociante. »

XII. — pag. 102.

A SUA MAGESTADE EL-REI O SENHOR D. PEDRO QUINTO.

Não recitei perante Sua Magestade esta minha composição, como desejava, porque me foi expressamente

prohibido fazel-o, por parte de S. Ex.ª o Snr. Governador Civil Miguel do Canto e Castro, no *convite* que urbanamente me fizeram em seu nome dous dos Snrs. Administradores dos Bairros.

Na illustrada opinião de S. Ex.ª esta minha humilde producção era altamente inconveniente, porque podia ferir o amor proprio de muitos cidadãos hespanhoes que tinham concorrido ao Porto a visitar e a tomar parte na Exposição Fabril e Industrial Portuense!

Senti do fundo d'alma que S. Ex.ª prohibisse que fosse recitada uma producção que não tinha ainda lido!...

Por aquelles tempos uma grande parte dos jornaes do reino visinho discutiam acaloradamente na imprensa se convinha que Portugal continuasse a existir como nação independente; se devia, unido á Hespanha, fazer parte da «União Iberica»; ou se lhes deviamos pagar annualmente um feudo para vivermos n'este canto da terra que é nosso, que conquistamos palmo a palmo á custa do nosso sangue, e no qual plantamos, regada com o mesmo, a arvore da liberdade, a cuja frondosa sombra vivemos, ha seculos, independentes e livres.

Quem, como eu, nasceu portuguez e portuguez deseja morrer, reage sempre contra os despotas da terra, quer elles sejam coroados e se chamem «reis», quer elles se rojem vis no pó das praças, e o povo os denomine «traidores»!

A prohibição da minha poesia deu em resultado o frio acolhimento com que Sua Magestade foi recebido n'essa noite. Veja-se o Supplemento ao *Diario Mercantil* de 24 de Agosto de 1861. Diz assim:

«El-Rei honrou hontem o theatro de S. João com a
« sua augusta presença. Ao seu lado esquerdo, na tri-
« buna real, sentou-se o donairoso e sympathico In-
« fante Duque de Beja.

«À entrada dos reaes hospedes uma salva de pal-
« mas precedeu o hymno do Senhor D. Pedro Quinto,
« desempenhado pela orchestra, e terminado por uma
« segunda salva de palmas.

. . . .

«Nada mais notavel occorreu durante o espectacu-
« lo... se é que este *nada* não se aproximou muito do
« *silentium ore facundius* do vate latino. O publico, em
« cuja alma lavrava o fogo da sympathia pelo joven rei,
« tão intenso como ainda ha nove mezes se manifes-
« tara n'aquelle mesmo recinto; o publico, dizemos,
« retirou-se com o coração confrangido pela mágoa de
« não ter demonstrado solemnemente as sensações que
« estuavam dentro em si.

«E' que elle lembrava-se saudoso dos sons anima-
« dos que a lyra do Snr. Antonio Pinheiro Caldas vi-
« brara d'um camarote da segunda ordem na ultima vi-
« sita d'El-Rei a esta cidade. Todos se lembram como
« elle foi saudado com o jubilo e o alvoroço do enthu-
« siasmo.

«Mas na noite de hontem... não haviam permittido
« que a linguagem da poesia, verdadeira linguagem do
« arrebatamento popular, eccoasse dentro do theatro!
« O publico resentiu-se, e levou comsigo o remorso de
« não exprimir, que a origem da mudez estava no mes-
« mo estremado amor que consagram aos dous filhos
« da Senhora D. Maria II, tanta vez e tão freneticamente
« alli victoriada. Depare, oxalá, o povo portuense en-
« sejo de mostrar condignamente, que em se sentirem
« feridos nos seus foros de primogenitos da liberda-
« de, e portanto da independencia, não fazem mais do
« que zelar a herança de seus maiores. O povo por-
« tuense ainda não quer almiscarar as suas crenças
« tradicionaes, e metamorphoseal-as em objectos inu-
« teis á sociedade. Eis a razão por que não gosta que

« se lhe anteponham barreiras para cantar o rei cons-
« titucional e a patria portugueza.

« Não bastou que se prohibisse que a orchestra en-
« toasse o hymno da independencia, expressamente
« composto para a noite de hontem. A poesia que ti-
« nha de recitar o Snr. Caldas achou ante si a censura
« dos tempos que já lá vão.

« Embora. O documento do crime dos portuenses,
« cujo era o interprete o Snr. Caldas, ahi vai em se-
« guida.

« Julgue-o a imparcialidade, e leia El-Rei o que hon-
« tem o Porto lhe queria dizer pelos labios do seu es-
« colhido poeta.

« Eis a poesia que se havia de recitar em S. João »:
(Vide a pag. 102).

XIII. — pag. 134.

LUIZA PONTI.

Lisongeou-me bastante o pedido que esta distincta cantora me fez d'uma poesia, em agradecimento ao Publico Portuense, para por ella ser cantada em a noite do seu beneficio.

Tarde teremos o gosto de ouvir no Porto uma dama, que tenha, como esta, o condão fascinador de magnetisar uma plateia inteira!

XIV. — pag. 141.

BEM VINDA!

Á EX.ma SENHORA D. ANNA AMALIA DE SÁ.

Eu escrevia para a *Miscellanea Poetica* quando esta distincta poetiza enviou á redacção do mesmo jornal uma poesia para ser n'elle publicada. Offereci-lhe en-

tão esses versos a que S. Ex.ª respondeu com outros que aqui publico, porque me seria impossivel separal-os da minha collecção de poesias.

A A. P. CALDAS.

Inda que de ser poeta
Só tivera o coração
Para sentir, e soffrendo
Não achar consolação;
Bem dissera minha sina
Ouvindo tua canção!

Qual o cysne que orgulhoso
Se vae no lago mirar,
Assim relendo teus versos,
Esse tão lindo saudar!
Um sorriso d'ufania
Aos labios vem assomar!

Ah! cantor, e póde acaso
Tanta força d'expressão,
Mer'cer a lyra que geme
Nas sombras da solidão;
Onde o mundo não trouxera
Nem um sonho d'illusão?...

D'esta lyra mal tangida
A melhor corda estalou;
As reliquias d'uma campa
Doces cantos lhe ceifou!
Qual meiga rosa cortada
Cheia de viço murchou!

Se canta, agora, é forçada
Que lhe falta animação,
Porque no peito faltara
Do viver uma porção!
E apenas para prantos
Inda pulsa o coração.

Vizella, 25 de Maio.

XV. — pag. 173.

A ACTRIZ.

Esta senhora, bem conhecida do publico portuense, foi obrigada, ainda no verdor dos annos, a deixar a carreira dramatica para a qual sentia a mais decidida vocação, por causa da amputação que soffreu n'uma perna, proveniente d'uma aneurisma.

Todos os annos, porém, nos seus beneficios, o pu-

blico, sempre numeroso, a cumula d'applausos e obsequios.

XVI. — pag. 186.

NO CONCERTO DO PIANISTA BRAZILEIRO
RICARDO F. DE CARVALHO.

Foi uma festa brilhante a que se deu no theatro de S. João, por occasião do concerto dado alli por este distincto genio brazileiro. A pedido do Ex.mo Snr. Commendador João José dos Reis, que n'essa epocha estava no Porto, e que muito contribuiu para o triumpho do joven pianista, eu concorri a esta festa com uma pequena parte, — mui pequena, sim, para os meus desejos. Agradeço infinitamente a S. Ex.ª a occasião que me proporcionou então de eu poder mostrar o quanto sympathiso com os filhos do Brazil, com os nossos irmãos d'além-mar.

Convidei para ouvirem em minha casa o Snr. Carvalho, tres dias antes do seu concerto, alguns amigos meus, e, entre elles, os nossos distinctos poetas os Snrs. Ernesto Pinto de Almeida, Custodio José Duarte, Alexandre da Conceição, e Antonio Corrêa, os quaes delicadamente acceitaram o meu convite.

O Snr. Carvalho, assentando-se ao piano, tocou com muita bravura e distincção algumas peças, sendo phreneticamente applaudido.

De todos os poetas que alli se achavam nem um só deixou de concorrer para a ovação que então projectamos fazer-lhe no theatro.

Eu desejava muito publicar aqui essas composições poeticas que tanta honra dão aos conhecidos e talentosos vates que as produziram. Não posso, porém, fazel-o, porque me falta o espaço. Ainda assim tirarei de cada um dos ramos, que então se lhe offereceram, algumas flores, e com ellas tecerei uma pequena coroa

que gostosa e espontaneamente offereço aqui ao distincto pianista brazileiro, o Snr. Ricardo Ferreira de Carvalho.

ECCOS DA LYRA PORTUGUEZA (*).

I.

. . . .
O genio é assim — assim foste fadado:
Nascido nos vergeis sempre floridos,
Do Paraizo Americo
Ao sol do Equador;
Olhaste, comprehendeste a natureza,
E disseste comtigo: hei de adorar-te,
Como na Santa Biblia,
Os vates do Senhor!

Disseste — e logo os cofres de harmonia
Se abriram para ti! Passaste os mares,
E a patria dos Lusiadas
Estende-te hoje a mão!
Que a patria do artista é o Universo.
Bem hajas, oh poeta! Continua
No teu glorioso transito!
Oh! bem hajas, irmão!...

Ernesto Pinto de Almeida.

II.

. . . .
Eu venho, pois, humilde, aqui saudar-te,
Nem póde um portuguez, não sendo ingrato,
Deixar de te abraçar!...
Saudo em ti o artista que arrebata,
E estremeço em minha alma, que me fallas
Dos irmãos d'além-mar!

(*) Quem quizer ler estas preciosas composições queira procural-as no *Diario Mercantil* de sabbado 16 de Maio do anno de 1863.

Vai, pois, vai teu caminho, oh! mas na volta
Á patria, não deslumbres esta terra
O velho Portugal,
E leva a teus irmãos um longo abraço,
Um abraço extremoso que lhe enviam
Os netos de Cabral.

Alexandre da Conceição.

III.

. . . .
O brilhante clarão que essa face te cora
É um olhar do Senhor que sobre ti cahiu;
Este dia esplendente é apenas aurora,
O sol do teu porvir ha um instante surgiu...

Arranca-te do ovo em que agora te abrazas,
A palpebra levanta e mostra os olhos nus,
Este espaço sem fim é feito para as azas,
Tua negra pupilla é feita para a luz...

Custodio José Duarte.

IV.

. . . .
E seja Portugal, — antes o Porto
Primeiro a dar-te a mão,
A mesma que implantou na tua patria
As Quinas — nosso irmão. —
Acceita o abraço, fraternal e amigo,
Do nobre Portugal,
E diz em Santa Cruz, quando lá voltes,
São netos de Cabral.

Antonio Corrêa.

Para verdadeiro complemento d'esta nota copío do *Jornal do Commercio* de 16 de Maio de 1863 o seguinte artigo:

« CONCERTO — Teve hontem lugar no theatro de S.
« João o concerto do pianista brazileiro o Snr. Ricar-
« do Ferreira de Carvalho.

« Houve grande concorrencia.
« O distincto artista foi recebido com uma salva ge-
« ral de applausos.
« A primeira peça que tocou, e bem, foi uma grande
« phantasia de Thalberg sobre motivos da « Somnam-
« bula », no fim da qual recebeu enthusiasticos ap-
« plausos, e teve duas chamadas.
« Executou depois com perfeição um grande galope
« de concerto, composição sua, que lhe valeu geraes
« applausos e duas chamadas.
« Em seguida teve lugar o dueto concertante de re-
« beca e piano sobre motivos do « Carnaval de Veneza »,
« pelo beneficiado e pelo distincto violinista Augusto
« Marques Pinto. A execução foi excellente. No fim
« d'esta peça foram phreneticos os applausos aos dous
« artistas, que tiveram tres chamadas. N'esta occasião
« recebeu o distincto pianista duas lindas corôas, uma
« offerecida no palco pelo Snr. Sá Noronha, e outra
« offerecida do camarote n.º 1 da primeira ordem pelo
« joven rebequista Moreira de Sá.
« Foi ainda depois chamado duas vezes ao palco
« com o Snr. Sá Noronha.
« Durante esta ovação eram numerosos os ramalhe-
« tes que cahiam sobre o palco.
« Espalhou-se um grande numero de exemplares de
« seis differentes poesias dedicadas ao beneficiado.
« Em seguida tocou o distincto pianista uma phan-
« tasia sua sobre motivos do « Rigoleto ».
« A execução foi magistral e enthusiasticamente ap-
« plaudida.
« Terminou o concerto com uma phantasia e varia-
« ções de Herz sobre motivos da opera « Guilherme
« Tell ».
« Esta peça foi interrompida por vezes pelos applau-
« sos do publico, e no fim teve o beneficiado oito cha-
« madas successivas.

« Á segunda chamada o Snr. Pinheiro Caldas reci-
« tou de um camarote da segunda ordem uma ener-
« gica poesia, phreneticamente victoriada a cada estro-
« phe.

« Quando o poeta fallou dos soccorros vindos do
« Brazil para os asylos de Portugal e alludiu ao barão
« de Moreira n'um verso expressivo, os applausos fo-
« ram delirantes, repetidos e prolongados.

« A poesia teve *bis*, e na repetição os applausos re-
« produziram-se com o mesmo enthusiasmo.

« No atrio do theatro tocava a banda de musica de
« infanteria n.° 18.

« O Snr. Ricardo Ferreira de Carvalho é um pianista
« muito distincto e perfeito musico, pois nos affirmam
« testemunhas presenciaes, de juizo authorisado, que
« executa á primeira vista toda a musica.

« Tem muita execução, e perfeita.

« Os portuenses, applaudindo como applaudiram o
« merito do artista, deram n'esses applausos a medida
« das sympathias que dedicam ao Brazil. O joven e
« talentoso brazileiro viu que estava no meio de um
« povo irmão e amigo, que estima como suas as glo-
« rias da nação brazileira ».

XVII. — pag. 190.

AO JOVEN ARTHUR NAPOLEÃO.

Arthur Napoleão é tambem uma das nossas glorias. Offereci-lhe essa poesia, quando, tendo apenas oito annos de idade, deu um segundo concerto no theatro de S. João, em 29 de Janeiro de 1852.

Do *Jornal do Povo* copiamos alguns trechos extrahidos da *Musical Union*, de Londres, que bem mostram o quanto este nosso joven pianista é apreciado no estrangeiro:

« O joven Arthur acha-se, ha mais de doze mezes,
« na Gran-Bretanha, e tem juntado mais dinheiro com
« o producto dos seus concertos, do que pianista al-
« gum conhecido.

« Como genio creador, seria um absurdo o querer
« comparar qualquer talento precoce ao joven Mozart;
« considerando, porém, as enormes difficuldades que
« apresentam os solos para piano forte, tocados por o
« joven Arthur, não hesitamos em o proclamar supe-
« rior em execução ao proprio Mozart. Este menino
« falla tres linguas, e mostra uma intelligencia espan-
« tosa sobre qualquer objecto de que se tracta. Em-
« fim, considerado por todos os lados é a maior mara-
« vilha em musica que tem apparecido desde a visita
« de Mozart a este paiz ».

XVIII. — pag. 193.

21 DE NOVEMBRO DE 1863.

Eu não podia deixar de saudar com o brado do mais ardente enthusiasmo a entrada triumphal no Porto da Augusta Neta de Carlos Alberto, o glorioso Martyr da Liberdade Italiana.

Saudando, pois, esse vulto sympathico, prestei a mais respeitosa homenagem á Senhora D. Maria Pia, hoje Rainha de Portugal.

XIX. — pag. 202.

O BARDO.

Lembrei-me um dia de crear no Porto um jornal de poesias. Communiquei este pensamento ao Snr. F. X. de Novaes, e, approvando-o elle, ambos nós o levamos a effeito. Dei-lhe o titulo de « BARDO » e foi en-

tão que compuz essa poesia, a qual publiquei no primeiro numero do nosso jornal.

Collaboramol-o ambos durante os primeiros doze mezes da sua publicação; depois, abandonei-o ao Snr. Novaes, o qual o publicou mais dous annos, porém sómente debaixo da sua direcção.

XX. — pag. 213.

AO OPERARIO.

Publicou-se n'esta cidade, em Junho de 1853, *A Voz do Operario*, jornal redigido só por artistas, e cuja missão era advogar pela imprensa os interesses da sua classe, fazendo-a representar devidamente.

Felicitei, então, com verdadeiro jubilo o digno representante dos filhos do trabalho.

XXI. — pag. 225.

PATRIA E REI!

Pediram-me do Rio de Janeiro uma poesia para ser recitada no theatro, por occasião da festa com que a Sociedade Portugueza « Amante da Monarchia e Beneficente » costuma solemnisar o dia 31 de Outubro, anniversario natalicio do Senhor D. Luiz Primeiro, Rei de Portugal.

Enviei esta composição que soube foi bem recebida do publico, e para o que muito concorreu o modo por que a recitou no palco a mui distincta Actriz D. Ludovina Soares.

XXII. — pag. 257.

NO CONCERTO DADO PELA ASSEMBLEA PHYLARMONICA.

Esta grandiosa e memoravel festa está tão bem descripta no excellente artigo do *Commercio do Porto* de 17 de Junho de 1862, que não posso resistir ao imperioso desejo que tenho de o archivar no meu livro, o que faço em seguida:

«Concerto monumental — A noite de hontem ficará « memoravel nos annaes do Porto.

«O concerto que no theatro de S. João realisou a « direcção e commissão da Sociedade do Palacio de « Crystal, em favor do fundo destinado ao monumento « de D. Pedro Quinto, de que a mesma Sociedade to- « mou a iniciativa, e que vai erigir-se junto do local « em que aquelle muito amado Rei inaugurou, em 3 « de Setembro ultimo, as obras do palacio de crystal, « é um dos acontecimentos que na historia do Porto « occupará uma das mais brilhantes paginas.

«O concerto, como festa musical, é um d'estes fa- « ctos quasi phenomenaes, tão raros, como são os sen- « timentos e motivos que lhes dão origem.

«N'esta cidade não havia exemplo de cousa igual « ou parecida, e tarde ou nunca se reproduzirá!

«Só a memoria abençoada de um Rei como D. Pe- « dro Quinto e a saudosa veneração que, como tributo « perenne, espontaneo, o sentimento nacional lhe con- « sagra, podiam levar ao palco do theatro de S. João « senhoras e cavalheiros que nunca pensaram, de cer- « to, em tal!

«O concerto foi em tudo um acontecimento ex- « traordinario, reflectindo-se em toda a sua grandeza « a elevação do pensamento que revelava, como um « perfume de saudade, do meio da magnificencia do « quadro.

« O palco do theatro foi transformado em salão,
« adornado com muito gosto e elegancia, vendo-se
« collocados na mais conveniente disposição lindos e
« rarissimos arbustos em vasos.

« A orchestra tomou lugar n'uma bancada que se
« achava no fundo, e os cantores, senhoras e cavalhei-
« ros, occupavam as fileiras de cadeiras, dispostas na
« frente da orchestra.

« Do lado esquerdo collocaram-se em linha as cinco
« senhoras que tocavam harpa.

« A illuminação brilhantissima, entornando torren-
« tes de luz sobre o quadro em que a variedade e bel-
« leza dos *toilettes* reflectia uma expressão encantadora,
« davam ao todo uma feição deslumbrante e indescri-
« ptivel!

« E' inutil dizer-se que estavam occupados todos os
« camarotes, e na plateia, que era toda uma, não ha-
« via o mais pequeno espaço livre. Era grande o nu-
« mero de senhoras que occupavam lugares na plateia
« e que assim realçavam o luzimento da reunião tão
« numerosa como distincta.

« O concerto foi a fiel execução do programma que
« publicamos em folhetim.

« E' quasi impossivel notar o que mais sobresahiu,
« porque á grandiosidade da musica das differentes
« peças associou-se a força de vontade com que senho-
« ras e homens se empenharam para que a execução a
« fizesse valer.

« Algumas das peças eram instrumentadas pelo Snr.
« Dubini, que n'este seu trabalho e no bem ensaiado
« do concerto deu um novo e brilhante testemunho do
« seu incontestavel merecimento.

« O concerto terminou por uma phantasia sobre
« motivos da « Elegia » de Casella.

« Esta peça foi, por certo, a mais symbolica e si-
« gnificativa do pensamento triste e saudoso que se as-

« sociava áquella festa, que bem podia denominar-se « — a festa da saudade —!

« A musica foi traduzida por nove concertinas, sete « harmoniflutes, cinco harpas e seis violoncellos.

« A' poesia melancolica da elegia juntava-se a do « quadro que formava a sua execução, em que toma- « vam parte vinte e uma senhoras, pois que só os vio- « loncellos eram tocados por homens.

« Depois da symphonia da segunda parte, o Snr. Pi- « nheiro Caldas recitou do camarote n.º 1 da segunda « ordem uma poesia, que publicamos logo em seguida « ao programma, na qual ás recordações que se pren- « diam com a festa e com o generoso sentimento que « a determinára, associou os louvores, mais que mere- « cidos, ás senhoras que, tomando parte n'ella, lhe « deram a elevação e generosidade do effeito e da si- « gnificação.

« E' que para as grandes e elevadas aspirações em « que o espirito toma as suas proporções de infinita « sublimidade só o coração das senhoras sabe adivi- « nhar e dizer toda a poesia do sentimento.

« Se na morada eterna dos justos são gratas as ho- « menagens sinceras de gratidão e saudade aos que fo- « ram no mundo os mimosos da bemquerença, a alma « do Senhor D. Pedro Quinto devia hontem juntar á « gloria infinita da bemaventurança o contentamento « de vêr que as suas virtudes foram comprehendidas « n'este mundo, e que a lembrança d'ellas ainda é tão « poderosa, que produz manifestações como a que hon- « tem illustrou os annaes do Porto.

« A direcção e commissão da Sociedade do Palacio « de Crystal viram brilhantemente coroados os seus « desejos, para o que muito efficazmente concorreu o « Snr. Alfredo Allen com incessantes esforços e com « aquella vontade inabalavel com que costuma empe-

« nhar-se em tudo que tem um fim alto, nobre e ge-
« neroso ».

XXIII. — pag. 268.

SAUDADES.

A Senhora D. Maria Segunda, virtuosa Rainha de Portugal, foi, seja dito com verdade, a digna Mãe do sempre chorado Rei o Senhor D. Pedro Quinto.

Se eu hoje compozesse esta poesia talvez a não escrevêra assim. Ha n'ella um como reflexo das turbações continuas d'aquellas epochas revoltas, em que as paixões excitadas fallavam mais alto que a razão, e que tanto assignalaram o reinado d'essa Augusta e Infeliz Soberana. Escrevi, como digo, esta poesia debaixo das impressões do momento. Mas aquella Rainha, tão contrariada na vida, foi devidamente avaliada na morte.

Todas as fracções do grande partido liberal curvaram o joelho ante o Augusto Féretro d'aquella Rainha-modelo. O proprio partido, *chamado legitimista*, dobrou a fronte respeitosa ante o seu carro funerario. E' muito para se ler e avaliar a mimosissima poesia que então escreveu o Snr. João de Lemos — *O Funeral e a Pomba* — publicada em Novembro de 1853 no jornal politico *A Nação*, orgão illustrado do partido absolutista.

XXIV — pag. 273.

N'UM ALBUM.

(Em seguida a um pequeno artigo do Snr. C. C. Branco).

Este album era d'um joven, nosso compatriota, residente no Rio de Janeiro. Quando m'o apresentaram só tinha o artigo a que me refiro e que dizia assim:

« Estendo a mão d'amigo ao irmão d'além-mar, ao

« filho d'esta nossa querida patria, que sente cá viver-
« lhe pela saudade o coração. O escriptor tem praze-
« res não vulgares, e estes são o maximo estipendio das
« suas lidas. Um dos mais relevantes jubilos, que Deos
« lhe dá e a sociedade não póde roubar-lhe, é saber
« elle que a milhares de legoas irá o seu pensamento
« levar a uma alma, que o comprehende, as commo-
« ções da sua.
« Deus abra o seio da patria áquelles que a desfor-
« tuna expatriou!

« **Lisboa, 22 de Abril de 1863.**

« *Camillo Castello Branco* ».

XXV. — pag. 275.

DESFORÇO!

Pouco vale esta minha pequena composição, e quasi nem improviso se lhe póde chamar; porque a primeira quadra encontral-a-heis toda na ultima decima da poesia « Patria e Rei ».

Ainda assim quero-lhe muito: com aquellas duas quadras ajudei a salvar n'essa noite a dignidade da terra em que nasci.

Vejamos o que por essa occasião escreveu o nosso distincto escriptor o Snr. Ramalho Ortigão. Seja elle quem nos conte, em o *Jornal do Porto* de 3 de Dezembro de 1863, nos primores da sua phrase, o estranho acontecimento d'essa noite:

« Ovação — No theatro Baquet teve lugar hontem o
« espectaculo promovido pelos typographos portuen-
« ses em beneficio do cofre da associação typographica
« e dos tecelões, a quem a falta d'algodão impoz o

« abandono do tear, geira em que lavravam o seu pão,
« o de suas mulheres e filhos.

« Ninguem podia faltar a tão santa festa, a que pre-
« sidiam Suas Magestades, como quem deseja, como
« sempre desejaram os nossos reis, ser os primeiros a
« levar o galardão onde ferve o trabalho nobre, o obulo
« da caridade onde geme a fome, o sorriso onde se
« choram lagrimas.

« O theatro encheu-se pois completamente muito
« antes de soar a hora de principiar o espectaculo.

« Todos os camarotes estavam apinhados de damas,
« e ás portas das duas plateias agglomerava-se longa
« cauda de concorrentes, a quem faltavam logares na
« sala.

« Sua Magestade a Rainha, trajando vestido de seda
« azul e aderesse de coraes, e El-Rei, de casaca azul com
« botões de metal, gravata branca e gran-cruz da ordem
« da Torre Espada, entraram no theatro ás nove horas.

« A' entrada de Suas Magestades no camarote real,
« tocou a orchestra o hymno de El-rei e o de Sua Ma-
« gestade a Rainha, ultimamente composto pelo Snr.
« Canedo, o qual foi cantado no palco por todos os ar-
« tistas da companhia hespanhola de zarzuela.

« Suas Magestades entraram no meio do primeiro
« acto da *Catalina*.

« No intervallo d'aquelle para o segundo acto deu-
« se um incidente, que muitos julgaram grave, mas
« que nós entendemos que nem sequer mereceria chro-
« nica se não despertasse as consequencias de que
« adiante se fará menção.

« Um mancebo inexperiente das boas praxes sociaes
« recitou de um camarote da primeira ordem alguns
« versos, cujo merecimento litterario estava ao nivel
« da ideia bisonha e aparrada que lhes deu origem.

« O poeta, innocente semsaborão, não teve certa-
« mente ideia de offender nem magoar o coração de

« El-Rei, a quem vinha prestar homenagem, mas o
« verbo do seu enthusiasmo foi tão chilro e tão desca-
« bido da occasião e do assumpto, que a muitos pare-
« ceu affronta o que em boa verdade não passava de
« certo de uma pobre tolice desmedida de calculo.

« Os numerosos ouvintes, esperando que o fecho da
« *poesia* resalvasse o contexto d'ella, escutaram até o
« fim o montezinho poetastro, e ficaram varados de si-
« lencioso espanto ao vel-o terminar o sermão sem pe-
« dir Ave-Marias em favor do pregador!

« Pobre rapaz! esqueçamo-nos d'elle, e não lhe
« queiramos mal. Bastem-lhe os apupos com que o ha-
« de correr um dia a sua consciencia, quando o illus-
« trado espirito de ámanhã encarar a sós com o broeiro
« espirito de hontem á noite. Essa corrimaça do *eu* ao
« *eu* é a mais dolorosa cousa d'este mundo! Felizes
« os que tiveram ao entrar na vida braço amigo que os
« amparasse n'estes trambolhões da intelligencia que
« rompe catacega do cazulo em que hybernou a infan-
« cia!

« Os espectadores, obedecendo ao impeto do amor
« apparentemente — e só apparentemente — offendido
« por este inoffensivo descambo, esperaram El-Rei, ao
« entrar outra vez no camarote, tendo todos a pallidez
« do enthusiasmo nas faces, e a anciedade convulsiva
« pendente dos labios tremulos.

« A apparição de Suas Magestades foi emfim sauda-
« da com o mais phrenetico e estrepitoso delirio que na
« maior ovação d'este mundo póde imprimir o cunho
« do mais acrisolado e sincero amor.

« Nunca vimos em reunião alguma popular tão fe-
« bril, tão expansiva, tão unanime manifestação de en-
« thusiasmo. Bradavam vivas todas as bocas na plateia
« e camarotes, acenavam todos os chapeos, agitavam-se
« todos os lenços brancos.

« Era um grito unisono, immenso, grandioso. Era

« verdadeiramente a grande voz de um povo, sobre to-
« dos enthusiasta por tudo quanto é grande, saudando
« n'um rapto de enthusiasmo electrico o rei que ve-
« nera e ama.

«São esses por certo os sentimentos d'esta boa
« terra do Porto. Todos sabem aqui que os grandes
« exemplos não apoucam o heroismo de quem se préza
« e gloria de os seguir á risca.

«Pelo contrario; n'esse grandioso cotejo não sa-
« bemos qual é maior, se a iniciativa duas vezes lau-
« reada, se a modestissima virtude que desprende da
« fronte os loiros que de direito lhe pertencem para
« os depôr respeitosamente, todos e intactos, aos pés
« de uma veneranda memoria.

«Ninguem ha ahi que se atreva a decidir qual d'es-
« ses exemplos é mais preclaro e augusto.

«No meio da ebulição do enthusiasmo, ergueu-se
« a um banco da plateia o Snr. Pinheiro Caldas, e com
« voz potente, em que retumbava a mais vehemente
« convicção, bradou: *(Vide a poesia a paginas 275)*.

«Clamorosos vivas tresdobraram então o estridor
« da ovação, e repetidas acclamações saudaram o in-
« soffrido enthusiasmo do poeta, que no meio de mui-
« tos bravos e palmas repetiu o seu energico e ele-
« gante improviso».

No dia seguinte a agitação do povo crescia ainda. Muitos cavalheiros e pessoas influentes vieram então convidar-me para fazer parte d'uma deputação que deveria, em nome do povo, apresentar ao Rei os seus protestos de lealdade. Fui, e escrevi sobre o joelho, instado pelos meus amigos, a allocução que tive a honra de ler e apresentar a Sua Magestade, como presidente da grande commissão popular. O Senhor D. Luiz Primeiro estava profundamente commovido. A sua resposta foi breve. Aqui tendes a substancia das suas palavras:

« Comprehendo e avalio devidamente o sentido
« d'esta manifestação. Peço-lhe que transmitta a ex-
« pressão do meu reconhecimento a todas as pessoas
« aqui presentes, e ás corporações que ellas represen-
« tam. Se um dia o Throno Constitucional precisar de
« defensores, eu contarei sempre, como actualmente
« conto, muito particularmente com os meus amigos
« do Porto. »

Perto de quatrocentas pessoas entraram no paço. Fóra estavam seguramente mil e quinhentas.

Seja agora tambem a illustrada redacção do muito lido jornal, o *Diario Mercantil* de 4 de Dezembro, quem nos dê uma ideia d'esta manifestação espontanea:

« SUAS MAGESTADES NO PORTO.

« *Manifestação portuense* — Hontem de tarde Sua
« Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz recebeu *mais um*
« preito sincero, mais uma homenagem de amor, da
« parte dos portuenses.

« A' voz unisona dos jornaes portuenses, que todos
« á uma se associaram á ovação do theatro Baquet, jun-
« tou-se mais uma manifestação imponente do povo da
« cidade heroica.

« Um grande *meeting*, espontaneo e verdadeiramente
« popular, reuniu-se hontem na rua das Flores e no
« pateo da casa da Misericordia para ir d'alli dirigir
« uma declaração franca e livre, como francas e livres
« são sempre as expressões d'este bom povo.

« Publicamos em seguida a allocução que a deputa-
« ção d'esse *meeting* foi, acto continuo, levar ao paço.

« Está ella assignada por membros de todas as clas-
« ses. Significa a unanimidade portuense.

« E' o primeiro dos signatarios o nosso amigo, o
« Snr. Pinheiro Caldas, o mesmo que no theatro tanto

« concorreu para vingar o nome do Porto, e que em
« todos os actos se mostra portuense de lei.

« A elle, e aos cavalheiros que o acompanharam,
« foram-se juntando, por todas as ruas por onde pas-
« savam, muitas pessoas que em reuniões, aqui e alli,
« se achavam possuidas dos mesmos briosos sentimen-
« tos.

« Todos foram recebidos por El-Rei, que ficou de
« veras penhorado com mais esta prova de cordial es-
« tima, e que permittiu a todos a graça de lhe beija-
« rem a mão.

« Depois que os cavalheiros, membros da deputa-
« ção, se retiraram, extraordinario concurso de povo
« se juntou debaixo das janellas do paço, victoriando
« enthusiasticamente Suas Magestades.

« El-Rei veio agradecer á janella taes provas d'amor,
« o que fez redobrar o enthusiasmo.

« Eis a allocução:

« SENHOR! — Na ante-vespera da partida de Vossa
« Magestade o povo portuense não póde prescindir da
« subida honra qne lhe cabe, vindo, respeitoso e sub-
« misso, depôr aos pés do Throno Constitucional a ex-
« pressão sincera e legitima da sua intima lealdade.

« O povo portuense ama, adora, idolatra o REI, a
« RAINHA, e a sua augusta dynastia!

« Para sustentar e defender o Throno de Vossa Ma-
« gestade, o Porto será sempre o cidadão prestante, o
« amigo esforçado, o soldado corajoso, que presta ao
« seu Rei e ás instituições liberaes a honra e o nome,
« o valor e a vida!

« Sirva-se Vossa Magestade acceitar os vehementes
« protestos da nossa constante adhesão.

« Porto, 2 de Dezembro de 1863 ».

Ficaria imperfeita esta noticia se não désse lugar em seguida á allocução do Ex.mo Snr. Governador Civil do Porto. Eil-a:

«Habitantes do districto do Porto! Sua Magestade « El-Rei o Senhor D. Luiz Primeiro, ao honrar-me com « as suas ordens á sahida d'este districto, no seu re- « gresso á capital, dignou-se encarregar-me de teste- « munhar-vos o seu real agrado e reconhecimento pelos « extremos de affectuosissima homenagem e demons- « trações de acrisolada dedicação e amor com que fes- « tejastes a sua vinda, em companhia de Sua Magestade « a Rainha, a esta mui nobre, invicta e sempre leal ci- « dade do Porto.

«Recebei, pois, vós todos, e especialmente os ha- « bitantes d'esta cidade, que com tanto brilho e ma- « gnificencia acabam de patentear mais uma vez ás « pessoas reaes a veneração que lhes consagram, a ex- « pressão do sentir do Augusto Chefe do Estado, que, « á distincta honra de benevolente preferencia, na sua « primeira visita ás provincias, depois da sua elevação « ao throno, e do seu ditoso consorcio, quiz ainda « juntar a de dar-vos na despedida nova prova do muito « que vos considera e preza.

«Porto, 6 de Dezembro de 1863. = O Governador « Civil, *Miguel do Canto e Castro*».

XXVI. — pag. 277.

BELLEZAS DE PORTUGAL.

Esta poesia, transcripta em quasi todas as folhas do Porto, e reproduzida em varios jornaes do Brazil, foi acolhida com interesse.

Do n.º 48 do *Nacional*, publicado em 28 de Fevereiro de 1853, transcrevo as seguintes linhas, devidas á penna elegante do Snr. Camillo Castello Branco:

« As *Bellezas de Portugal*, do Snr. Pinheiro Caldas, « podem tambem chamar-se as bellezas da poesia por-

« tuense desde que o Porto fecunda poetas. Não te-
« nho deparado, n'este assumpto gasto, um viço tal de
« originalidade e grandeza como n'esta saudosa elegia
« que o Snr. Pinheiro Caldas meditou sobre as hastes
« partidas dos nossos pendões gloriosos. E' uma crea-
« ção portugueza, um assomo de genio, que faz lem-
« brar os rasgos sublimes da lança em tempos que a
« lança fallava mais alto que a intelligencia. »

Estas palavras escrevi-as ha muito com as tintas do sentimento no livro do meu coração.

Ao mui distincto litterato que m'as dirigiu só pude, estreitando-lhe entre as minhas a mão que me estendia, dizer-lhe apenas: « Muito obrigado!... »

Esta acceitação geral, estes elogios — não mendigados — de sobejo me pagaram as muitas fadigas que tive ao levantar este singelo padrão ás grandezas da minha patria.

Agora, sem vaidade nem ostentação, declaro que não trocaria hoje as palavras do Snr. Camillo Castello Branco pelas mais brilhantes distincções honorificas.

Se me chamarem orgulhoso, direi que ha muitos orgulhos nobres e justificados, e que a minha consciencia me diz que este é um d'elles.

XXVII. — pag. 300.

LAMENTOS.

Na maior parte dos exemplares da folha em que sahiu esta poesia escapou um erro. Ahi vai a emenda. Se encontrardes a pag. 303 este verso:

Alentando-te, viçosa,

Dizei: *Alentando-se, viçosa.*

Á MEMORIA DE MINHAS FILHAS.

O ANJO DA MINHA GUARDA, pag. 309 — ANGUSTIA SUPREMA, pag. 311 — RECEIOS, ESPERANÇAS, pag. 315.

As minhas pobres filhas MARIA, JULIA e AMELIA já não existem!...

MARIA nasceu no Porto em 29 de Julho de 1854, e no Porto morreu no dia 6 de Dezembro de 1856.

JULIA nasceu no Porto em 25 de Abril de 1852, e morreu em S. João da Foz no dia 6 de Agosto de 1863.

AMELIA nasceu no Porto em 4 de Abril de 1856, e morreu em S. Roque da Lameira no dia 7 de Junho de 1864.

Todas ELLAS se acham sepultadas, bem como meu Pae e minha Mãe, em JAZIGO DE FAMILIA que mandei fazer no cemiterio de NOSSA SENHORA DO CARMO, de cuja respeitavel Ordem eu e minha mulher somos irmãos.

Que eu possa um dia dormir o meu ultimo somno ao lado dos Entes que tão caros me foram na existencia, — é este o meu mais ardente desejo.

Tenho chorado tanto, na vida, que não sei como ainda tenho lagrimas para dar ás pungentes saudades que em minha alma se despertam ao escrever agora esta ultima nota, para mim tão melancolica e sentida.

FIM.

INDICE.